

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Filosofia, Sociologia e Política**  
**Programa de Pós-Graduação em Sociologia**



**Dissertação**

**A ALIANÇA SINO-RUSSA E A GUERRA NA UCRÂNIA:**

Indícios históricos do século XXI

**Wander Catarina dos Santos**

**Pelotas, 2025**

**Wander Catarina dos Santos**

**A Aliança Sino-Russa e a Guerra na Ucrânia:  
Indícios Históricos do Século XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Rodrigo Cantu de Souza

Pelotas, 2025

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas

Catálogo da Publicação

S237a Santos, Wander Catarina dos

“A aliança sino-russa e a guerra na Ucrânia: indícios históricos do século XXI” [recurso eletrônico] / Wander Catarina dos Santos ; Rodrigo Cantu de Souza, orientador. — Pelotas, 2025.  
166 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2025.

1. Aliança sino-russa. 2. Guerra na Ucrânia. 3. Sistema-Mundo. 4. transição hegemônica. 5. Segurança Internacional. I. Souza, Rodrigo Cantu de, orient. II. Título.

CDD 320.12

Elaborada por Fabiano Domingues Malheiro CRB: 10/1955

Wander Catarina dos Santos

A aliança sino-russa e a Guerra na Ucrânia: indícios históricos do século XXI

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 27/02/2025

Banca examinadora:



Prof. Dr. Rodrigo Cantu de Souza (Orientador)  
Doutor em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ)



Prof. Dr. Alfredo Walter Falero Cirigliano  
Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de La República (UDELAR)



Prof. Dr. Pedro dos Santos Borba  
Doutor em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ)

**Dedico este trabalho às futuras gerações, na esperança de que compreendam os desafios do presente e construam um mundo menos marcado por antagonismos. Aos que, desde minha infância, deixaram comigo ensinamentos. Que este estudo seja um testemunho da complexidade do nosso tempo e do compromisso com o conhecimento.**

## **Agradecimentos**

Chegar até aqui demandou sacrifício. Foi um caminho solitário em muitos momentos, e, por vezes, precisei me perguntar se realmente valeria a pena seguir adiante. Esta dissertação é fruto não apenas do meu esforço, mas também da caminhada de muitas pessoas que vieram antes e pavimentaram as condições para que eu pudesse estar neste espaço. Sou fruto de políticas públicas e do compromisso com a democratização do ensino superior. Meu ingresso por ações afirmativas e minha trajetória na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis são reflexos diretos do empenho coletivo de gerações que lutaram pela ampliação do acesso e permanência na universidade. Agradeço, a todos aqueles que, por meio de suas lutas, tornaram possível a existência de programas como o PNAES, permitindo que estudantes como eu pudessem não apenas ingressar, mas também permanecer e concluir sua formação.

A Moradia Estudantil foi mais do que uma moradia para mim; foi um espaço de construção coletiva, resistência e aprendizado. Sempre, ou quase sempre, morei nela, e tive a honra de contribuir para seu fortalecimento ao longo da minha trajetória acadêmica. Agradeço a todos/as que compartilharam essa jornada comigo, dividindo não apenas momentos, mas também sonhos, desafios e conquistas. Agradeço, também, à minha família: meu pai, minha mãe e meu irmão, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram nos momentos mais difíceis, ainda que, muitas vezes, a distância. Seu apoio incondicional foi essencial para que eu chegasse até aqui.

Não poderia deixar de expressar minha gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPel e a CAPES, que me proporcionaram um ambiente intelectual estimulante e desafiador. Meu reconhecimento se estende a todos os/as professores/as que tive em vida e, especialmente, ao meu orientador, cuja presença constante e orientação foram fundamentais para que esta pesquisa se concretizasse. Seu compromisso e dedicação me ensinaram não apenas sobre o ofício da pesquisa, mas também sobre a ética acadêmica e o rigor intelectual.

E, por fim, ao Universo, meu muito obrigado. Pelas circunstâncias, pelos encontros, pelos desafios e por cada detalhe que, de alguma forma, me trouxe até aqui.

## Resumo

SANTOS, Wander Catarina dos. **A aliança sino-russa e a guerra na Ucrânia: indícios históricos do século XXI.** Orientador: Rodrigo Cantu de Souza. 2025. 166 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.

Esta dissertação examina a aliança sino-russa à luz das crises sistêmicas e das transições hegemônicas do século XXI, tomando como ponto de inflexão analítico a guerra na Ucrânia. Inscrita na tradição da análise do sistema-mundo, a pesquisa estrutura-se a partir das formulações de Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi, articulando-as à emergência de um eixo sino-russo que desafia a ordem liberal ocidental. A hipótese central é que a intensificação da parceria técnico militar entre China e Rússia não apenas tensiona o equilíbrio geopolítico global, mas antecipa uma reconfiguração hegemônica com implicações diretas para a segurança internacional, a governança global e a arquitetura do poder mundial. Metodologicamente, emprega-se o *process tracing* e estudo de caso, com análise de conteúdo orientada por fontes primárias e secundárias (documentos oficiais, bancos de dados como SIPRI e RAND, e literatura especializada). Os resultados indicam que a cooperação sino russa extrapola os limites da retórica diplomática e configura uma resposta sistêmica às dinâmicas de contenção promovidas pelo Ocidente desde o fim da Guerra Fria. Ao examinar as dimensões estratégicas, militares, tecnológicas e diplomáticas dessa aliança, conclui-se que ela opera como vetor de uma nova gramática geopolítica, cujo centro de gravidade se desloca do Atlântico para o espaço euro-asiático. Trata-se, pois, de um estudo sobre as fraturas da ordem vigente, os realinhamentos emergentes e os possíveis contornos de uma nova ordem multipolar em constituição.

Palavras-chave: aliança sino-russa; guerra na Ucrânia; sistema-mundo; transição hegemônica; segurança internacional.

## Abstract

SANTOS, Wander Catarina dos. **The Sino-Russian Alliance and the War in Ukraine: Historical Indications of the 21st Century.** Advisor: Rodrigo Cantu de Souza. (Master's thesis, Federal University of Pelotas). Institute of Philosophy, Sociology, and Politics, Pelotas, Brazil, 2025. 166 pp.

This dissertation examines the Sino-Russian alliance through the lens of systemic crises and hegemonic transitions in the 21st century, using the war in Ukraine as a pivotal analytical juncture. Grounded in the world-systems analysis tradition, the study draws upon the theoretical frameworks of Immanuel Wallerstein and Giovanni Arrighi to explore the emergence of a Sino-Russian axis that challenges the Western liberal order. The central hypothesis posits that the intensification of technical-military cooperation between China and Russia not only strains the global geopolitical equilibrium but also signals an impending hegemonic reconfiguration with direct implications for international security, global governance, and the architecture of world power. Methodologically, the research employs process tracing and case study approaches, incorporating content analysis of both primary and secondary sources, including official documents, databases such as SIPRI and RAND, and specialized literature. Findings indicate that Sino-Russian cooperation transcends diplomatic rhetoric, constituting a systemic response to Western containment strategies post-Cold War. By examining the strategic, military, technological, and diplomatic dimensions of this alliance, the study concludes that it functions as a vector of a new geopolitical grammar, shifting the center of gravity from the Atlantic to the Eurasian space. This research thus contributes to the understanding of the fractures in the prevailing order, emerging realignments, and the potential contours of a nascent multipolar world order.

Keywords: Sino-Russian alliance; Ukraine war; world-systems analysis; hegemonic transition; international security.

**“While economics is about how people  
make choice, sociology is about how they  
don’t have any choice to make.”  
(Bertrand Russell)**

## Lista de Figuras

- Figura 1 Russian Arms Sales to China (total revenue from 2010-2021, millions of US dollars)
- Figura 2 Cronograma de Execução
- Figura 3 Diagrama Causal das variáveis da Guerra na Ucrânia
- Figura 4 15 Largest Defense-Related Firms in the World
- Figura 5 Distribuição por categoria de armamentos (2014-2023).
- Figura 6 Valores anuais de entrega de TIV (2014-2023).
- Figura 7 Quadro Síntese

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 (RE)CONFIGURAÇÃO DO SISTEMA-MUNDO.....</b>	<b>24</b>
2.1 Gravitação geopolítica.....	35
2.2 Confluência das órbitas: A trajetória convergente de Pequim à Moscou.....	39
2.3 O conflito na Ucrânia: Reverberações globais.....	40
2.4 Oscilação das esferas de influência: Reconfiguração do poder.....	52
2.5 Impacto da colisão: Onda de choque diplomático.....	54
2.6 Considerações finais.....	56
<b>3 O QUE CONSTITUI A ALIANÇA ENTRE CHINA E RÚSSIA?.....</b>	<b>60</b>
3.1 A lógica das alianças.....	65
3.2 A evolução das relações entre China e Rússia.....	71
3.3 As regras do jogo geopolítico.....	74
3.4 Panorama do séc. XXI: China, EUA, Ucrânia, União Europeia e Rússia.....	80
3.5 Considerações finais.....	96
<b>4 ITINERÁRIO EPISTÊMICO-METODOLÓGICO.....</b>	<b>98</b>
<b>4.1 Metodologia Científica.....</b>	<b>98</b>
4.1.2 Variáveis Independentes e Dependentes.....	100
4.1.2.3 Conceito e Diferenciação.....	100
4.2 Instrumentos Metodológicos.....	104
4.2.1 Process Tracing.....	104
4.2.2 Estudo de Caso.....	106
4.3 Análise empírica das tendências nas transferências militares sino-russas.....	109
<b>5 A DIMENSÃO TÉCNICO-MILITAR DA COOPERAÇÃO SINO-RUSSA.....</b>	<b>118</b>
5.1 Horizonte Histórico das relações bilaterais sino-russas (1991-2024) .....	118
5.2 A Estrutura e a Lógica do Complexo Militar Industrial Russo.....	130
5.3.1 Transferência Tecnológica e Cooperação Sino-Russa.....	141
5.3.2 Categoria de Armamentos Transferidos.....	141
5.3.3 Evolução do Comércio Militar.....	<b>143</b>
5.3.4 Considerações e Implicações para o Sistema-Mundo Contemporâneo.....	146
<b>6 CONCLUSÕES.....</b>	<b>147</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>157</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação propõe uma análise das crises sistêmicas e das transições hegemônicas que moldam o sistema interestatal contemporâneo do século XXI. Dessa forma, através de um exame detalhado das interações entre as grandes potências, busca-se elucidar como as estruturas econômicas e políticas influenciam a formação de ordens mundiais e o deslocamento hegemônico.

Os indícios de um sistema-mundo multipolar, delineado por dinâmicas de cooperação e confronto que definem as relações entre as potências e a política internacional do século XXI, constituem o cerne deste trabalho. A (re)configuração do poder global, impulsionada pelas ações estratégicas de grandes potências como a República Popular da China (中华人民共和国) e a Federação Russa (Российская Федерация) especialmente no contexto da Guerra na Ucrânia (Україна), oferece uma lente relevante para a análise das mudanças nas estruturas de poder e na paisagem do sistema mundial de nações.

O presente estudo, examina como a aliança sino-russa, dentro deste cenário, influencia as transformações do sistema internacional, redefinindo alianças, antagonismos internacionais e a própria lógica da diplomacia global. Dessa maneira, primordialmente, o objetivo desta dissertação é investigar as implicações da aliança sino-russa para a (re)configuração do sistema-mundo, com um enfoque nos desdobramentos da Guerra na Ucrânia.

A hipótese central é que o fortalecimento das relações sino-russas aceleradas pela intervenção da Rússia na Ucrânia (2022), não apenas desafia a ordem global vigente, mas também catalisa a formação de uma ordem multipolar. Com base nesse contexto, torna-se imprescindível o quadro teórico sobre as dinâmicas do sistema-mundo propostas por Immanuel Wallerstein (1930-2019), especialmente no que concerne às crises sistêmicas e às transições hegemônicas que ele delineia, bem como são observados nos trabalhos de Giovanni Arrighi (1917-2009).

Os trabalhos de Wallerstein (1974, 1993, 2004) e Arrighi (1993, 2007), fornecem ferramentas analíticas cruciais para entender as complexidades e as dinâmicas da economia-mundo capitalista e dos sistemas de poder. Wallerstein (1974), com sua perspectiva sobre a hierarquia global e a história da economia-mundo

(Wallerstein, 1974) juntamente com Arrighi (1994) e sua interpretação dos ciclos sistêmicos de acumulação capitalista, fornece uma estrutura teórica capaz de examinar as mudanças na dinâmica da arquitetura global.

Conforme Wallerstein (1974), o sistema-mundo é dinâmico, suscetível a períodos de expansão e contração econômica e crise sistêmica, que influenciam e moldam diretamente as estruturas de poder político e econômico global, bem como a percepção de ameaças entre as nações. A ascensão de novos pólos de poder, especialmente na Ásia, e a persistência da influência russa, expresso na sua intervenção na Ucrânia, possuindo um caráter defensivo diante dos interesses expansionistas da OTAN, denotam um projeto político por parte da Rússia para reconstruir e reivindicar dentro da história, a reconstituição dos territórios dos antigos *czares*, que antes foram repúblicas soviéticas e na contemporaneidade, são denotados como espaços pós-soviéticos. Tais circunstâncias possivelmente exemplificam uma transição hegemônica e seguramente constituem uma contraposição ao Ocidente.

Desta maneira, a teoria do sistema-mundo continua a ser uma ferramenta útil para examinar conflitos contemporâneos, como a Guerra na Ucrânia, e como a transição entre as potências ocorre. A teoria permite aos analistas compreenderem como esses eventos e as relações assimétricas se enquadram em um contexto mais amplo de fluxos econômicos e políticos globais, além de como influenciam e são influenciados pela hierarquia global e os ciclos de hegemonia.

O núcleo teórico de Wallerstein (1974) propõe que o mundo é um sistema composto por uma economia-mundo integrada, cuja estrutura se dá em torno de uma divisão internacional do trabalho, segmentada em regiões mais industrializadas, em termos gerais, o centro econômico (*core*) composto pelas nações mais industrializadas, que institucionalizam e centralizam o poder decisório político e monetário; na periferia cuja exploração de matérias-primas e exportação de insumos agrícolas constitui a principal fonte econômica desses países agrário-exportadores, que desempenham o papel de fornecedor de matérias-primas para as indústrias dos países do norte global mais industrializados; e na semiperiferia, cujo papel na divisão internacional do trabalho diz respeito à absorção de tensões econômicas e políticas.

A perspectiva teórica de Wallerstein (1974) permite compreender as flutuações econômicas e políticas na linha do tempo, possibilitando aos estudiosos mapear como

novos centros de poder emergem e como as potências reagem ao perceberem as mudanças, sob um ambiente conflituoso.

A abordagem de Wallerstein (1974, 2004) rejeita as premissas que veem os Estados-nações como entidades isoladas, ou as perspectivas que reduzem a explicações simplistas sobre a dinâmica do poder global, desconsiderando as relações entre os aspectos econômicos e políticos. A análise do sistema-mundo (ASM) pode ser aplicada para explorar como a Guerra na Ucrânia reflete e impacta a estrutura de poder global. Esta abordagem pode revelar como o conflito pode estar relacionado a tentativas de redefinir o equilíbrio de poder na Europa Ocidental (Europa do núcleo), influenciando as dinâmicas de poder entre as grandes potências, especialmente entre a Rússia e os países da OTAN.

Quanto às relações sino-russas, a ASM esclarece/clarifica como alianças estratégicas podem funcionar como um contrabalanceamento/contrapeso ao domínio tradicionalmente ocidental, desafiando a atual configuração de poder e potencialmente catalisando uma transição hegemônica. Para ampliar o quadro teórico discutido previamente, pode-se considerar integrar novos atores no seu escopo de análise, incorporar a ascensão de novos atores estatais e não estatais que desempenham papéis significativos nas economias globais, como corporações multinacionais e organizações internacionais. Além disso, considerar o impacto das tecnologias emergentes que estão reconfigurando os processos produtivos e as relações econômicas globais.

Nessa direção, Arrighi (2007) complementa essa visão ao observar que cada ciclo de hegemonia global envolve uma reorganização significativa da ordem global, marcada pela emergência de novas potências, enquanto outras declinam (Arrighi, 2007). Além disso, Arrighi (1994) discute que nas fases de expansão material, o capital monetário coloca em movimento uma massa de mercadorias, que inclui a força de trabalho e “as dádivas da natureza”, tudo transformado em mercadoria, e a acumulação prossegue através de acordos financeiros, tal como na fórmula do capital abreviada por Marx.

Conforme Arrighi (1994, p. 23) explica “a dinâmica da acumulação de capital não é meramente linear, mas caracterizada por ciclos de expansão seguidos por períodos de contração”. Esses períodos de contração surgem quando “o reinvestimento de capital em setores já saturados leva a retornos decrescentes”, estagnando o processo de acumulação (Arrighi, 1994, p. 23). Esta diminuição dos

lucros é crucial, pois implica que “a mais-valia gerada anteriormente não consegue mais ser reinvestida eficazmente para produzir taxas de lucro comparáveis” (Arrighi, 1994, p. 24). Arrighi (1994) descreve este fenômeno como um momento de crise sistêmica, em que a configuração econômica existente não sustenta mais a expansão contínua, sinalizando a necessidade de uma transformação estrutural ou de realocação do capital para novos setores ou geografias. Arrighi (1993, 2007) e Wallerstein (1974, 1993, 2004) assinalaram para o declínio da hegemonia estadunidense. Contudo, há certas singularidades que devem ser pontuadas neste processo em curso. A possibilidade da China como *hegemón* muda o padrão histórico, por conta da sua alta densidade populacional. Os trabalhos que se debruçam sobre a transição hegemônica elaborados por Arrighi (1994) consideram as nuances da acumulação de capital e as flutuações do poder econômico como fundamentais para entender as mudanças no ciclo sistêmico de acumulação.

Ao desenvolver o conceito de "Ciclos Sistêmicos de Acumulação", Arrighi (2007), analisa a dinâmica do capitalismo à luz das transformações hegemônicas mundiais. Esses ciclos são períodos históricos durante os quais um determinado estado ou região domina a economia mundial, não apenas em termos econômicos, mas, também, em termos políticos e militares. Cada ciclo passa por fases de expansão material, em que a acumulação de capital é principalmente produtiva, seguida por uma fase de financeirização, na qual o capital monetário se torna predominante.

A fase material destaca-se pela acumulação de capital sendo direcionada para a expansão das capacidades produtivas e infraestrutura. A economia dominante exerce influência direta sobre outras economias através de expansão territorial, colonialismo ou outras formas de dominação econômica (Arrighi, 1993).

Segundo Arrighi (1993), a fase financeira se dá como resposta à saturação dos mercados e à redução dos retornos sobre investimentos produtivos, e o capital se desloca para o setor financeiro, onde busca rentabilidade por meio de especulação financeira, fusões e aquisições, e outras atividades financeiras. Sob essa perspectiva, a atual expansão financeira não seria inédita. Esta fase muitas vezes precede o declínio da potência *hegemón*.

A observação denotada por Arrighi (2007) sobre cada ciclo de hegemonia global envolvendo uma reorganização das frações do capital, bem como suas singularidades, levantam implicações como as indicadas pelos modelos propostos por Wallerstein (1974, 2004) e Arrighi (1993, 2007) em suas investigações, quando

aplicados ao estudo da aliança sino-russa, mostrando-se quadros conceituais frutíferos para explicar e descrever um movimento em direção a uma nova configuração geopolítica e econômica, que desafia a hegemonia tradicionalmente ocidental.

Arrighi (2007) sugere que o declínio de uma hegemonia e a emergência de outra podem ser marcados por realinhamentos geopolíticos significativos. A aliança entre a China e a Rússia pode ser vista como uma estratégia contra-hegemônica em resposta ao declínio percebido da influência estadunidense, especialmente em termos de redefinição das dinâmicas de poder na Ásia e em outras partes do globo. O ponto nevrálgico desta dissertação suscita que as transições hegemônicas são frequentemente acompanhadas por corridas armamentistas, produção de artefatos sendo incorporados às inovações tecnológicas que, posteriormente, passarão pelo processo de transferência de tecnologia (Dual Use), a exemplo: Sistema de Posicionamento Global (GPS), inicialmente desenvolvido pelo Departamento de Defesa U.S, para fins militares, atualmente é amplamente utilizado em sistemas de navegação, agricultura, mapeamento etc.

A colaboração sino-russa em tecnologia militares de defesa reflete esta tendência, indicando uma tentativa de desafiar a supremacia tecnológica ocidental e redefinir o equilíbrio de poder militar global. Nessa direção, Arrighi (2008) observa que as fases financeiras dos ciclos de acumulação frequentemente prenunciam mudanças na arquitetura financeira global. A iniciativa da China em estabelecer alternativas ao sistema financeiro dominado pelo Ocidente, como o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB), exemplifica como novos centros de poder procuram influenciar as regras do sistema financeiro global.

O trabalho desenvolvido por Arrighi (1993, 2008) centra seus esforços no estudo de como novas configurações de poder podem emergir e estabilizar-se dentro do sistema global. O autor sugere que a análise se concentre não apenas nos aspectos econômicos, mas também nas dimensões políticas, culturais e militares da acumulação de capital e de poder (ARRIGHI, 2008). Sua análise ainda se mostra pertinente, proporcionando uma compreensão mais acentuada das motivações e consequências das alianças internacionais, sobretudo, em contextos bélicos, como a Guerra na Ucrânia.

De outro modo, a estrutura teórica adotada desconsidera análises que isolam fenômenos econômicos do seu contexto socioeconômico e militar. Para superar as

limitações desse modelo, é pertinente incluir uma análise dos impactos ambientais e sociais, que desempenham um papel estrutural na dinâmica contemporânea do capitalismo global. Nesse sentido, Minqi Li (2010) oferece uma crítica contundente ao modelo de acumulação capitalista, argumentando que suas contradições internas não se limitam apenas aos ciclos sistêmicos de hegemonia, como descrito por Arrighi, mas se estendem às crises ambientais e aos desequilíbrios econômicos irreversíveis. O caso do colapso ecológico na China ilustra essa dinâmica de forma emblemática. O crescimento vertiginoso da economia chinesa, sobretudo após as reformas de Deng Xiaoping, promoveu uma industrialização massiva, ancorada na exploração intensiva de recursos naturais, resultando em níveis alarmantes de poluição do ar e da água. Dados do Banco Mundial indicam que, entre 2000 e 2020, aproximadamente 30% das reservas de água doce do norte da China foram severamente contaminadas, comprometendo a segurança hídrica de milhões de pessoas e elevando os custos sociais e econômicos da expansão capitalista.

Ao expandir a análise para além dos ciclos de acumulação e das transições hegemônicas, Minqi Li (2010) demonstra como a lógica expansiva do capital – que Arrighi descreve em sua abordagem sobre os regimes de acumulação – enfrenta, no século XXI, um limite material imposto pelo esgotamento de recursos naturais e pelas mudanças climáticas. Para Li, a insustentabilidade ecológica do capitalismo não é um fator contingente, mas estrutural, funcionando como um obstáculo definitivo à perpetuação das lógicas de expansão e financeirização descritas por Arrighi. O caso do degelo do Ártico e a disputa geopolítica pelos recursos energéticos dessa região exemplificam essa tensão. O derretimento acelerado das calotas polares, impulsionado pela atividade industrial e pelo uso indiscriminado de combustíveis fósseis, tem aberto novas rotas comerciais e de exploração mineral, transformando uma catástrofe climática em um novo campo de disputa entre grandes potências, especialmente China, Rússia e Estados Unidos. Tal cenário evidencia como as contradições ambientais do capitalismo não apenas limitam seu desenvolvimento, mas também criam novas frentes de competição e conflito, demonstrando que a crise ecológica não é um elemento secundário, mas um fator determinante na reconfiguração da ordem global.

Dessa forma, a abordagem de Minqi Li (2010) pode ser vista não apenas como uma crítica, mas como uma extensão analítica que adiciona uma dimensão ecológica aos ciclos sistêmicos de acumulação, evidenciando a crescente centralidade das

crises ambientais na transformação da ordem mundial. O colapso das cadeias produtivas durante a pandemia de COVID-19 exemplifica esse ponto, pois expôs a fragilidade do modelo econômico globalizado, baseado em cadeias de suprimentos longas e dependentes de insumos provenientes de diferentes partes do mundo. A escassez de semicondutores, desencadeada pela interrupção da produção na Ásia, demonstrou como a degradação ambiental e as crises sanitárias podem atuar como variáveis estruturais na economia global, acelerando a transição para novas formas de organização produtiva e de poder. Assim, ao incorporar a perspectiva de Minqi Li (2010), a análise das transições hegemônicas precisa considerar não apenas fatores geopolíticos e econômicos, mas também os impactos ambientais como variáveis de peso na determinação dos limites do capitalismo e na ascensão de novas configurações de poder no sistema-mundo.

De outro modo, a estrutura teórica adotada desconsidera análises que isolam fenômenos econômicos do seu contexto socioeconômico e militar. Para superar as limitações desse modelo, é pertinente incluir uma análise dos impactos ambientais e sociais, que desempenham um papel estrutural na dinâmica contemporânea do capitalismo global. Nesse sentido, Minqi Li (2010) oferece uma crítica contundente ao modelo de acumulação capitalista, argumentando que suas contradições internas não se limitam apenas aos ciclos sistêmicos de hegemonia, como descrito por Arrighi, mas se estendem às crises ambientais e aos desequilíbrios econômicos irreversíveis. O caso do colapso ecológico na China ilustra essa dinâmica de forma emblemática. O crescimento vertiginoso da economia chinesa, sobretudo após as reformas de Deng Xiaoping, promoveu uma industrialização massiva ancorada na exploração intensiva de recursos naturais, resultando em níveis alarmantes de poluição do ar e da água.

Ao expandir a análise para além dos ciclos de acumulação e das transições hegemônicas, Minqi Li (2010) demonstra como a lógica expansiva do capital – que Arrighi descreve em sua abordagem sobre os regimes de acumulação – enfrenta, no século XXI, um limite material imposto pelo esgotamento de recursos naturais e pelas mudanças climáticas. Para Li (2010), a insustentabilidade ecológica do capitalismo não é um fator contingente, mas estrutural, funcionando como um obstáculo definitivo à perpetuação das lógicas de expansão e financeirização descritas por Arrighi. O caso do degelo do Ártico e a disputa geopolítica pelos recursos energéticos dessa região exemplificam essa tensão. O derretimento acelerado das calotas polares, impulsionado pela atividade industrial e pelo uso indiscriminado de combustíveis

fósseis, tem aberto novas rotas comerciais e de exploração mineral, transformando uma catástrofe climática em um novo campo de disputa entre grandes potências, especialmente China, Rússia e Estados Unidos.

Dessa forma, a abordagem de Minqi Li (2010) pode ser vista não apenas como uma crítica, mas como uma extensão analítica que adiciona uma dimensão ecológica aos ciclos sistêmicos de acumulação, evidenciando a crescente centralidade das crises ambientais na transformação da ordem mundial. O colapso das cadeias produtivas durante a pandemia de COVID-19 exemplifica esse ponto, pois expôs a fragilidade do modelo econômico globalizado, baseado em cadeias de suprimentos longas e dependentes de insumos provenientes de diferentes partes do mundo. A escassez de semicondutores, desencadeada pela interrupção da produção na Ásia, demonstrou como a degradação ambiental e as crises sanitárias podem atuar como variáveis estruturais na economia global, acelerando a transição para novas formas de organização produtiva e de poder. Assim, ao incorporar a perspectiva de Minqi Li, a análise das transições hegemônicas precisa considerar não apenas fatores geopolíticos e econômicos, mas também os impactos ambientais como variáveis de peso.

Esta dissertação apresenta uma abordagem qualitativa, utilizando-se das técnicas de análise de conteúdo e do *process tracing*, para compreender as causas subjacentes à Guerra da Ucrânia. Dessa forma, o *process tracing* é uma técnica qualitativa que, segundo George e Bennett (2005), é essencial para analisar as sequências de eventos dentro de um caso específico. Esta abordagem será aplicada para traçar a evolução da aliança sino-russa e suas interações no conflito na Ucrânia, permitindo uma análise detalhada de como as decisões políticas estratégicas e diplomáticas, bem como a política externa das respectivas potências, contribuíram para os eventos atuais. Através do *process tracing*, a pesquisa busca identificar os mecanismos causais subjacentes que ligam ações e decisões individuais a consequências maiores no cenário internacional.

Em complementaridade, são empregados multimétodos para coleta de dados que mapeiam o fluxo global de armas e como as grandes potências influenciam essas transferências, compreendendo assim a produção das armas e o desenvolvimento das pesquisas científico-militares entre China e Rússia. Ao construir o percurso metodológico descrito nas linhas acima, é possibilitado interrogar os documentos

oficiais, as declarações políticas, os acordos assinados, traçando a evolução da cooperação sino-russa e sua influência na política global.

Através deste caminho, compreende-se que os dados relativos ao fluxo de armas são essenciais para compreender a dimensão militar que envolve as relações bilaterais sino-russas e os desdobramentos do conflito na Ucrânia. Desse modo, a dissertação reúne, organiza e sistematiza informações coletadas do *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI), apresentando os dados detalhados sobre transferências de armas, produção e comércio militar global; do *European Council Foreign Relations* (ECFR), que fornece contribuições acerca das movimentações militares e estratégicas, incluindo o fluxo de armamentos e as respostas internacionais; do *U.S. Department of State*, que oferece dados sobre os tratados de redução de armas e as obrigações internacionais dos Estados Unidos e da Rússia, proporcionando um contexto quantitativo para o entendimento das limitações e regulações do armamento nuclear; da *RAND Corporation*, que permite ser utilizado como uma ferramenta para mensurar a dimensão da cooperação militar e tecnológica entre a China e a Rússia, incluindo a partilha de tecnologias de defesa e a produção conjunta de armamentos; do *Carnegie Endowment for International Peace*, que é um importante instrumento para examinar/exumar a política externa e de segurança da China, incluindo sua cooperação militar e estratégica com a Rússia. Estas análises auxiliam na compreensão do papel da China no sistema mundial de segurança e como isso afeta a estabilidade global (mensurar impactos).

Os dados extraídos dos relatórios sobre proliferação nuclear e controle de armas ilustram sobre os tratados de armas, as negociações de desarmamento e o *status* das forças nucleares mundiais, sendo essenciais para entender os riscos associados à corrida armamentista e às estratégias de contenção (dissuasão).

Por fim, algumas considerações prévias podem ser tecidas com base no *memorandum* elaborado pelo *Center for Naval Analyses* (CNA), traçando a trajetória da relação entre China e Rússia na esfera de Cooperação Técnico Militar (MTC), bem como examinando os níveis de cooperação militar com base em sete áreas temáticas, estabelecendo uma escala. As análises e conclusões da organização podem refletir as respostas e as reações imediatas à transição hegemônica que se presencia.

O *process tracing*, aplicado ao estudo da eclosão da guerra na Ucrânia, oferece uma perspectiva sólida para compreender os fatores causais e contextuais que levaram a esse evento bélico. No caso do conflito russo-ucraniano, pode-se

considerar algumas comparações com crises anteriores, como o colapso da Iugoslávia (1990), para entender como elementos semelhantes, como nacionalismo étnico, tiveram um papel importante na eclosão do conflito.

A análise comparativa dos discursos políticos e alianças regionais podem revelar como eventos passados moldaram as narrativas e estratégias adotadas por diferentes atores. A primeira etapa é a identificação das causas principais (ou suficientes), as quais devem dialogar com as condições necessárias, ou seja, “encontrar as condições necessárias diz respeito à presença ou ausência do resultado que se quer explicar” (AMORIM NETO E RODRIGUEZ, 2016, p.1007).

Nessa direção, os argumentos de Mahoney, Kimball e Koivu (2009) apontam que “uma causa necessária implica a proposição segundo a qual um resultado não teria ocorrido na ausência dela, mas também que sua presença não bastaria para garantir o resultado” (MAHONEY, KIMBALL E KOIVU, 2009, p. 118). Ao mapear os mecanismos causais, busca-se compreender os processos subjacentes que explicam as relações de causa e efeito entre eventos. Por vezes, a explicação dos nexos causais é detectada por meio de métodos como o *process tracing*, que fazem esse exame.

Desta maneira, o *process tracing*, conforme definido por Cunha e Araújo (2012, 40):

Como se pode ver, os autores que têm se dedicado com mais afinco ao desenvolvimento do *process tracing* propõem definições que, se, por um lado, divergem, por outro, se aproximam ou se complementam. Eles convergem para pensá-lo como um método de pesquisa qualitativa que possibilita desenvolver ou testar hipóteses a partir da identificação e análise de evidências selecionadas em processos, sequências e conjunturas de eventos, com o objetivo de identificar e rastrear mecanismos causais, suas partes constituintes e a conexão entre eles (cadeia causal) que expliquem o caso (Bennett, 2008; Bennett; Checkel, 2015; Collier, 2011; Mahoney, 2012; Beach; Pedersen, 2013, 2016).”

Ao aplicar o *process tracing* à eclosão da guerra na Ucrânia, poderíamos traçar a sequência de decisões tomadas por líderes políticos, militares e diplomáticos que levaram ao conflito armado. Isso pode incluir a análise de políticas internas, acordos internacionais, escalada retórica e mobilizações militares, destacando a política de avanço da OTAN nas áreas denotadas como os espaços pós-soviéticos.

O *process tracing* também pode ser usado para identificar os momentos críticos em que as escolhas tomadas tiveram um impacto decisivo na direção do conflito. Ragin (2007) enfatiza a importância de identificar os mecanismos causais subjacentes a um evento. No contexto da eclosão da guerra na Ucrânia, isso poderia envolver a análise dos fatores econômicos, étnicos, políticos e históricos que se interconectam para criar uma atmosfera propícia ao conflito. Identificar como esses fatores estão ligados e influenciaram as decisões dos atores envolvidos ajuda a construir uma compreensão abrangente das causas da guerra.

Contudo, um desafio enfrentado é a limitada disponibilidade de dados primários. Essas lacunas revelam a limitada disponibilidade de dados que detalham as negociações internas e os acordos estratégicos confidenciais entre China e Rússia. Idealmente, um acesso mais amplo a tais informações poderia proporcionar uma análise mais robusta e antecipar determinados movimentos, bem como as interações que redefinem a arquitetura internacional. Nesse sentido, destaca-se a necessidade contínua de vigilância e análise acadêmica à medida que novos desenvolvimentos ocorram para que se possa ultrapassar essa neblina epistemológica.

Outro limite que o presente trabalho apresenta, localiza-se na fronteira dos conhecimentos entre a “sociologia da guerra” ou “tradição dos conflitos” e a “psicologia da guerra”. Ao se debruçar sobre o questionamento acerca do valor cognitivo da guerra, os avanços na psicologia da guerra têm sido significativos, especialmente no que concerne ao entendimento de como o conflito armado afeta a coesão social e o comportamento social. As implicações se dão desde a integração de crianças e jovens refugiados até os traumas psicológicos desenvolvidos no contexto de guerra e terrorismo.

Um aspecto ainda mais interessante revela que o “valor cognitivo da guerra” é uma questão relevante para compreender o estado psicológico e as respostas humanas durante os conflitos. A “percepção de ameaça” e a “necessidade de sobrevivência” podem acelerar a “inovação tecnológica” e a “adaptação”, uma vez que as pressões impostas pelo estado da Guerra instigam soluções rápidas e eficazes para a resolução de problemas difíceis e complexos que a Guerra proporciona. Os estudos, em última análise, apontam que os conflitos armados têm efeitos complexos nas sociedades contemporâneas.

A relevância do presente estudo, indica que a aliança sino-russa representa um ponto crucial de análise para compreender a transição energética reconhecendo a

complexidade causal subjacente a elas. As transições energéticas exigem análises que reconheçam a complexidade causal subjacente a elas. Dessa forma, as implicações globais são significativas para a sociedade global contemporânea, pois representam uma redefinição das alianças globais e um potencial ponto de virada na ordem mundial, com consequências para a segurança global, a diplomacia e as relações econômicas globais.

Sumariamente, a aliança sino-russa, no contexto do conflito ucraniano, é um microcosmo das mudanças tectônicas no cenário global. A pesquisa busca oferecer uma compreensão abrangente e crítica de suas dimensões políticas, econômicas e sociológicas, proporcionando uma base sólida para futuras investigações e debates acadêmicos sobre as dinâmicas do poder mundial no século XXI. O estudo desta aliança não só fornece contribuições sobre as políticas externas da China e da Rússia, mas também sobre a dinâmica mais ampla de poder no sistema internacional, especialmente considerando as tensões com o Ocidente.

Eles indicam que, embora a China mantenha uma postura oficial de neutralidade, sua resposta e alinhamento com a Rússia têm implicações significativas na dinâmica geopolítica e estratégica global. Este panorama diversificado de análises e debates oferece um terreno fértil para esta pesquisa, abordando as implicações geopolíticas, econômicas e estratégicas do fortalecimento da aliança sino-russa em meio ao conflito na Ucrânia. Assim, o presente estudo se justifica pela necessidade de analisar como essa parceria estratégica impacta as questões globais, com um enfoque especial nas políticas de segurança energética e nas políticas de defesa.

Os capítulos iniciais que compõem a dissertação, organizam-se da seguinte maneira: Capítulo 2: (Re)configuração do sistema-mundo, o capítulo investiga a reconfiguração do poder global, focando especialmente no papel de grandes potências emergentes como a China e a Rússia. Inicia-se com uma análise da "Gravitação geopolítica", onde se discute a realocação das forças políticas e econômicas que influenciam a atual ordem mundial. A subseção "Confluência das órbitas" explora como Pequim e Moscou têm aproximado suas trajetórias políticas e econômicas, refletindo uma convergência de interesses estratégicos. O segmento sobre "O conflito na Ucrânia" examina as consequências globais desse conflito e como ele tem repercutido nas relações internacionais, destacando o papel da Rússia e as reações internacionais.

A discussão se aprofunda em "Oscilação das esferas de influência", que considera a dinâmica de mudança nas zonas de influência geopolítica e econômica, e "Impacto da colisão", que analisa as consequências diplomáticas dessas reconfigurações, mostrando como choques políticos e econômicos entre grandes potências redefinem alianças e antagonismos. Finalmente, a seção "Considerações teóricas-metodológicas" encerra o capítulo, oferecendo uma reflexão sobre as abordagens teóricas e metodológicas utilizadas para analisar essas complexas dinâmicas.

No terceiro capítulo intitulado: O que constitui a aliança entre China e Rússia? Dedicase a dissecar a aliança sino-russa, começando com "A lógica das alianças", que teoriza sobre a formação e a sustentabilidade de alianças no cenário geopolítico contemporâneo. "A evolução da aliança sino-russa" segue o desenvolvimento dessa parceria, destacando eventos-chave e decisões estratégicas que fortaleceram os laços entre os dois países. Em "As regras do jogo geopolítico", o capítulo explora as normas e as práticas que governam a geopolítica global e como China e Rússia as utilizam para seus interesses.

O capítulo também inclui uma análise detalhada em "Panorama do século XXI", contextualizando a aliança dentro das relações internacionais mais amplas, envolvendo EUA, Ucrânia, União Europeia e Rússia, e examinando como essas interações moldam o cenário da política internacional atual. Por fim, "Considerações teóricas-metodológicas" revisa as abordagens teóricas empregadas para compreender a aliança, salientando a importância de uma análise multidimensional que abranja fatores políticos, econômicos e estratégicos. Ambos os capítulos almejam construir um entendimento aprofundado das dinâmicas de poder no mundo moderno, destacando o papel crucial da aliança sino-russa na redefinição da ordem mundial e nas transformações geopolíticas do século XXI.

A dissertação espera esclarecer/clarificar o leitor (a) sobre as dinâmicas que permeiam as transições hegemônicas e as crises sistêmicas que caracterizam o sistema internacional no século XXI, oferecendo uma perspectiva sobre a reconfiguração do poder global, face a uma nova ordem global em constituição. Se os nossos esforços foram bem-sucedidos, caberá àquele (a) que lê julgar.

## 2 (Re)configuração do Sistema-Mundo

A causa de um fenômeno no cenário internacional por vezes reside numa rede de eventos históricos e sociopolíticos, que refletem as interações e dinâmicas do Sistema Internacional de nações. Neste segmento, a reconfiguração do poder global sugere um movimento em direção a um sistema-mundo onde a multipolaridade, a interdependência e as parcerias estratégicas desempenham papéis cada vez mais cruciais na dinâmica observável do século XXI.

A dinâmica do sistema-mundo, a partir da perspectiva histórico-sociológica de Wallerstein (1974), é estruturada por ciclos de acumulação capitalista e divisões hierárquicas entre centro, semiperiferia e periferia. Essas estruturas de longa duração definem o horizonte das relações internacionais e os mecanismos que sustentam a hegemonia global. No entanto, eventos pontuais, como conflitos armados, crises econômicas ou mudanças políticas, frequentemente atuam como catalisadores de mudanças estruturais, expondo fissuras no sistema e acelerando processos de reconfiguração global.

Neste contexto, a guerra na Ucrânia expõe a interação entre processos estruturais de longa duração e decisões contingentes de curto prazo. Por um lado, ela reflete a tentativa da Rússia de reafirmar sua posição no sistema-mundo, desafiando diretamente a ordem liderada pelos Estados Unidos. Por outro, revela a crescente interdependência entre as economias chinesa e russa, sinalizando a formação de um eixo alternativo de poder. Arrighi (2008) nos ajuda a compreender essa dinâmica ao destacar como crises hegemônicas geram rearranjos estratégicos que transcendem as fronteiras imediatas do conflito. Dessa forma, tanto a ascensão da China como potência global e a guerra na Ucrânia não devem ser vistas como eventos isolados, mas como momentos articulados dentro de uma possível transição hegemônica mais ampla.

A Análise do Sistema-Mundo de Wallerstein (1974) fornece um arcabouço teórico fundamental para compreender a transformação estrutural da economia-mundo capitalista e a transição hegemônica contemporânea. Embora o volume 1 de *The Modern World-System* (1974) esteja centrado na gênese do capitalismo europeu e na consolidação da economia-mundo entre os séculos XV e XVIII, a tese sobre o declínio hegemônico do Ocidente e a ascensão da Ásia é desenvolvida de forma mais explícita em obras posteriores, como *The Decline of American Power* (2003) e em

artigos publicados ao longo da década de 1990 e 2000. Nesse sentido, Wallerstein argumenta que o sistema interestatal capitalista opera dentro de ciclos sistêmicos de expansão e contração, nos quais as potências hegemônicas eventualmente enfrentam crises de acumulação e perdem sua posição central, abrindo espaço para novas configurações geopolíticas. O deslocamento do eixo econômico global para a Ásia no século XXI, evidenciado pelo crescimento da China e o fortalecimento das economias do Leste Asiático, pode ser interpretado à luz desse quadro teórico, conectando tendências históricas de longa duração a eventos conjunturais de curta duração, como a crise financeira de 2008 e a guerra comercial sino-americana. Assim, a reconfiguração do sistema-mundo atual reflete não apenas uma fase de transição, mas a manifestação concreta das contradições do capitalismo tardio, conforme antecipado por Wallerstein em seus estudos sobre os limites estruturais da hegemonia ocidental.

De acordo com Wallerstein (1974), a hierarquia estrutural das relações internacionais pode ser compreendida como composta por divisões entre centro, semiperiferia e periferia, nas quais ciclos de acumulação capitalista determinam o eixo dinâmico do poder global. No entanto, eventos como a guerra na Ucrânia e a ascensão da China transcendem meras manifestações conjunturais, configurando-se como vetores de transformação que tensionam a lógica estrutural vigente. Esse panorama evidencia que mudanças no sistema internacional não são lineares, mas resultam de uma complexa interação entre forças históricas e decisões políticas contingentes, que desestabilizam arranjos consolidados e abrem caminho para novas configurações hegemônicas.

A parceria estratégica entre China e Rússia, articulada nas últimas décadas, pode ser compreendida à luz das teorias dos ciclos sistêmicos de acumulação e da economia-mundo capitalista. Arrighi (2008), ao examinar a ascensão econômica da China, argumenta que sua trajetória não apenas resgata elementos do modelo asiático de desenvolvimento, mas também apresenta sinais de uma possível reorganização da economia global, deslocando o epicentro do dinamismo capitalista para o Leste Asiático. Conforme destacado pelo autor, as transições hegemônicas são frequentemente acompanhadas por reconfigurações nas alianças interestatais, conforme novas forças emergem para desafiar o status quo. (ARRIGHI, 2008).

Esse fenômeno, conforme descrito em *Adam Smith em Pequim*, evidencia um padrão recorrente em momentos de crise hegemônica, nos quais coalizões

estratégicas se formam para contestar a dominação das potências estabelecidas. Embora Arrighi se concentre principalmente na ascensão econômica da China como um fator de reconfiguração global, sua análise sobre as transições hegemônicas permite situar a crescente convergência sino-russa dentro de um espectro mais amplo de resistência à ordem unipolar liderada pelos Estados Unidos.

Nesse sentido, a articulação entre China e Rússia transcende uma aliança estritamente militar ou econômica, assumindo contornos ideológicos e geopolíticos mais amplos. Como apontado por Arrighi, a ascensão de novas potências não ocorre de forma isolada, mas sim dentro de um processo dialético em que os centros de poder contestam e reconfiguram as instituições existentes. A cooperação sino-russa, consolidada por meio de iniciativas como o Tratado de Boa Vizinhança e Cooperação Amistosa (2001), e o fortalecimento da Organização de Cooperação de Xangai (OCX), pode ser interpretada como uma estratégia de longo prazo para contrabalançar a hegemonia ocidental. Nesse contexto, o deslocamento gradual do centro de gravidade da economia global para a Ásia reflete uma dinâmica de transição sistêmica, na qual os Estados que desafiam a hegemonia consolidada frequentemente se organizam em blocos regionais para aumentar sua capacidade de influência (ARRIGHI, 2008). Essa lógica, observada historicamente na transição da hegemonia britânica para a estadunidense, pode oferecer pistas para compreender o alinhamento contemporâneo entre Moscou e Pequim.

Ao examinar a questão sob a ótica dos ciclos sistêmicos, percebe-se que a aliança sino-russa opera dentro das contradições do capitalismo global, não apenas como uma reação tática aos desafios impostos pelos Estados Unidos, mas como parte de um movimento estrutural mais profundo. A ampliação da Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI) e o fortalecimento da cooperação energética entre Rússia e China demonstram que essa relação não se limita à retórica antiocidental, mas busca consolidar alternativas institucionais e econômicas ao modelo anglo-saxão de governança. Como enfatiza Arrighi (2008), a trajetória das transições hegemônicas não é linear, sendo marcada por disputas prolongadas e reconfigurações de longo prazo. Nesse sentido, compreender a aliança sino-russa como um elemento estruturante da reconfiguração global exige não apenas situá-la dentro do contexto geopolítico contemporâneo, mas também reconhecê-la como parte de um fenômeno histórico mais amplo, no qual as potências emergentes buscam reescrever as regras do jogo internacional.

O papel da China como potência ascendente e o posicionamento da Rússia como pivô estratégico no leste europeu indicam que essa parceria não é apenas reativa, mas também propositiva, moldando novos arranjos de poder que impactam tanto o núcleo orgânico do capitalismo quanto as periferias globais.

O conflito na Ucrânia ilustra a interseção entre eventos de curta duração e processos estruturais de longa duração no sistema internacional. A anexação da Crimeia em 2014, por exemplo, não apenas simboliza uma resposta tática da Rússia à crescente influência ocidental na Ucrânia, mas também reflete um padrão mais amplo de reposicionamento geopolítico das potências não-hegemônicas no sistema-mundo capitalista. Embora Wallerstein (1974) não tenha abordado explicitamente a Rússia nesse contexto, sua análise sobre a expansão da economia-mundo europeia e a formação das zonas centrais e periféricas permite interpretar o lugar da Rússia de maneira mais matizada. Em volumes posteriores, como *The Modern World-System III: The Second Era of Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730-1840s* (1989), Wallerstein argumenta que a Rússia, ao longo do século XIX, operava fora da economia-mundo capitalista e desenvolveu uma estrutura imperial própria, distinta do modelo ocidental. No entanto, no século XX, com a incorporação da União Soviética à economia global após o colapso do bloco socialista, a Rússia passou a ocupar uma posição ambígua, oscilando entre tentativas de integração e resistência à lógica do capitalismo global (WALLERSTEIN, 2004).

Essa trajetória histórica ressoa na postura russa contemporânea, em que a anexação da Crimeia pode ser vista como parte de um esforço para afirmar sua autonomia estratégica diante da expansão da OTAN e da influência da União Europeia na região pós-soviética. A resposta russa à crise ucraniana não pode ser dissociada de uma leitura estruturalista do sistema-mundo, pois reflete as dinâmicas de contestação entre as potências estabelecidas e os Estados que buscam consolidar um espaço de influência regional. Como Wallerstein (2003) destaca em *The Decline of American Power*, a multipolaridade emergente no século XXI está intrinsecamente ligada ao enfraquecimento do domínio ocidental e à reconfiguração das alianças estratégicas, nas quais Estados como Rússia e China desempenham um papel central. A Rússia, nesse contexto, não pode ser rigidamente classificada como uma economia periférica, tampouco como uma potência central, mas sim como um ator que navega as contradições da economia-mundo em busca de maior autonomia geopolítica.

Dessa forma, compreender o conflito na Ucrânia apenas como um embate geopolítico entre Ocidente e Rússia seria insuficiente. A abordagem do sistema-mundo permite situar essa crise dentro de um espectro mais amplo de transições históricas, nas quais potências emergentes desafiam o *status quo* e tentam remodelar as estruturas de governança global. Ao considerar a lógica da economia-mundo capitalista, a ofensiva russa na Ucrânia pode ser interpretada como parte de um realinhamento estratégico de longo prazo, no qual Moscou busca consolidar uma esfera de influência própria, enquanto contesta a ordem liberal ocidental. Essa leitura dialoga não apenas com os volumes mais recentes de Wallerstein, mas também com análises contemporâneas sobre o declínio do poder unipolar dos Estados Unidos e a emergência de uma ordem global mais fragmentada (WALLERSTEIN, 2011).

Essa resposta pode ser entendida como parte de um processo mais amplo de guerra híbrida, combinando ações militares convencionais, operações de desinformação e a mobilização de populações russófonas como ferramentas geopolíticas (LEITE; LUCENA; NOBRE, 2020).

Os Acordos de Minsk (2014-2015), concebidos para mitigar as hostilidades no leste ucraniano, ilustram as dificuldades em estabilizar um contexto marcado por interesses divergentes e violações recorrentes do cessar-fogo. A incapacidade desses acordos de produzir resultados concretos não apenas perpetuou o conflito, mas também preparou o terreno para a escalada militar de 2022 (MAKIO; OLIVEIRA; CASTRO, 2022).

Além disso, a guerra destaca o papel das rotas energéticas e do controle de territórios estratégicos no realinhamento geopolítico contemporâneo. A construção do gasoduto Nord Stream exemplifica como a infraestrutura energética se torna um componente essencial da política internacional, vinculando decisões econômicas a estratégias de segurança (HARVEY, 2003). Esse controle sobre os recursos naturais, conforme observado por Harvey (2003), reflete que os recursos naturais, particularmente o petróleo e o gás, são fundamentais para a manutenção da hegemonia capitalista. Harvey (2003) argumenta que as dinâmicas territoriais e econômicas do capitalismo global frequentemente se traduzem em conflitos por recursos estratégicos, nos quais a infraestrutura energética se torna um eixo crucial de disputas de poder.

No caso ucraniano, as rotas que atravessam o Mar Negro e o Mar Báltico simbolizam não apenas corredores logísticos, mas também instrumentos de controle

geopolítico que reforçam a interdependência entre economia e segurança internacional. Assim, a abordagem de Harvey (2003) complementa a análise da guerra na Ucrânia ao situar os recursos energéticos como catalisadores de mudanças estruturais no sistema-mundo, alinhando-se à discussão mais ampla sobre transições hegemônicas e reconfigurações geopolíticas. A guerra na Ucrânia, assim, emerge como um palco onde eventos de curto prazo e dinâmicas de longa duração que se entrelaçam na reconfiguração do sistema-mundo, marcando uma possível transição de uma ordem unipolar para uma multipolaridade (ARRIGHI, 2008; MEARSHEIMER, 2022).<sup>1</sup>

A análise dos sistemas-mundo, conforme proposta por Wallerstein (1974), emerge como uma reação crítica às abordagens fragmentadas das ciências sociais tradicionais, destacando a necessidade de compreender a realidade global como uma totalidade interconectada. Wallerstein (1974) questiona a eficácia das perspectivas convencionais que frequentemente ignoram as inter-relações estruturais e os processos históricos que moldam a dinâmica global. Ele argumenta que essas análises, ao priorizar o estudo isolado de eventos ou unidades, falham em capturar as transformações sistêmicas que definem a modernidade. Nesse sentido, Wallerstein se insurge contra as limitações epistemológicas das teorias hegemônicas, propondo uma perspectiva integrada que reconhece a centralidade das interações entre economia, política e sociologia na formação do sistema-mundo moderno. Como afirma o autor:

New perspectives are, in addition, generally best understood if one thinks of them as a protest against older perspectives. It is always the claim of a new perspective that the older, and currently more accepted, one is in some significant way inadequate, or misleading, or tendentious (WALLERSTEIN, 2004, p. 1).

Nessa direção, a perspectiva teórica de Wallerstein (1974) propõe um sistema global interdependente, onde eventos como o conflito na Ucrânia refletem mudanças mais profundas nas relações de poder. A origem da análise dos sistemas-mundo remonta ao meio do século XVIII, marcando uma transição fundamental na forma como a sociedade começou a questionar e a entender seu próprio conhecimento e realidade (Wallerstein, 2004).

---

<sup>1</sup> Palestra "The Causes and Consequences of the Ukraine War", ministrada por John J. Mearsheimer em 15 de junho de 2022, no Instituto de Estudos Internacionais de Chicago. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qciVozNtCDM>. Acesso em: 10 mar. 2025.

O conceito de "sistema-mundo" como uma unidade de análise substitui a noção do estado-nação, destacando a importância de considerar sistemas históricos mais amplos que transcendem as fronteiras políticas e culturais. Esta mudança de perspectiva busca superar as limitações impostas pelas análises que focalizam exclusivamente em entidades nacionais, oferecendo uma visão mais abrangente das dinâmicas globais (WALLERSTEIN, 2004).

Wallerstein (2004) enfatiza a importância da análise histórica na compreensão dos sistemas-mundo:

The story of the emergence of world-systems analysis is embedded in the history of the modern world-system and the structures of knowledge that grew up as part of that system. It is most useful to trace the beginning of this particular story not to the 1970s but to the mid-eighteenth century (WALLERSTEIN, 2004, p. 2).

No que concerne à crise do sistema-mundo moderno e a busca por alternativas, ao analisar sistemas sociais totais ao longo de extensos períodos temporais, a análise do sistema-mundo permite uma investigação mais integrada dos fenômenos sociais. Wallerstein (2004) apontava para um afastamento significativo da fragmentação disciplinar prevalente nas ciências sociais:

World-systems analysis meant first of all the substitution of a unit of analysis called the 'world-system' for the standard unit of analysis, which was the national state... Instead of national states as the object of study, they substituted 'historical systems'" (WALLERSTEIN, 2004, p. 16).

Nesse sentido, a seção incorpora uma reflexão sobre a interdisciplinaridade e a crítica às abordagens tradicionais das ciências sociais, destacando como a Análise do Sistema-Mundo de Wallerstein (1974) transcende fronteiras disciplinares para oferecer uma contribuição mais significativa para as ciências sociais, desafiando perspectivas tradicionais e promovendo uma compreensão mais profunda e interconectada da realidade global. Essa abordagem argumenta que a segmentação das disciplinas limita a capacidade de interpretar fenômenos complexos e dinâmicos. Como destaca o próprio Wallerstein (2004):

World-systems analysts analyzed total social systems over the longue durée. Thus, they felt free to analyze materials that had once been considered the exclusive concern of historians or economists or political scientists or sociologists, and to analyze them within a single analytical frame" (WALLERSTEIN, 2004, p. 18).

Com base na premissa de que o mundo moderno é estruturado por uma economia capitalista hierárquica, as relações interestatais são condicionadas por assimetrias globais que perpetuam desigualdades entre o centro, a semiperiferia e a periferia. A dinâmica multipolar contemporânea, distinta da hegemonia ocidental predominante no século XX, coloca a Ásia, em particular a China, no epicentro das mudanças geopolíticas e econômicas globais (ARRIGHI, 2008). Nesse contexto, a China emerge não apenas como potência, mas como um polo de gravitação estratégico que desafia os paradigmas da ordem internacional estabelecida (ARRIGHI, 2008).

A dinâmica multipolar, distinta da precedente era de hegemonia ocidental, coloca a região asiática no cerne das mudanças geopolíticas e econômicas globais. A China não pode ser vista apenas como uma potência ascendente, mas como um polo de gravitação que redefine os arranjos internacionais e o equilíbrio de poder. Este fenômeno, embasado por um crescimento econômico extraordinário e por uma assertividade política crescente, sinaliza um deslocamento de poder que desafia a ordem estabelecida, promovendo uma estrutura global intrinsecamente mais complexa e interconectada.

Contudo, o conflito na Ucrânia emerge, nesse contexto, como um catalisador de mudanças profundas, evidenciando não apenas as fissuras nas assimetrias entre as nações, mas também a instrumentalização da ciência e da tecnologia para fins militares e estratégicos. A guerra ucraniana não é um mero incidente regional, mas um marco na transição para uma nova configuração do sistema-mundo, onde a competição por supremacia tecnológica e influência geopolítica se intensifica. A utilização de avanços científicos em contextos bélicos, desde a ciberguerra até o desenvolvimento de novas armas, reflete uma era na qual a ciência se torna um vetor de poder, com implicações éticas e políticas significativas.

Neste panorama, a ascensão da China como um polo de gravitação no sistema-mundo multipolar não apenas redefine as alianças e rivalidades, mas também estabelece novos paradigmas para o desenvolvimento e uso de tecnologias. Seu investimento em inovação, aliado à expansão geopolítica, ilustra como as dinâmicas de poder se transformam, moldando as relações internacionais de maneira intrinsecamente mais complexa. A guerra na Ucrânia, neste panorama, torna-se um marcador histórico que reflete as disputas por supremacia tecnológica e geopolítica

no século XXI, exigindo análises que transcendam abordagens convencionais e incorporem perspectivas mais abrangentes e críticas.

Portanto, ao admitir a centralidade da China e da Ásia na arquitetura global emergente, a guerra na Ucrânia, longe de ser um episódio isolado, atua como um denominador/marcador de disputas por influência e domínio tecnológico. Este cenário demanda uma análise crítica que transcenda as perspectivas tradicionais, incorporando uma compreensão multidimensional das forças em jogo na dinâmica multipolar do século XXI.

Em seu artigo publicado no *Humboldt Journal of Social Relations*, Wallerstein (1992)<sup>2</sup> analisa como as estratégias geopolíticas dos Estados Unidos moldaram a ordem internacional durante e após a Guerra Fria. Ele argumenta que, paradoxalmente, a estabilidade relativa do sistema bipolar foi garantida pela dissuasão mútua entre as superpotências, um equilíbrio que inibia confrontos diretos, mas fomentava guerras por procuração devastadoras em países periféricos. A transição para a era pós-Guerra Fria marcou o início de um declínio na hegemonia global dos EUA, agravado por crises estruturais internas, como a desindustrialização e a crescente dependência do setor financeiro (Wallerstein, 1992).

A análise de Wallerstein (1992) evidencia que o fim da tensão bipolar não apenas desestabilizou o equilíbrio global, mas também criou condições para o surgimento de novas potências regionais e desafios transnacionais. Neste cenário, a China emergiu como um ator estratégico fundamental, redefinindo as alianças globais e contestando a primazia americana. O autor destaca que essa mudança não é apenas uma questão de rivalidade entre estados, mas sim uma transformação estrutural no sistema-mundo, que reflete o deslocamento do centro de gravidade econômico e político para a Ásia (Wallerstein, 1992).

Os fatores que contribuem para esse declínio, incluindo a transição para uma ordem mundial multipolar, a ascensão da China como um rival geopolítico e econômico, e os desafios impostos por atores não estatais e guerra cibernética (Wallerstein, 1992). Apesar desses desafios, Wallerstein (1992) identifica duas forças duradouras dos EUA: sua capacidade militar e seu poder de pesquisa e desenvolvimento. Essas vantagens consideram os avanços na tecnologia, mudanças

---

<sup>2</sup> WALLERSTEIN, Immanuel. Geopolitical strategies of the U.S. in a post-American world. *Humboldt Journal of Social Relations*, Arcata, v. 18, n. 1, p. 217-223, 1992. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23262632>. Acesso em: 27 dez. 2015.

na guerra e a crescente importância do *Soft Power* e influência diplomática. Wallerstein (1992) delinea três possíveis cenários para a dominância dos EUA: competição de outros países da OCDE, rebelião militar no Terceiro Mundo e conflito social interno agudo. Esta análise considera as implicações para a política externa e doméstica dos EUA.

Nesse ínterim, as estratégias destacadas pelo autor para enfrentar esses desafios são brevemente mencionadas. A estratégia para os EUA adotarem, a fim de evitar o declínio delineado por Wallerstein (1992), é advertido pelo autor que para adaptar-se a uma ordem mundial em mudança requer não apenas alavancar forças existentes, mas também abordar vulnerabilidades internas e fomentar uma postura internacional mais colaborativa.

Como o quadro previsto por Wallerstein (1992) sobre o equilíbrio de poder tem evoluído ao longo das últimas décadas, ressalta-se a necessidade premente de atualização dos possíveis diagnósticos apontados pelo autor. Especialmente com a emergência da China como força política proeminente, percebe-se um deslocamento na influência global, particularmente em relação à Ásia, tendo a emergência da China como uma potência global, marcado pelo seu rápido crescimento econômico, expansão militar, posicionamento e ações diplomáticas. Iniciativas como a “*Belt and Road*” e “*Power of Siberia*” podem ser mencionadas como um exemplo claro dessa expansão. A forte influência chinesa através de investimentos em infraestrutura em países ao redor do mundo contribui para a mudança de poder no equilíbrio global.

Em paralelo, a Rússia, sob a liderança de Vladimir Putin, tem adotado uma estratégia de reafirmação geopolítica baseada no uso do poder militar e na contestação dos valores ocidentais. A intervenção na Ucrânia, em 2014, com a anexação da Crimeia, marcou um ponto de inflexão nesse processo, sinalizando a disposição do Kremlin em utilizar meios coercitivos para garantir sua esfera de influência. Além disso, o apoio militar e diplomático ao regime sírio de Bashar al-Assad desde 2015 consolidou a presença russa no Oriente Médio, desafiando diretamente os interesses ocidentais na região. Paralelamente, Moscou tem intensificado sua retórica contra o que descreve como interferências ocidentais em processos políticos internos, denunciando práticas que considera parte de uma estratégia de desestabilização. Esse conjunto de ações reflete a tentativa russa de reequilibrar a ordem internacional, contestando a hegemonia do Ocidente e reafirmando sua posição como um ator central na transição hegemônica global.

O deslocamento das forças dominantes globais, especialmente expresso pelas ações e políticas articuladas pela China e Rússia no panorama global, reflete não apenas desafio à hegemonia ocidental, mas também revisitam a antiga divisão entre centro e periferia, propondo uma nova leitura das dinâmicas entre as grandes potências. Essa reconfiguração, porém, não constitui uma insurreição vertical – em que Estados marginalizados confrontam diretamente o centro –, mas, sim, uma disputa hegemônica horizontal, conduzida por potências emergentes no núcleo orgânico do sistema-mundo, buscando redistribuir o poder e restabelecer as dinâmicas globais de poder, dentro de um cenário já integrado.

Nesse sentido, a Rússia busca reafirmar seu papel geopolítico por meio de ações estratégicas, enquanto a China emerge como um polo de gravitação, reorientando o equilíbrio de poder global.

A análise destas dinâmicas revela que o conflito na Ucrânia não é um evento isolado, mas sim um ponto de inflexão nas tensões sistêmicas globais. O *process tracing* aplicado ao caso evidencia momentos críticos como a assinatura e o colapso dos Acordos de Minsk, o ultimato russo à OTAN, em 2021, e o impacto das sanções econômicas impostas pelo Ocidente. Esses episódios, ao serem articulados com as transições de longo prazo descritas por Wallerstein e Arrighi, apontam para a guerra da Ucrânia como um catalisador da transição de uma ordem unipolar para uma multipolar. Nesse cenário, a China e a Rússia desempenham papéis fundamentais como agentes que desafiam as normas e instituições ocidentais, articulando-se para redefinir as regras do sistema internacional. Nesse sentido, a complexidade do sistema-mundo, conforme descrito por Wallerstein (1974), é um reflexo das relações interdependentes globais.

A era pós-Guerra Fria, marcada pela ascensão dos EUA, estabeleceu um cenário de dominação unipolar, em que Washington definiu as regras sistêmicas. Esta fase representou uma ordem mundial na qual uma única superpotência exercia influência significativa sobre as políticas e economias globais (HUASHENG, 2023).

A transição para uma ordem multipolar tem sido percebida nas últimas décadas indicando uma evolução rumo a um sistema multipolar, caracterizado pelo surgimento de novas potências como a China e a Rússia. Esta mudança é um desvio da estrutura unipolar anterior, sugerindo uma nova dinâmica na qual múltiplas nações exercem influência significativa no cenário mundial (BACHULSKA; LEONARD, 2023).

É notável o papel da China nesta nova (re)configuração e (re)orientação do Sistema-Mundo. Zhao (2023) assevera que a política externa chinesa, especialmente em relação ao conflito na Ucrânia, mostra seu esforço para se estabelecer como uma potência influente no novo sistema multipolar. A abordagem da China reflete uma estratégia de desafiar a hegemonia ocidental e propor novas regras para a dinâmica global (ZHAO, 2023).

Neste sentido, a Rússia pode ser compreendida como um ator de reposicionamento estratégico, pois o país, através de suas ações na Ucrânia e laços reforçados com a China, está se posicionando estrategicamente no sistema-mundo. Estes movimentos refletem uma resposta a ameaças percebidas e uma tentativa de redefinir o equilíbrio de poder na Eurásia e globalmente (BACHULSKA; LEONARD, 2023). Como marco na reconfiguração, o conflito na Ucrânia se apresenta como um ponto de mudança, simbolizando a transição de uma ordem unipolar para uma multipolar. Este evento reflete as tensões entre os antigos e novos paradigmas de poder mundial, marcando uma mudança significativa na dinâmica do poder global (BACHULSKA; LEONARD, 2023).

## **2.1 Gravitação geopolítica**

A política da China, em relação ao conflito Rússia-Ucrânia, reflete um esforço para manter um equilíbrio estratégico, evitando intensificar rivalidades internacionais, buscando mediar o conflito. Esta abordagem demonstra o interesse da China em manter relações equilibradas com todas as partes envolvidas, incluindo Rússia, Ucrânia, EUA e Europa. Através de uma política de equilíbrio e mediação, a China busca manter uma estabilidade estratégica, evitando aprofundar rivalidades internacionais e se posicionando como um potencial mediador no conflito.

Em contrapartida, a Rússia, com suas ações na Ucrânia, representa um esforço de reposicionamento estratégico na Eurásia e Leste Europeu, respondendo às percepções de ameaça de segurança advindas da expansão da OTAN e da influência ocidental em suas fronteiras. Este movimento reflete não apenas uma tentativa de salvaguardar seus interesses de segurança, mas também de redefinir o equilíbrio de poder regional e global.

A interação entre a estratégia de equilíbrio da China e o reposicionamento da Rússia no contexto do conflito ucraniano ilustra a complexidade da atual arquitetura geopolítica. Essas dinâmicas refletem não apenas as aspirações individuais de cada nação, mas também a natureza mutável do poder e da influência no sistema internacional do século XXI. O cenário é caracterizado por uma competição entre grandes potências, onde a diplomacia, a estratégia militar e as políticas econômicas se entrelaçam de maneiras que moldam significativamente o panorama global.

Assim, o conflito Rússia-Ucrânia serve como um prisma através do qual as tendências mais amplas de realinhamento geopolítico e lutas por influência podem ser examinadas. O papel da China como um mediador potencial e a busca da Rússia por segurança e influência não apenas definem o curso do conflito ucraniano, mas também têm implicações profundas para a ordem mundial, sinalizando uma era de geopolítica fluida, na qual as alianças são testadas e as esferas de influência são constantemente renegociadas.

A análise feita por Bachuksha e Leonard (2023) no estudo “*China and Ukraine: The Chinese Debate about Russia’s war and its meaning for the world*” é crucial para entender as nuances da política externa chinesa frente ao conflito, pois os autores clarificam não apenas as preocupações imediatas com a estabilidade regional, mas também considerações estratégicas de longo prazo relacionadas à ascensão da China como potência global.

Bachuksha e Leonard (2023) revelam como a China posiciona-se frente aos dilemas de segurança e desenvolvimento no cenário global. A perspectiva desafia narrativas convencionais e traz à tona considerações geopolíticas fundamentais.

De antemão, destaca-se a percepção chinesa da guerra na Ucrânia não como uma ruptura histórica, mas como mais uma manifestação da rivalidade de longa data entre a China e os Estados Unidos. Conforme destacado pelos pensadores chineses, há uma crença de que os EUA estão utilizando o conflito para cercar a China, embora sem conseguir mobilizar apoio internacional significativo para sua causa. Essa perspectiva é corroborada por acadêmicos chineses ligados a instituições como a Universidade de Pequim e a Universidade de Fudan, que, apesar de críticas às táticas russas, enfatizam a importância de apoiar Moscou para evitar uma vitória dos EUA. Esses intelectuais, associados à Escola Chinesa de Relações Internacionais, defendem que a aliança sino-russa é crucial para contrabalançar a hegemonia

ocidental e promover um sistema internacional multipolar (BACHULSKA & LEONARD, 2023).

A análise chinesa sobre a guerra na Ucrânia não a percebe como uma ruptura histórica, mas sim como mais uma manifestação da rivalidade de longa data entre China e Estados Unidos. Segundo Liu Mingfu (2010), os Estados Unidos empregam estratégias indiretas para conter a ascensão da China, utilizando conflitos regionais como instrumentos de cerco geopolítico. Para Liu, a China precisa consolidar seu poder militar e econômico como resposta à tentativa de manutenção da hegemonia americana, uma lógica que ressoa na percepção chinesa sobre o conflito na Ucrânia, no qual os EUA são vistos como fomentadores do conflito na tentativa de enfraquecer não apenas a Rússia, mas também o bloco asiático (LIU, 2010).

Nesse contexto, Zhang Wenmu (2016) enfatiza a importância da preservação da cooperação com Moscou, ainda que existam críticas às táticas russas. Wenmu (2016), um dos principais teóricos nacionalistas chineses, sustenta que o apoio à Rússia é estratégico, pois impede uma vitória norte-americana e mantém o equilíbrio geopolítico em favor de uma ordem multipolar. O autor destaca que o poder marítimo e a manutenção das rotas comerciais são fundamentais para a segurança e o desenvolvimento econômico chinês no século XXI (ZHANG, 2016).

Assim, observa-se que a percepção chinesa sobre a guerra na Ucrânia não se limita a uma análise conjuntural, mas se insere em um quadro maior de competição sistêmica. A crença de que os EUA utilizam o conflito para expandir sua influência na Eurásia reforça a necessidade, para a China, de manter sua parceria estratégica com a Rússia. Essa perspectiva não apenas revela uma preocupação com a contenção do poder americano, mas também expressa a visão de que o conflito atual é parte de um processo histórico mais amplo de reorganização do poder global (BACHULSKA; LEONARD, 2023).

Além disso, a análise chinesa da resposta ocidental ao conflito ucraniano sugere que o apoio do Ocidente à Ucrânia não dissuadiu nem encorajou a China em relação a Taiwan. No entanto, há um escrutínio atento às reações americanas e europeias ao conflito, buscando pistas sobre como o Ocidente poderia responder a uma potencial escalada sobre Taiwan. Essa reflexão indica uma preocupação estratégica sobre a postura ocidental e as implicações para os interesses chineses na região asiática.

A guerra na Ucrânia também é vista como um catalisador para os esforços chineses em se tornar menos economicamente entrelaçados com o Ocidente. Esta visão é particularmente relevante no contexto das declarações de Xi Jinping sobre as “grandes mudanças não vistas em um século”, reforçando a percepção de uma mudança geopolítica profunda, que oferece tanto oportunidades quanto desafios para a China (BACHULSKA; LEONARD, 2023).

A análise dos pensadores chineses sobre a guerra revela uma complexa rede de considerações estratégicas. Enquanto criticam as táticas russas e reconhecem as falhas de Moscou, os intelectuais chineses veem uma lógica estrutural que une a China e a Rússia frente ao que percebem como ameaças comuns, especialmente em relação aos esforços dos EUA para conter suas ambições globais. Isso é evidenciado pela crença na inevitabilidade da competição de grandes potências entre Washington e Pequim, fruto do declínio relativo dos EUA e da ascensão da China (BACHULSKA; LEONARD, 2023).

Por fim, o debate chinês sobre a guerra na Ucrânia e suas implicações globais reflete um entendimento profundo das dinâmicas geopolíticas atuais. Através de um exame minucioso das estratégias dos EUA e de seus aliados, bem como das respostas a essas estratégias, os intelectuais chineses articulam uma visão que busca aproveitar as oportunidades apresentadas pelas mudanças globais, ao mesmo tempo em que se preparam para os desafios futuros. Isso sublinha a complexidade da geopolítica contemporânea, em que as nações buscam navegar em um cenário internacional em constante evolução, marcado por rivalidades de grandes potências, desafios econômicos e questões de segurança emergentes.

## 2.2 Confluência das órbitas: A trajetória convergente de Pequim a Moscou

Nesta seção, analisa-se a parceria entre a China e a Rússia. Enquanto a China emerge como um novo centro de poder, a Rússia luta para manter sua influência e evitar ser relegada à periferia do sistema-mundo. A colaboração sino-russa, neste contexto, representa uma tentativa de redefinir os papéis no sistema-mundo, contrabalanceando a balança de poder e a influência entre o Oriente e o Ocidente.

A convergência entre Pequim e Moscou, exemplificam um desafio crescente à supremacia ocidental, e o realinhamento no cenário global pode ser observado pela coordenação em fóruns multilaterais, tais como: a Organização de Cooperação para Xangai (OCX), o que demonstra uma frente unificada em questões de segurança global. Sobretudo, salienta-se que as relações bilaterais sino-russas são complexas e não estão isentas de tensões diplomáticas.

Conforme Radin *et al.* (2021), a parceria estratégica entre ambas as nações, tem se fortalecido desde 2014, com um aumento significativo na cooperação em diversas áreas: políticas, militares e econômicas. O relatório traz ao exame o histórico da cooperação, identificando as motivações e restrições, bem como o impacto sobre a política externa estadunidense.

No relatório são apresentadas as principais motivações para o estreitamento das relações bilaterais sino-russas no século XXI, como por exemplo o declínio relativo de poder dos EUA e Europa, bem como a percepção contínua de ameaça externa entre as potências (RADIN *et al.*, 2021).

Arrighi (2007) discorre sobre a ascensão da China como um novo centro de poder, caracterizando-a como uma redefinição das relações de poder no sistema-mundo. Ele argumenta que a China, ao contrário das potências ocidentais, não se apoia na expansão militar para afirmar sua influência global, mas sim em uma estratégia de acumulação pacífica (ARRIGHI, 2007). Esta estratégia é evidenciada pelo investimento chinês em projetos de infraestrutura transnacionais, tais como a Iniciativa Cinturão e Rota (BRI), que busca reconfigurar as conexões comerciais e econômicas globais.

A parceria estratégica entre a China e a Rússia, conforme documentado por Radin *et al.* (2021), é marcada por um aumento significativo na cooperação em áreas políticas, militares e, crucialmente, econômicas. Este relatório sugere que a

colaboração entre as duas nações visa não apenas fortalecer seus próprios interesses estratégicos, mas também criar contrapesos à influência dos Estados Unidos e da Europa no cenário mundial (RADIN *et al.*, 2021, p. 5).

Eichengreen (2010), por sua vez, oferece uma perspectiva sobre a evolução da arquitetura financeira global e o papel emergente da China nesse contexto. O autor observa que iniciativas como a AIIB (Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura) representam um desafio ao domínio financeiro ocidental, propondo alternativas ao sistema financeiro internacional dominado pelo dólar americano (EICHENGREEN, 2010, p. 88).

Esta abordagem, ao promover o uso do Yuan em transações internacionais, reflete uma tentativa de diversificar e desdolarizar a economia global. A cooperação sino-russa, portanto, não se limita a uma aliança estratégica convencional, mas é parte integrante de uma transformação mais ampla nas dinâmicas do poder global. A China, através de sua estratégia de “acumulação pacífica”, e a Rússia, buscando reafirmar sua influência, colaboram em um esforço para remodelar as relações internacionais e o sistema financeiro global. Esta confluência de objetivos reflete um desafio direto à supremacia ocidental, conforme evidenciado pela coordenação sino-russa em fóruns multilaterais, como a Organização de Cooperação para Xangai (OCX).

### **2.3 O conflito na Ucrânia: reverberações globais**

O conflito na Ucrânia, em 2022, representa uma manifestação de tensões sistêmicas que transcendem as fronteiras regionais. Ele ilustra a transição de uma ordem unipolar, centrada nos Estados Unidos, para uma ordem multipolar em ascensão. Essa dinâmica articula processos históricos de longo prazo, como o declínio relativo da hegemonia norte-americana após o fim da Guerra Fria, a fragmentação da União Soviética, em 1991, e a subsequente reconfiguração de alianças. Paralelamente, eventos de curto prazo, como os protestos do Euromaidan, em 2014, a anexação da Crimeia e o fracasso dos Acordos de Minsk (2014-2015) contribuíram para intensificar o conflito. Esses eventos evidenciam não apenas disputas geopolíticas, mas também uma luta por influência em um sistema global em transformação.

A expansão da OTAN para o Leste Europeu foi um elemento catalisador dessas tensões. Como argumenta Mearsheimer (2014), o alargamento da aliança atlântica, incluindo a adesão de países bálticos e do Leste Europeu, foi percebido pela Rússia como uma ameaça existencial à sua segurança estratégica. Esse sentimento remonta à doutrina do "cerco" presente na geopolítica clássica, associada a Halford Mackinder<sup>3</sup>, que defendeu a centralidade do "Heartland" na manutenção do equilíbrio de poder global<sup>1</sup>. Essa percepção foi amplamente manifestada no discurso de Vladimir Putin na Conferência de Segurança de Munique, em 2007, onde ele denunciou as políticas expansionistas da OTAN como uma violação dos acordos tácitos firmados no pós-Guerra Fria e criticou a unipolaridade liderada pelos Estados Unidos.

But what is happening at the same time? Simultaneously the so-called flexible frontline American bases with up to five thousand men in each. It turns out that NATO has put its frontline forces on our borders, and we continue to strictly fulfil the treaty obligations and do not react to these actions at all. I think it is obvious that NATO expansion does not have any relation with the modernisation of the Alliance itself or with ensuring security in Europe. On the contrary, it represents a serious provocation that reduces the level of mutual trust. And we have the right to ask: against whom is this expansion intended? And what happened to the assurances our western partners made after the dissolution of the Warsaw Pact? Where are those declarations today? No one even remembers them. But I will allow myself to remind this audience what was said. I would like to quote the speech of NATO General Secretary Mr Woerner in Brussels on 17 May 1990. He said at the time that: "the fact that we are ready not to place a NATO army outside of German territory gives the Soviet Union a firm security guarantee". Where are these guarantees?<sup>4</sup> (PUTIN, 2007, parágrafo 51).

---

<sup>3</sup> "Who rules East Europe commands the Heartland. Who rules the Heartland commands the World-Island. Who rules the World-Island commands the World" (MACKINDER, 1996, p.106). Disponível em: MACKINDER, H. J. **Democratic Ideals and reality: a Study in the Politics of Reconstruction (and others essays)**. Washington, D.C.: National Defense University Press, 1996

<sup>4</sup> "Mas o que está acontecendo ao mesmo tempo? Simultaneamente, as chamadas bases americanas de linha de frente flexíveis com até cinco mil homens em cada uma. Acontece que a OTAN colocou suas forças de linha de frente em nossas fronteiras, e continuamos a cumprir rigorosamente as obrigações do tratado e não reagimos a essas ações de forma alguma. Acho que é óbvio que a expansão da OTAN não tem nenhuma relação com a modernização da Aliança em si ou com a garantia da segurança na Europa. Pelo contrário, representa uma provocação séria que reduz o nível de confiança mútua. E temos o direito de perguntar: contra quem essa expansão é pretendida? E o que aconteceu com as garantias que nossos parceiros ocidentais fizeram após a dissolução do Pacto de Varsóvia? Onde estão essas declarações hoje? Ninguém nem se lembra delas. Mas vou me permitir lembrar a esta audiência o que foi dito. Gostaria de citar o discurso do Secretário-Geral da OTAN, Sr. Woerner, em Bruxelas, em 17 de maio de 1990. Ele disse na época que: o fato de estarmos prontos para não colocar um exército da OTAN fora do território alemão dá à União Soviética uma firme garantia de segurança. Onde estão essas garantias?" (Tradução nossa). Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24034>

Esse sentimento de cerco estratégico culminou na **anexação da Crimeia**,<sup>5</sup> em 2014, após a deposição de Viktor Yanukovych, um líder pró-Rússia. A Crimeia, além de abrigar a frota russa do Mar Negro, possui importância geopolítica central, representando uma resposta estratégica à crescente influência ocidental na Ucrânia. Tanto a crise de 2014, quanto a anexação da Crimeia no mesmo ano, constituem pontos de mudança paradigmática. A anexação da Crimeia é amplamente analisada como uma resposta estratégica da Rússia à crescente aproximação da Ucrânia com a União Europeia e a OTAN. Segundo Mearsheimer (2014), que destaca que a expansão da OTAN representou uma ameaça direta ao "entorno próximo" da Rússia, culminou na crise que foi catalisada pela decisão da Ucrânia de buscar acordos econômicos com a União Europeia, ignorando as preocupações russas.

A presença da OTAN no Leste Europeu foi interpretada como um cerco geopolítico, levando a Rússia a reagir de forma decisiva. Os Acordos de Minsk (2014 e 2015) e a Escalada do Conflito no Donbass foram concebidos como um mecanismo de pacificação, mas falharam em endereçar as raízes estruturais do conflito. Os Acordos de Minsk, embora inicialmente celebrados como uma tentativa de estabilizar o conflito no Donbass, foram amplamente criticados pela forma como foram negociados e implementados. Segundo Åtland (2024), esses acordos careciam de elementos essenciais para garantir sua efetividade e legitimidade:

[...] the Minsk agreements were neither 'efficient,' nor 'fair,' nor 'durable.' They were imposed on Ukraine at the barrel of a gun, in situations where Russian/separatist forces were making territorial gains and pushing Ukrainian forces on the defensive. The fierce battles of Ilovaisk (7 August–2 September 2014) and Debaltseve (14 January–20 February 2015) were the backdrop against which the Minsk I and Minsk II agreements were negotiated, respectively, in September 2014 and February 2015. Russia was using the tool of military escalation instrumentally to force Kyiv to make political concessions at the negotiation table. (ÅTLAND, 2024, Parágrafo 70).

Essa análise revela a fragilidade estrutural dos acordos, uma vez que eles foram elaborados sob pressão militar e em um cenário de desvantagem significativa

---

<sup>5</sup> Disponível em: RÚSSIA. Presidência da Federação Russa. Discurso do Presidente Vladimir Putin sobre a adesão da Crimeia à Federação Russa. Kremlin, Moscou, 18 mar. 2014. Disponível em: <https://en.kremlin.ru/events/president/news/20603>. Acesso em: 10 jan. 2025.

RÚSSIA. Presidência da Federação Russa. Trechos de discurso à nação de Vladimir Putin, Presidente da Federação da Rússia, de 21 de setembro de 2022. Disponível em: <https://brazil.mid.ru/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

para a Ucrânia, comprometendo a sua legitimidade e capacidade de promover uma paz duradoura.

A incapacidade de implementar plenamente os acordos consolidou o *status* de conflito de baixa intensidade, criando um cenário de tensão permanente. Além disso, a ambiguidade nos termos do acordo dificultou sua implementação, permitindo que tanto a Ucrânia quanto a Rússia continuassem suas agendas estratégicas. Outro fator que contribuiu para o fracasso foi a falta de uma sequência clara para a implementação das medidas acordadas. De acordo com Åtland, “the sequencing trap was a major obstacle, particularly regarding the military and political measures. Ukraine wanted security measures implemented first, while Russia prioritized political concessions” (ÅTLAND, 2024, parágrafo 53). Essa “armadilha de sequência” evidenciou as divergências estratégicas entre as partes, que viam a ordem das ações como um pré-requisito para suas demandas principais.

Além disso, o *status* legal dos Acordos de Minsk levantou dúvidas sobre sua autoridade. Como aponta o autor, “The Minsk agreements were not signed by heads of state or foreign ministers but by lower-ranking officials, which weakened their legitimacy and enforceability” (ÅTLAND, 2024, parágrafo 56). O papel desempenhado pela Rússia no conflito também foi central para a deterioração do processo. Åtland (2024) argumenta que “The Minsk agreements were imposed on Ukraine at the barrel of a gun, in situations where Russian/separatist forces were making territorial gains and pushing Ukrainian forces on the defensive” (ÅTLAND, 2024, parágrafo, 70). A escalada militar utilizada como ferramenta de pressão política impediu que a Ucrânia tivesse qualquer margem de manobra nas negociações, consolidando um desequilíbrio de poder evidente.

Os termos acordados entre as partes, no entanto, revelavam contradições internas que dificultaram sua implementação. Fischer (2019) observa que, ao assinar os Acordos de Minsk:

By signing the Minsk Agreements the separatists in effect agreed to disband their armed units and dissolve their emerging quasi-state structures, and ultimately to permit the gradual reintegration of the People's Republics into the Ukrainian state. In addition to observing a ceasefire, Kyiv agreed to disband Ukrainian militias, to pass an amnesty law, a special status law and a constitutional amendment; to resume social benefit and pension payments to recipients in the contested areas; and to draw up a strategy for economic reconstruction (Fischer, 2019, p.12).

Paralelamente, a Ucrânia se comprometeu a desmantelar milícias, aprovar uma lei de anistia e implementar reformas constitucionais, além de restabelecer benefícios sociais e criar um plano de reconstrução econômica para os territórios contestados. No entanto, a ausência de mecanismos claros de monitoramento e a desconfiança mútua impediram o avanço dessas medidas.

Ukraine argued that it could not fulfil the political conditions until the ceasefire was permanent, while Russia and the separatists called for the political and security provisions to be implemented in parallel. In autumn 2016 then German Foreign Minister and OSCE Chairperson-in-Office Frank-Walter Steinmeier circulated a proposal designed to resolve these contradictions. The "Steinmeier formula" describes in detail a complex sequencing of troop withdrawal and elections in the contested territories, leading to restoration of Ukrainian control. Today, more than two years later, the measures laid out in the "Steinmeier formula" remain unimplemented, nor have the parties agreed on a roadmap. The international peace efforts received their last boost to date in early September 2017 when Vladimir Putin proposed a UN mission to protect the SMM along the line of contact. (Fischer, 2019, p.12).

A última tentativa de revitalização das negociações ocorreu em setembro de 2017, quando Vladimir Putin propôs uma missão da ONU para proteger a linha de contato monitorada pela OSCE. Dessa forma, o fracasso dos Acordos de Minsk evidencia as limitações da diplomacia coercitiva e a ausência de garantias robustas de cumprimento. As tensões entre os atores envolvidos, somadas às divergências estratégicas entre Ucrânia e Rússia, inviabilizaram a consolidação de uma paz duradoura, contribuindo diretamente para a escalada que culminou na guerra em 2022.

A rejeição do ultimato russo de 2021, exigindo que a OTAN recuasse suas operações no Leste Europeu, representou um marco chave na escalada das tensões entre Rússia e Ocidente. Segundo Kroenig (2022), essa dinâmica resultou na consolidação de uma percepção russa de que "Russia's 'escalate-to-de-escalate' strategy calls for nuclear threats and, if necessary, limited nuclear use to compel the end to conflict on terms favorable to Moscow" (KROENIG, 2022, p. 2). A decisão de Moscou em mobilizar tropas na fronteira ucraniana reforçou o uso de sua doutrina de "escalar para desescalar", que prevê o emprego de ameaças nucleares como ferramenta de coerção política, a fim de moldar o ambiente estratégico a favor do Kremlin.

Essa estratégia, como apontado no memorando, busca explorar as divisões entre aliados ocidentais e testar os limites da dissuasão convencional. Kroenig

observa que “Putin may believe that he could use nuclear weapons to compel the United States and NATO to cease their support for Ukraine” (KROENIG, 2022, p. 2). Ao incorporar armas nucleares táticas em sua postura estratégica, a Rússia demonstra sua disposição de usar tais capacidades para atingir objetivos operacionais e políticos, minando as linhas vermelhas estabelecidas pelo Ocidente.

A perspectiva de uso de armas nucleares pela Rússia também carrega implicações globais mais amplas. Segundo Kroenig, “such a strike could cause a humanitarian catastrophe, deal a crippling blow to the Ukrainian military, divide the Western alliance, and compel Kyiv to sue for peace” (KROENIG, 2022, p. 3). Além disso, tal ação quebraria o tabu de oito décadas sobre o uso de armas nucleares, incentivando outros atores estatais, como China e Irã, a verem o arsenal nuclear como uma ferramenta viável para alcançar seus próprios objetivos estratégicos sem temer retaliações severas.

Russian nuclear use would harm US interests in the war in Ukraine and globally. Such a strike could cause a humanitarian catastrophe, deal a crippling blow to the Ukrainian military, divide the Western alliance, and compel Kyiv to sue for peace. It would also break a nearly eight-decade taboo on nuclear use [...] and further humanitarian disaster” (KROENIG, 2022, p. 3-4).

Frente a esse cenário desafiador, Kroenig recomenda que os Estados Unidos ampliem sua estratégia de dissuasão nuclear, utilizando uma ameaça deliberadamente vaga para reforçar sua posição. “Uma ameaça vaga pode ser suficiente para transmitir à Rússia que haveria repercussões, sem comprometer os Estados Unidos a um curso de ação específico” (KROENIG, 2022, p. 3). Essa abordagem equilibraria flexibilidade e credibilidade, evitando comprometer os Estados Unidos com uma linha vermelha difícil de sustentar. Ele também destaca a importância de comunicar essas ameaças de forma pública, reforçando a credibilidade do compromisso norte-americano com seus aliados.

Em caso de falha na dissuasão, Kroenig apresenta duas opções principais para uma resposta norte-americana: intensificar as sanções e assistência militar à Ucrânia ou realizar um ataque convencional limitado contra as forças russas envolvidas em um eventual ataque nuclear. “The United States could conduct a limited conventional strike on the Russian forces or bases directly involved in the attack. A more robust version of this option would be to join the war on Ukraine’s side” (KROENIG, 2022, p.

4). Embora arriscada, essa resposta visa a restabelecer o tabu nuclear e reforçar a dissuasão global, evitando que futuras escaladas comprometam a segurança internacional.

Portanto, o memorando de Kroenig (2022) sintetiza os desafios multifacetados enfrentados pelo Ocidente diante da doutrina russa de coerção estratégica. Ao explorar cenários possíveis e oferecer recomendações pragmáticas, o autor enfatiza que a dissuasão eficaz depende não apenas de ameaças críveis, mas também de respostas proporcionais e calibradas. Essa análise ressalta a complexidade da política de segurança contemporânea, em que o equilíbrio entre contenção e escalada permanece no centro das preocupações estratégicas globais.

Conforme discutido por Arrighi (1994) em *O Longo Século XX*, a transição entre ciclos hegemônicos é frequentemente marcada por conflitos interestatais que refletem mudanças estruturais na organização da economia-mundo capitalista. A financeirização e a redistribuição do poder global são características centrais desses períodos, ilustradas pelo declínio relativo dos EUA e a ascensão de novas forças econômicas e políticas. Arrighi (1994) argumenta que, historicamente, a hegemonia em declínio tende a se tornar mais dependente de fluxos financeiros e mecanismos especulativos, enquanto novos centros de acumulação emergem, muitas vezes liderados por atores semiperiféricos que tentam se reposicionar estrategicamente no sistema-mundo (ARRIGHI, 1994).

No caso da Rússia, a análise de Wallerstein sobre o sistema-mundo sugere que sua posição tem oscilado entre a marginalização e tentativas de integração na economia global. No *The Modern World-System I* (1974), Wallerstein foca na formação do sistema-mundo europeu e não classifica a Rússia como uma semiperiferia. No entanto, em escritos posteriores, como *Geopolitics and Geoculture: Essays on the Changing World-System* (1991)<sup>6</sup>, ele discute como Estados historicamente periféricos ou semiperiféricos podem buscar ascensão por meio de estratégias geopolíticas e militares. Nessa perspectiva, as ações russas

---

<sup>6</sup> Ver em: WALLERSTEIN, Immanuel. Geopolítica e Geocultura: **Ensaio sobre o Sistema-Mundo Moderno**. Tradução de Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Cortez Editora, 1999. Disponível em: <https://arxiujosepserradell.cat/wp-content/uploads/2023/02/Geopoli%CC%81tica-y-Geocultura-Immanuel-Wallerstein.pdf>

Ver em: WALLERSTEIN, Immanuel. **The West, Capitalism, and the Modern World-System**. Review (Fernand Braudel Center), v. 15, n. 4, p. 561-619, 1992. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40241239>

contemporâneas podem ser interpretadas como uma tentativa de reposicionamento dentro do sistema-mundo capitalista, em meio à crise de hegemonia ocidental. Wallerstein (1992), em um artigo publicado no *Review*, reforça essa interpretação ao argumentar que períodos de transição sistêmica frequentemente criam oportunidades para Estados semiperiféricos desafiarem a estrutura hierárquica global.

A invasão de 2022 é o culminar de decisões estratégicas moldadas por percepções de ameaça imediata e oportunidades geopolíticas. Mearsheimer (2022) reafirma que o conflito na Ucrânia não pode ser isolado do contexto mais amplo de contenção geopolítica dos EUA e seus aliados. Dessa forma, a guerra na Ucrânia emerge como uma manifestação de dinâmicas globais mais amplas. É tanto uma reação defensiva da Rússia à expansão da OTAN, quanto uma tentativa de reposicionar-se estrategicamente em um sistema-mundo em transição.

A Harvard Kennedy School é uma das principais instituições do pensamento estratégico anglo-saxão, desempenhando um papel central na formulação de políticas de segurança e geopolítica dos Estados Unidos da América. A relação entre academia e Estado é evidente no perfil de seus pesquisadores, cujas análises frequentemente transcendem o campo acadêmico para influenciar diretamente a tomada de decisões estratégicas. Eric Rosenbach, por exemplo, foi Chefe de Gabinete do Departamento de Defesa dos EUA, e Matthew Bunn atuou na Casa Branca, sendo responsável por iniciativas de controle nuclear e segurança energética. Essa interseção entre conhecimento acadêmico e formulação política torna a produção intelectual da Harvard Kennedy School um instrumento da governança anglo-saxã, refletindo interesses geopolíticos específicos. O artigo *Lessons from a Year of War in Ukraine* (SAICH *et al.*, 2023), publicado pela instituição, ilustra esse viés ao estruturar a guerra da Ucrânia dentro da narrativa clássica da segurança ocidental, enfatizando a ameaça russa e consolidando a visão do conflito como um choque entre "democracias liberais" e "autocracias revisionistas". A afirmação de que "Beijing continues to provide Moscow rhetorical support and has reaffirmed that its actions in Ukraine are just" (SAICH *et al.*, 2023, parágrafo 2) reflete a maneira como o *establishment* acadêmico norte-americano articula a relação sino-russa dentro da lógica da contenção estratégica. A leitura da Harvard Kennedy School deve, portanto, ser compreendida não como um diagnóstico neutro, mas como uma expressão discursiva da posição dos EUA na disputa hegemônica global. Essa instrumentalização do saber se alinha à tese de Arrighi (2007), que argumenta que potências em declínio recorrem a narrativas

justificadoras para manter a centralidade do seu modelo de governança. Assim, ao utilizar essa referência, não há uma adesão ingênua ao discurso ocidental, mas um esforço analítico para demonstrar como a elite intelectual dos EUA constrói e reproduz suas justificativas estratégicas diante da reconfiguração sistêmica do poder global.

O artigo afirma que a posição chinesa sublinha não apenas um alinhamento estratégico com a Rússia, mas também revela uma resistência consciente do Partido Comunista Chinês de aceitar a emergência de uma nova ordem global, percebida como multipolar “the Chinese Communist Party (CCP) continues to depict this as resistance to recognizing that a new global order is emerging” (Saich *et al.*, 2023, parágrafo 2). Essa abordagem sugere que a China vê as críticas ao papel da Rússia na guerra não apenas como uma disputa geopolítica, mas como uma recusa da aceitação da multipolaridade, destacando uma tensão significativa nas dinâmicas internacionais contemporâneas, desafiando as narrativas dominantes sobre a reconfiguração do poder global.

Ao mesmo tempo, a política externa chinesa tem se mantido cautelosa, evitando exportar armamentos para Moscou. “Beijing has been careful to avoid the export of weapons and other vital materials to Russia” (Saich *et al.*, 2023, parágrafo 4). Outra questão importante a salientar é a preocupação chinesa de reduzir a dependência do sistema financeiro “the war will accelerate Beijing’s policies designed to reduce dependency of the West’s financial systems, technology, and resources” (Saich *et al.*, 2023, parágrafo 5).

A dimensão temporal do conflito ucraniano emergiu como um fator estratégico de primeira ordem, demonstrando que a capacidade de gerir o tempo — tanto em termos de resistência quanto de projeção para o futuro — tornou-se um elemento central na determinação dos resultados. A duração prolongada do conflito está testando os limites da resiliência política e econômica não só das nações diretamente envolvidas, mas também de seus aliados globais. A habilidade de manter o suporte militar, econômico e diplomático ao longo do tempo é agora um barômetro da lealdade e dos recursos disponíveis, desafiando antecipações de uma resolução rápida e influenciando as estratégias de engajamento no cenário internacional (Saich *et al.*, 2023).

O conflito na Ucrânia também assinalou os desafios à ordem nuclear e à Segurança Global, em termos de precariedade da segurança nuclear. A ameaça de uso de armas nucleares pela Rússia reintroduziu a questão da dissuasão nuclear ao

discurso global, desafiando o frágil equilíbrio estabelecido no pós-Guerra Fria. Este aspecto reforça a urgência de repensar os mecanismos de controle de armas e as estratégias de não proliferação, em um mundo onde as garantias de segurança parecem cada vez mais tênues.

De acordo com Saich *et al.* (2023):

Russia's brutal invasion of Ukraine is challenging much of the existing international order, including the nuclear order. There is a real chance that President Putin's nuclear saber-rattling might turn to actual use of nuclear weapons. The Biden administration has appropriately sought to deter such a strike. President Putin has suspended Russian participation in the New START treaty" (Saich *et al.*, 2023, parágrafo 6).

O *START Treaty (Strategic Arms Reduction Treaty)* é um acordo de redução de armas estratégicas entre os Estados Unidos e a Rússia, que tem como objetivo limitar e reduzir os arsenais nucleares dos dois países. O tratado foi originalmente assinado em 1991, ao final da Guerra Fria, como *START I*, sendo sucedido por versões subsequentes, como o *New START*, assinado em 2010.

O *New START*, mencionado por Saich *et al.* (2023), permite inspeções mútuas e estabelece limites numéricos para ogivas nucleares e veículos lançadores estratégicos. Esse tratado é parte dos esforços contínuos para gerenciar e reduzir o potencial destrutivo das maiores potências nucleares do mundo, promovendo estabilidade e transparência nas relações entre Estados Unidos e Rússia, enquanto também busca impedir a proliferação nuclear em escala global.

Ao refletir sobre as implicações da invasão russa da Ucrânia para a ordem internacional, como articulado por Saich *et al.* (2023), "Nuclear dangers are among many reasons to work with Ukraine on finding paths to a negotiated settlement sooner rather than later" (Saich *et al.*, 2023, parágrafo 7), converge-se para um ponto crítico que ressalta a urgência de reavaliação das estruturas de segurança global e dos mecanismos de dissuasão nuclear. A possibilidade levantada por Saich *et al.* (2023) de que a retórica nuclear de Putin possa transcender a ameaça para a ação concreta, desafiando diretamente a ordem nuclear estabelecida e provocando a antiga administração Biden a intensificar esforços de dissuasão, revela uma junção precária na qual a comunidade internacional se encontra.

A suspensão da participação russa no tratado *New START* por Putin, conforme destacado anteriormente, não só exacerba as tensões nucleares, mas também sinaliza um distanciamento das vias de comunicação e acordos que têm sido pilares

da estabilidade global pós-Guerra Fria. Esse ato não apenas sublinha as fissuras na arquitetura de segurança internacional, mas também enfatiza a necessidade de um diálogo renovado e de esforços concertados para a busca de soluções negociadas.

Portanto, para que se trabalhe junto à Ucrânia na busca de caminhos para um acordo negociado adquire uma relevância particular, não apenas como meio de resolver o conflito em andamento, mas também como um imperativo para preservar a ordem internacional e evitar o escalonamento nuclear. Essa perspectiva adotada nesta dissertação é essencial, pois realça a importância de estratégias diplomáticas e negociações como ferramentas indispensáveis na prevenção de crises nucleares e na manutenção da paz e segurança globais.

Em suma, reitera-se a necessidade de uma abordagem multilateral para enfrentar os desafios impostos pela atual conjuntura geopolítica. As implicações da invasão russa da Ucrânia transcendem as fronteiras, pressionando a comunidade internacional a repensar e reforçar os mecanismos de segurança coletiva e de controle de armas nucleares, com o objetivo de salvaguardar a estabilidade global e promover a resolução pacífica de conflitos.

A capacidade de sustentar apoio militar, econômico e diplomático ao longo do tempo tornou-se um teste de fidelidade e de recursos, desafiando as expectativas de uma resolução rápida e redefinindo as estratégias de engajamento internacional (Saich *et al.*, 2023).

Nessa direção, a duração do conflito emerge como uma força de teste, avaliando a resiliência política e econômica das nações envolvidas e de seus aliados. Em guerras que se estendem por períodos extensos, não apenas a força militar é posta à prova, mas também a capacidade de manter a estabilidade econômica e a unidade política. Nesse contexto, a capacidade de sustentar apoio militar, econômico e diplomático ao longo do tempo se torna um desafio considerável. Esse apoio contínuo testa a fidelidade e a capacidade de recursos dos aliados, forçando uma reavaliação e, possivelmente, uma redefinição das estratégias de engajamento internacional.

Além disso, o custo humano e econômico do conflito, com um número significativo de baixas ucranianas e repercussões também para a Rússia. Essa realidade destaca a gravidade da situação e suas consequências diretas tanto para a sociedade ucraniana quanto para a russa. A esperança expressa por Saich *et al.* (2023) de que a Ucrânia possa emergir do conflito como uma nação livre,

independente e vibrante, apesar dos desafios enfrentados, enfatiza a importância da resiliência e do apoio internacional no contexto de conflitos prolongados.

Nessa direção, o conflito na Ucrânia transcende as dimensões de proporções apenas territoriais, desvelando as vulnerabilidades do sistema internacional. A guerra destaca a emergência de novas configurações de poder, desafia as normas de segurança e ordem estabelecidas e convoca uma reflexão sobre os princípios que regem as relações entre nações. Como sociólogos e observadores do cenário global, devemos estar atentos às lições deste conflito, reconhecendo que as reverberações globais da guerra na Ucrânia moldarão o futuro das relações internacionais, da governança global e da coesão social em todo o mundo.

A visão Chinesa sobre o conflito vê a guerra na Ucrânia como parte de um esforço conjunto China-Rússia para redefinir a ordem internacional, desafiando a hegemonia dos EUA e promovendo uma “democratização das relações internacionais”. Esta perspectiva considera a Rússia como um ator racional, defendendo sua posição contra a agressão ocidental. As implicações globais do conflito são significativas para a Europa, Ásia e a política externa dos EUA. Ele serve como um catalisador para repensar o sistema internacional, destacando a necessidade de considerar a soberania e a integridade territorial, além de refletir sobre o propósito fundamental das Nações Unidas em garantir paz e segurança.

Em suma, conclui-se que a China e a Rússia estão moldando o futuro da ordem mundial. Através de uma avaliação rigorosa e baseada em evidências, desenhamos um panorama que não só esclarece as ações e intenções dessas nações, mas também projeta futuras dinâmicas no sistema-mundo.

Além disso, o conflito na Ucrânia acelera a transição de uma ordem global unipolar para uma multipolar. O realinhamento das forças globais, com a China e a Rússia assumindo papéis mais proeminentes, desafia a supremacia dos EUA e a ordem estabelecida no pós-Guerra Fria. As ações da Rússia na Ucrânia, juntamente com o apoio tácito da China, são emblemáticas dessa mudança de paradigma, em que novas alianças e confrontos delineiam um mundo cada vez mais dividido em esferas de influência.

## 2.4 Oscilação das esferas de influência: reconfiguração do poder

Este segmento explora as implicações estratégicas da aliança sino-russa para a governança global e o equilíbrio de poder. A aliança é discutida em termos de sua influência na política energética, segurança militar e diplomacia internacional. A crescente interdependência entre a China e a Rússia, especialmente no campo da tecnologia militar e cooperação energética, é avaliada em termos de seu impacto no cenário geopolítico global.

A oscilação das esferas de influência no cenário global, especialmente no contexto da aliança sino-russa, marca uma reconfiguração significativa do poder que desafia as premissas tradicionais da governança mundial e do equilíbrio de poder.

Conforme analisada por Radin *et al.* (2021), o que constitui um pilar fundamental para a reconfiguração atual das esferas de influência global é a colaboração estratégica entre a China e a Rússia, particularmente nos campos da tecnologia militar e cooperação energética; não apenas solidifica uma frente unificada contra as pressões ocidentais, mas também catalisa uma mudança nas normas e práticas de governança global.

Do ponto de vista da tecnologia militar, a cooperação sino-russa reflete uma convergência de capacidades defensivas e ofensivas com implicações significativas para a segurança internacional. A transferência de tecnologia militar e o desenvolvimento conjunto de sistemas de armas avançados não só aumentam a capacidade de dissuasão de ambos os países, mas também redefinem o equilíbrio de poder militar global.

Segundo Radin *et al.* (2021, p. xi), esta cooperação militar “tem profundas implicações para o cenário geopolítico global”, indicando uma estratégia deliberada de ambos os países para minar a supremacia militar dos Estados Unidos e de seus aliados, enquanto simultaneamente promovem uma arquitetura de segurança alternativa.

No que tange à cooperação energética, esta aliança representa uma resposta estratégica às vulnerabilidades econômicas induzidas pelas sanções ocidentais, particularmente contra a Rússia. A parceria energética entre a China e a Rússia não apenas assegura uma fonte estável de recursos energéticos para a crescente economia chinesa, mas também oferece à Rússia um mercado confiável para seus recursos, diminuindo assim sua dependência econômica do Ocidente.

Esta dinâmica, conforme descrita por Radin *et al.* (2021), evidencia uma reorientação estratégica de Moscou e Pequim em direção a uma interdependência econômica que visa a fortalecer suas posições globais, ao mesmo tempo em que desafia as tentativas ocidentais de isolamento econômico.

Além das dimensões militar e energética, a cooperação sino-russa também sinaliza uma afinidade ideológica e estratégica no tocante à governança global. Ambos os países promovem uma visão de mundo que favorece a soberania nacional e a multipolaridade, em contraposição aos valores e à ordem internacional liderada pelos Estados Unidos. Esta postura comum reflete-se em seus esforços coordenados em fóruns internacionais, com os quais buscam reformar as instituições globais para refletir um equilíbrio de poder mais diversificado.

Radin *et al.* (2021, p. 146) destacam que “economic factors in general do not appear to be especially important in determining the overall relationship between China and Russia, although they do explain some elements of the trade and investment relationship”. Além disso, a cooperação sino-russa “determina trajetórias futuras”, implicando uma intenção compartilhada de moldar um novo paradigma de relações internacionais que seja mais inclusivo às suas perspectivas geopolíticas, bem como os interesses econômicos e estratégicos.

Portanto, Radin *et al.* (2021) demonstram que a cooperação sino-russa é uma força motriz significativa na transformação da paisagem geopolítica global. Suas implicações vão além das questões de segurança e economia, engajando-se profundamente com o tecido da governança global e desafiando a comunidade internacional a reconsiderar as estruturas de poder existentes. Este desenvolvimento sublinha a necessidade de uma compreensão mais matizada e multifacetada das relações internacionais contemporâneas, reconhecendo a emergência de novos centros de poder e as complexas interações que definem a ordem mundial do século XXI.

## 2.5 Impacto da colisão: onda de choque diplomático

Por um lado, a guerra na Ucrânia tem sido analisada sob a ótica da transição hegemônica, sendo interpretada como um catalisador no processo de reconfiguração do sistema internacional. No debate geopolítico, argumenta-se que o conflito apresenta semelhanças, em termos de impacto sistêmico, com o papel desempenhado pela Alemanha nas duas guerras mundiais, ao fragilizar a potência hegemônica estabelecida e abrir espaço para a ascensão de uma nova ordem. Esse quadro insere a Rússia como um agente de ruptura estratégica, enquanto a China, consolidando sua ascensão econômica e diplomática, posiciona-se como uma protagonista estrutural no processo de transformação global.

Essa leitura permite um exame mais aprofundado das implicações do conflito para a dinâmica do sistema-mundo. A partir do referencial de Wallerstein (1974), a atuação da Rússia e da China pode ser interpretada não apenas como a de potências revisionistas, mas como elementos fundamentais de um sistema hierárquico que opera em ciclos de acumulação e transições hegemônicas. Esse quadro teórico fornece um eixo estruturante para compreender como a guerra na Ucrânia se insere nesse processo e quais são os desafios para a consolidação de uma ordem multipolar.

A aliança sino-russa, em resposta aos desafios do século XXI, tem provocado reverberações significativas nas relações interestatais, marcando uma era de realinhamento diplomático. Este fenômeno é reconhecido na literatura como um ponto de redefinição nas dinâmicas de poder global. A crise Ucrânia-Rússia e o posicionamento da China surgem como uma variável crítica no equilíbrio estratégico global, deslocando o foco para as relações sino-russas. A China, embora não seja uma parte direta do conflito, desempenha um papel preponderante, capaz de inclinar a balança de poder internacional. A dinâmica da cooperação sino-russa, caracterizada por uma profunda complexidade, é analisada sob uma perspectiva que transcende a neutralidade, abraçando um engajamento construtivo que visa ao equilíbrio e à estabilidade estratégica (ZHAO, 2023).

A postura da China, frequentemente mal interpretada como neutra, revela-se, na verdade, como um engajamento construtivo, refletindo uma abordagem pragmática que reconhece a complexidade das causas da crise, incluindo a expansão da OTAN para o leste como um fator desencadeante significativo (Zhao, 2023). Essa posição não implica um alinhamento incondicional com a Rússia, mas sim uma avaliação

cuidadosa, que considera tanto as ações imediatas quanto as condições históricas e estratégicas subjacentes.

Contrapondo-se às narrativas predominantes no Ocidente, que frequentemente pintam a cooperação sino-russa sob uma luz negativa, é essencial reconhecer a multifacetada natureza dessa parceria. A declaração de “nenhuma área proibida de cooperação” entre China e Rússia, longe de sinalizar um endosso aos movimentos militares ou uma aliança incondicional, reflete um compromisso com uma relação estratégica que respeita os princípios de não-alinhamento, não-confrontação e não-direcionamento a terceiros (ZHAO, 2023).

Além disso, a cooperação sino-russa, especialmente em tempos de crises internacionais, sinaliza uma postura de coordenação, não apenas para ambos os países, mas também para a estabilidade regional e global. Ao promover uma abordagem equilibrada que busca o diálogo e a resolução pacífica de conflitos, a China contribui de maneira construtiva para o cenário internacional, desafiando assim as simplificações que frequentemente dominam o discurso ocidental.

Por fim, a crise Ucrânia-Rússia e as relações sino-russas revelam a complexidade da governança global e a necessidade de abordagens que transcendam a bipolaridade e considerem a multiplicidade de interesses e perspectivas. A política externa chinesa, ao adotar um engajamento construtivo, não apenas reflete sua posição como uma potência responsável, mas também destaca a importância de uma compreensão profunda das dinâmicas globais, onde a cooperação e o diálogo emergem como pilares fundamentais para a resolução de conflitos e a promoção da paz e estabilidade internacionais (ZHAO, 2023).

## 2.6 Considerações finais

A abordagem qualitativa e interpretativa utilizada no capítulo, dedicou-se à análise das dinâmicas do sistema-mundo, particularmente no contexto da aliança sino-russa e seus efeitos no conflito na Ucrânia. A metodologia inclui análise de documentos e textos políticos, relatórios elaborados por especialistas e revisão de literatura secundária para proporcionar um entendimento profundo das relações bilaterais sino-russas contemporâneas. Esta abordagem é apoiada por uma análise crítica das fontes, garantindo que diferentes perspectivas, especialmente aquelas oriundas de regiões diretamente afetadas, sejam consideradas para evitar algum viés eurocêntrico.

Greitens (2022) revela uma estratégia chinesa multifacetada, destacando a complexidade das relações sino-russas e a postura oficial de neutralidade da China, que esconde uma inclinação sutil que favorece a Rússia. Este equilíbrio estratégico é fundamental para entender as motivações da China em manter uma posição vantajosa entre os grandes poderes, sem comprometer suas relações com o Ocidente. Essa dualidade é essencial para compreender a aspiração chinesa por uma multipolaridade efetiva no sistema internacional, onde possa exercer influência significativa sem enfrentar o isolamento.

Mearsheimer (2001), com sua teoria sobre a balança de poder, fornece um quadro teórico para entender as alianças como esforços estratégicos para contrapor uma dada hegemonia e redefinir a distribuição de poder global. A aliança sino-russa, portanto, não apenas desafia a hegemonia dos Estados Unidos e da Europa em termos de capacidade militar e econômica, mas também estabelece uma contra narrativa às normas e valores promovidos pela ordem internacional pós-Guerra Fria.

Keohane e Martin (1995) discutem como as mudanças na dinâmica de poder afetam a cooperação internacional, levantando questões críticas sobre o futuro das instituições globais. As ações da China e da Rússia, como grandes potências emergentes, possuem fortes implicações para entender como as Nações Unidas e o G20 podem precisar se adaptar para continuar a facilitar a cooperação global e mediar conflitos em um mundo cada vez mais multipolar.

O método de análise das fontes e a triangulação de dados utilizados para assegurar a rigidez das interpretações das dinâmicas do sistema-mundo, avaliam as causas e as consequências desencadeadas pelo conflito na Ucrânia.

Nas sessões previamente descritas, foi mapeado o percurso do estreitamento de laços entre a China e a Rússia, detalhando como essas relações se intensificaram especialmente a partir de 2014. Os estudos de Radin *et al.* (2021) e Greitens (2022), ilustram não apenas a cooperação militar e econômica entre as duas nações, mas também a convergência estratégica em resposta a percebidas ameaças comuns, particularmente em relação à hegemonia ocidental. A análise destacou como essas interações se inscrevem dentro de uma estrutura de realinhamento de poder global, respondendo à transição de uma ordem unipolar para uma multipolar, conforme discutido por autores como Mearsheimer (2001) e Arrighi (2007).

Além disso, o capítulo traçou um panorama das decisões políticas que culminaram na guerra na Ucrânia, vinculando-as diretamente ao reposicionamento estratégico da Rússia e as respostas da OTAN. A utilização de análises contemporâneas, como as de Saich *et al.* (2023), que ajudaram a entender como a Rússia percebe suas ações como um mecanismo de defesa contra a expansão da influência ocidental. Isso foi complementado pela perspectiva de Wallerstein (2004) sobre os efeitos das dinâmicas do sistema-mundo em conflitos regionais.

Através da bibliografia consultada, o capítulo identificou as causas subjacentes ao conflito da Ucrânia, discutindo como a interação entre a política externa dos estados e as dinâmicas sistêmicas do poder global influenciam conflitos como o da Ucrânia. O papel da China como uma potência emergente e sua estratégia de não alinhamento direto com a Rússia, enquanto ainda favorece Moscou, revela uma complexidade que foi adequadamente dissecada por meio das teorias do sistema-mundo e do realismo estrutural.

Este estudo trouxe uma contribuição significativa ao contrapor-se à literatura tradicional que muitas vezes enfoca uma visão mais limitada das relações internacionais. Ao integrar teorias críticas e perspectivas sobre a cooperação internacional e a multipolaridade, o capítulo desafiou a narrativa predominante e propôs uma interpretação com mais nuances dos eventos atuais.

Em suma, os objetivos propostos de mapear as interações entre China e Rússia e de elucidar as complexidades das decisões políticas e causas subjacentes à guerra na Ucrânia, foram cumpridos. Nesta sessão, o intuito foi contrapor, refletindo algumas nuances e contrastes entre as teorias destacadas.

Alguns estudos consideram que Pequim percebe o conflito como uma oportunidade para avançar seus interesses geopolíticos, posicionando-se como um

ator responsável no cenário internacional, enquanto busca evitar danos significativos às suas relações com o Ocidente. Esta postura é evidenciada pela estratégia de Pequim em “equilibrar cuidadosamente suas relações com a Rússia e o Ocidente”, conforme discutido por Greitens (2022, p. 751).

Tal abordagem reflete a busca chinesa por uma multipolaridade no sistema internacional, onde a China pode exercer uma influência significativa. Outrossim, a emergência de atores como Rússia e China, que possuem parcerias estratégicas como a “Rota da Seda” e “*Power of Sibéria*”, incentivam a formação de blocos regionais, tais como: a Organização de Cooperação de Xangai, que busca expandir a influência econômica e militar dos seus membros na Ásia Central e além, representando um desafio à presença e influência da OTAN.

A onda de choque resultante da aproximação dos laços sino-russos, bem como a forte presença chinesa no poder de decisão global, é um indicativo de mudanças significativas no panorama de poder global entre os países. As contribuições de Arrighi (2008) oferecem um prisma teórico para analisar a geopolítica contemporânea, particularmente no contexto da aliança sino-russa. A obra de Arrighi (2008) ilumina as transformações estruturais em curso no sistema internacional, marcadas pelo declínio da hegemonia ocidental e pela ascensão da China como um novo centro de poder global.

Arrighi (2008) destaca a existência paralela de duas civilizações com lógicas econômicas e políticas distintas: o sistema interestatal europeu-ocidental, focado na competição militar e expansão geográfica externa, e o sistema interestatal asiático-oriental, centrado na cooperação comercial e expansão geográfica interna. Este contraste fundamenta dois modelos de desenvolvimento econômico divergentes: o capitalismo, impulsionado pela priorização do comércio exterior na Europa, e a economia de mercado orientada para o mercado interno na Ásia.

A análise histórica de Arrighi (2008) fornece uma base crucial para entender esse “desdobramento crítico” representado pela aliança sino-russa no século XXI. A “grande divergência” entre o desenvolvimento “natural” da China e o desenvolvimento “antinatural” das colônias norte-americanas, conforme descrito por Adam Smith, revela as raízes do antagonismo entre os modelos de desenvolvimento ocidental e oriental.

Destarte, Arrighi (2008) argumenta que a restauração do Oriente, simbolizada pela ascensão chinesa, é uma resposta direta ao declínio da hegemonia norte-americana, sugerindo uma reconfiguração profunda da ordem mundial (Arrighi, 2008).

Inserindo a perspectiva de Arrighi (2008) na análise da aliança sino-russa, observa-se que esta aliança é emblemática da restauração do Oriente e do questionamento da ordem internacional estabelecida. A parceria estratégica entre a China e a Rússia pode ser vista como um movimento em direção à criação de um mundo multipolar, onde a cooperação regional e a expansão geográfica interna desafiam as práticas de expansão militar e influência geopolítica ocidentais.

A obra de Arrighi (2008) nos desafia a reavaliar as premissas sobre as relações internacionais e a natureza das alianças no século XXI ao reconhecer a ascensão da China como parte de uma série de componentes críticos de uma transição global. Desta maneira, somos convidados a considerar novas formas de cooperação e desenvolvimento que transcendem a lógica hegemônica tradicional. A contribuição de Arrighi (2008) para o escopo de análise desta dissertação clarifica as dinâmicas geopolíticas contemporâneas, oferecendo uma base teórica para explorar as possibilidades de uma ordem mundial mais equitativa e multipolar.

### 3 O QUE CONSTITUI A ALIANÇA ENTRE CHINA E RÚSSIA?

Na arena internacional contemporânea, a aliança entre a República Popular da China (RPC) e a Federação Russa (FR) emerge como um ponto de alteração estrutural na geopolítica global. A convergência de interesses estratégicos, a cooperação econômica ampliada e o compromisso compartilhado em contrabalancear a influência ocidental têm impulsionado o fortalecimento das relações entre Pequim e Moscou. Este capítulo, objetiva explorar as raízes e a evolução desta aliança. O capítulo se desenvolve em torno dos seguintes questionamentos: O que constitui a aliança entre China e Rússia? De que maneira a aliança sino-russa, intensificada pela Guerra na Ucrânia, contribui para a reconfiguração do sistema internacional e desafia a hegemonia estadunidense no século XXI?

A dinâmica da aliança entre a China e a Rússia reflete uma intrincada teia de interesses econômicos, estratégicos e políticos que transcende as tradicionais noções de parceria. No coração dessa colaboração está o entendimento mútuo de que, em um mundo cada vez mais multipolar, a união de forças apresenta uma oportunidade estratégica para fortalecer suas respectivas posições no tabuleiro geopolítico global.

Tal percepção compartilhada é evidenciada pela crescente sinergia nas áreas de defesa, tecnologia e desenvolvimento infraestrutural, marcando uma nova era de cooperação bilateral que desafia as normativas e práticas internacionais vigentes. Por trás da aproximação sino-russa, está também uma sofisticada estratégia de diversificação econômica e redução da dependência de atores globais tradicionais. Pode-se destacar como exemplo a estratégia no setor energético, com a qual a Rússia se consolida como um fornecedor-chave de recursos naturais para a economia chinesa em rápida expansão.

Simultaneamente, a China emerge como um mercado vital para as exportações russas, o que, em última análise, contribui para a estabilidade econômica da Rússia frente às flutuações do mercado global e às sanções ocidentais. Dados recentes do relatório da *Asian Society Policy Institute* (2024), mostram que o comércio bilateral entre China e Rússia atingiu aproximadamente \$240 bilhões de dólares em 2023, exportando uma quantidade significativa de petróleo e gás natural para a China. Estes produtos energéticos constituem uma parte considerável das exportações russas, com a Rússia fornecendo cerca de 19% das importações totais de petróleo (ASIAN SOCIETY POLICY INSTITUTE, 2024).

Além disso, o relatório indica que o volume das exportações de gás natural da Rússia para a China através do gasoduto *Power of Siberia* tem aumentado, com previsões de alcançar a capacidade total de 38 bilhões de metros cúbicos até 2025 (ASIAN SOCIETY POLICY INSTITUTE, 2024).

Ademais, a esfera de segurança e defesa destaca-se como um pilar central desta aliança, refletindo uma ação coordenada às ameaças percebidas no contexto internacional. Exercícios militares conjuntos, os acordos de venda de armamentos avançados, embora a política externa chinesa tenha se mantido cautelosa ao exportar armamentos para Moscou; a troca de inteligência estratégica, ilustra um nível de confiança e comprometimento que transcende meros interesses econômicos, moldando uma postura defensiva comum que visa a equilibrar as influências de outros poderes globais.

Nos últimos anos, o comércio de armas entre Rússia e China tem levantado questões de interesse significativo nos debates sobre política internacional e equilíbrio de poder na Ásia. O volume de transações e o tipo de tecnologia militar envolvida são emblemáticos.

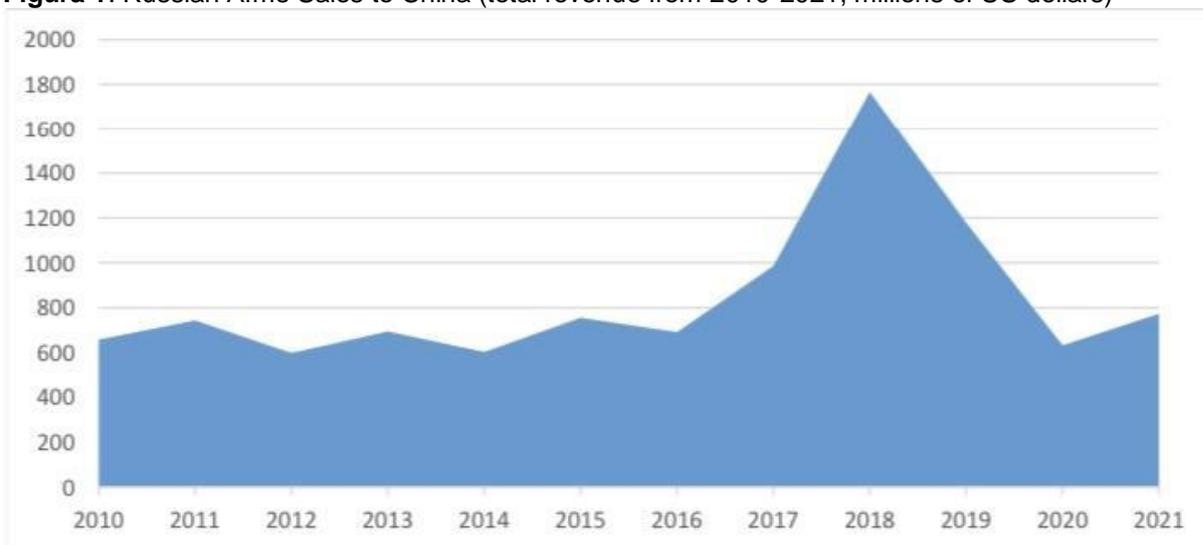
Segundo um estudo do CSIS (2015), Rússia e China assinaram acordos importantes para a venda de aeronaves de combate Su-35 e sistemas de mísseis de defesa aérea S-400, marcando um marco decisivo nas relações militares e técnicas bilaterais. Estes contratos, avaliados em cerca de 7 bilhões de dólares, representam algumas das transações de armas mais avançadas e significativas entre os dois países, com entregas programadas para os anos subsequentes, incluindo 2017 (CSIS, 2017).

Estes acordos não apenas significaram uma retomada nas vendas de armas, mas também marcaram o fim da política de longa data da Rússia de reter a venda de seus sistemas de armas mais avançados para a China. Este movimento foi estratégico para a Rússia, visando a reforçar as relações bilaterais com a China no contexto pós-crise da Ucrânia, com Moscou buscando apoio econômico e diplomático de Pequim para contrariar os esforços ocidentais de isolá-la mediante sanções (CSIS, 2017).

Além disso, a intensificação das relações militares foi acompanhada por uma cooperação tecnológica mais profunda, destacando-se projetos conjuntos em áreas como inteligência artificial e tecnologias espaciais, solidificando ainda mais a parceria estratégica entre os dois países (CSIS, 2017).

Como mostrado na Figura 1, abaixo, após um período relativamente estável de vendas, há um pico em 2017. O aumento coincide com os acordos destacados nos parágrafos anteriores. Os acordos políticos e militares reforçaram a cooperação entre as duas nações, delineando a profundidade da parceria estratégica que ultrapassa as meras questões comerciais. O exame dos dados ilustra a tendência das vendas de armas, que podem ser um crivo para mensurar as relações políticas e de segurança entre as grandes potências.

**Figura 1.** Russian Arms Sales to China (total revenue from 2010-2021, millions of US dollars)



**Fonte:** Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI) – TIV Tables. Acesso em: 15 de abr. de 2024. Disponível em: <https://armstrade.sipri.org/armstrade/page/values.php>

A aliança sino-russa transcende a mera convergência de interesses, simbolizando uma visão compartilhada de reestruturação da ordem mundial. Ambos os países promovem ativamente a ideia de um mundo multipolar, no qual a hegemonia unilateral é substituída por um sistema de governança global mais equitativo e baseado no respeito mútuo entre as nações. Esta visão alinha-se com a aspiração de ambos os países de desempenhar um papel mais proeminente nos assuntos globais, desafiando a ordem estabelecida dominada pelo Ocidente.

Essa perspectiva foi formalmente articulada na "Declaração Conjunta da Federação Russa e da República Popular da China sobre as Relações Internacionais Entrarem em uma Nova Era e o Desenvolvimento Global Sustentável"<sup>7</sup>, emitida em 4

<sup>7</sup> Ver em: DECLARAÇÃO CONJUNTA da Federação Russa e da República Popular da China sobre as Relações Internacionais Entrarem em uma Nova Era e o Desenvolvimento Global Sustentável. Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/armas/declaracao-conjunta-da-federacao-russa-e-o->

de fevereiro de 2022, durante a visita de Vladimir Putin a Pequim para a abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno. No documento, as partes afirmam que "a Rússia e a China pretendem aderir firmemente aos princípios morais e aceitar sua responsabilidade, defendem fortemente o sistema internacional com o papel central de coordenação das Nações Unidas nos assuntos internacionais, defendem a ordem mundial baseada no direito internacional, incluindo os propósitos e princípios da Carta das Nações Unidas, avançam a multipolaridade e promovem a democratização das relações internacionais, juntos criam um mundo ainda mais próspero, estável e justo, construindo em conjunto as relações internacionais de um novo tipo" (Declaração Conjunta, 2022, p. 3). Esta declaração evidencia o compromisso de ambos os países em reformar a ordem internacional vigente, promovendo uma governança global mais inclusiva e equitativa.

Esta visão se alinha com a aspiração de ambos os países de desempenhar um papel mais proeminente nos assuntos globais, desafiando assim a ordem estabelecida dominada pelo Ocidente.

O pico substancial nas vendas de armas da Rússia para a China em 2017, evidenciado pelo gráfico, marca um momento significativo na dinâmica bilateral, que indica um fortalecimento temporário das relações militares em resposta a desafios geopolíticos específicos do período analisado. O pico, no entanto, não é uma anomalia isolada, mas um reflexo de fatores estratégicos complexos que temporariamente intensificaram as necessidades defensivas da China. Após a elevação em 2017, as vendas retornam a um patamar estável, alinhado com os níveis observados nos anos anteriores, sugerindo uma adaptação das estratégias de defesa e um reequilíbrio nas relações militares. Este padrão de pico e normalização fornece um ponto de partida intrigante para investigar não apenas as transações de armas em si, mas também as motivações estratégicas e expectativas de longo prazo que guiam as relações bilaterais. Este panorama requer, uma análise mais detalhada através dos quadros teóricos elaborados por Stephen Walt (1987, 2015); George Modelski (1962) e Stephen Krasner (1982).

Nesta seção, analisamos o tema através da lente realista de Stephen Walt (1987, 2015) e sua teoria do equilíbrio de ameaças. A ideia central de Walt (1987) é que os Estados formam alianças não apenas em resposta ao poder, mas,

principalmente, às ameaças percebidas. Os países avaliam essas ameaças com base em critérios como a capacidade defensiva, a proximidade geográfica e os limites fronteiriços. A abordagem aplicada nesta dissertação permite analisar como China e Rússia percebem uma ameaça comum frente à expansão da OTAN e como esse fato tem corroborado como catalisador para o estreitamento dos laços sino-russos. Este enfoque não apenas esclarece a base estratégica da aliança, mas também destaca a dinâmica de poder subjacente que molda as relações internacionais. Entretanto, para poder preencher possíveis aspectos e lacunas que a teoria de Walt (1987) possa conter, a dissertação busca complementar mais a perspectiva, a dissertação considera os aspectos econômicos e culturais que são variáveis a serem incorporadas na análise do fortalecimento e evolução da aliança.

George Modelski (1962), com sua visão evolutiva das alianças, possui como ideia central que as alianças são instrumentos de longo prazo que surgem e evoluem em resposta às mudanças na distribuição de poder global desempenhando papéis críticos na configuração das ordens mundiais.

Dessa forma, a perspectiva histórica que a teoria de Modelski (1962) nos oferece permite compreender a aliança sino-russa como um instrumento de longo prazo na reconfiguração do cenário geopolítico global. Ao explorar essa dimensão, o capítulo traz à tona a natureza cíclica das alianças e seu papel na transformação da ordem mundial.

Em "*International Regimes*" (1982), regimes são definidos como "um conjunto de normas explícitas ou implícitas, regras de decisão e procedimentos de tomada de decisão em torno dos quais, as expectativas dos atores convergem em uma determinada área da temática" (KRASNER, 1982, p.1). Ao examinar a institucionalização da parceria sino-russa, podemos mapear as estruturas formais e informais, através dos tratados e acordos bilaterais, que regem as relações bilaterais. Os regimes são mecanismos que facilitam a cooperação estratégica e o alinhamento. Analisando as normas, princípios, regras e procedimentos que governam essa aliança, este segmento pretende revelar como a cooperação estratégica entre os dois países é facilitada e mantida através de estruturas formais e informais (KRASNER, 1982). Os regimes internacionais, mapeiam através da institucionalização o caminho percorrido e a evolução das alianças e das relações bilaterais.

### 3.1 A lógica das Alianças.

A análise realista das relações internacionais, especialmente a teoria do equilíbrio de ameaças proposta por Stephen Walt (1987), sugere que as alianças são formadas não somente em resposta ao *Hard Power*, mas também à percepção de ameaça. A aliança entre China e Rússia, neste contexto, pode ser vista como uma resposta estratégica a um ambiente internacional percebido como hostil.

George Modelski (1962), por outro lado, oferece uma visão histórica e evolutiva das alianças em "*A Theory of Foreign Policy*" (1962), descrevendo-as como instrumentos de longo prazo na manutenção ou alteração da ordem mundial. Ele destaca a importância da dinâmica de poder e a evolução das estruturas geopolíticas globais, argumentando que as alianças refletem e influenciam a distribuição do poder global (MODELSKI, 1962).

Em paralelo, a abordagem institucionalista de Krasner (1982, p. 1) sobre regimes internacionais nos permite examinar como as normas, princípios, regras e procedimentos de decisão facilitam e moldam a cooperação entre Estados. Os acordos oficiais firmados entre os dois países, sob a luz da literatura dos regimes internacionais, refletem não apenas uma convergência de interesses estratégicos, mas a institucionalização dessa parceria em vários domínios.

A aplicação da abordagem institucionalista de Stephen D. Krasner (1982) sobre regimes internacionais oferece uma perspectiva analítica profunda para compreender as dimensões institucionais e normativas das alianças entre Estados, particularmente entre a China e a Rússia. Krasner (1982), em sua obra seminal "*Regimes and the Limits of Realism: Regimes as Autonomous Variables*," argumenta que os regimes internacionais, definidos como conjuntos de normas, princípios, regras e procedimentos de decisão implícitos ou explícitos, são cruciais para facilitar a cooperação entre os Estados em um sistema internacional anárquico "Regimes may assume a life of their own, a life independent of the basic causal factors that led to their creation in the first place" (KRASNER, 1982, p. 498). Esta afirmação sublinha a ideia de que, uma vez estabelecidos, os regimes internacionais podem desenvolver dinâmicas próprias que persistem além das condições que motivaram sua formação inicial.

In both images, outcomes are a function of the distribution of power in the system. However, the first is concerned solely with the political interactions among states; the second, with the impact of the distribution of state power on various international environments (KRASNER, 1982, p. 499).

Krasner (1982) discute aqui como as perspectivas realistas sobre o comportamento dos estados podem ser expandidas para incluir os efeitos da distribuição de poder sobre ambientes internacionais variados, indicando uma abordagem mais matizada do que a fornecida pelo modelo de bolas de bilhar tradicional.

Over time the basic principles and norms of regimes are very durable and, once a regime is created, adjustment is likely to involve altering rules and decision-making procedures. But power distributions are more dynamic—they are constantly changing" (KRASNER, 1982, p. 505).

O autor explicita como os regimes podem se sustentar apesar das mudanças nas distribuições de poder, que são inerentemente mais dinâmicas e suscetíveis a alterações frequentes. Ademais, "Once regimes are established, they may feed back on the basic causal variables that gave rise to them in the first place. They may alter the distribution of power. They may change assessments of interest" (KRASNER, 1982, p. 510), o autor aponta uma complexidade adicional na interação entre regimes e poder estatal, sugerindo que os regimes não apenas são influenciados pela distribuição de poder, mas também podem influenciar essa distribuição, criando um ciclo de feedback contínuo.

Ao analisar a aliança sino-russa, podemos complementar a análise com o trabalho de Rozman (2014), em "*The Sino-Russian Challenge to the World Order: National Identities, Bilateral Relations, and East versus West in the 2010s*," que detalha como a convergência de interesses estratégicos entre a China e a Rússia tem se refletido em uma série de acordos institucionais que abrangem segurança, economia e tecnologia. Esses acordos exemplificam a teoria de Krasner (1982) ao mostrar como as normas e regras compartilhadas facilitam a cooperação estratégica entre esses dois gigantes geopolíticos, apesar das potenciais rivalidades e desconfianças históricas.

Especificamente, a cooperação energética sino-russa, como destacado por Downs (2010) em "*The Chinese-Russian Energy Partnership: The Limits of Strategic Partnership*," ilustra a institucionalização de princípios e regras que regem a venda de recursos energéticos russos para a China. Esse acordo não apenas solidifica uma

interdependência econômica, mas também estabelece um regime internacional que delimita como essas transações devem ocorrer, refletindo os interesses estratégicos alinhados no fornecimento de energia e na segurança energética.

No domínio da segurança, a análise de Lo (2008), em “*Axis of Convenience: Moscow, Beijing, and the New Geopolitics*” oferece contribuições sobre como os exercícios militares conjuntos entre a China e a Rússia e os acordos de cooperação em defesa têm servido para consolidar uma frente unida em resposta às percepções compartilhadas de ameaças à segurança vindas do Ocidente. Tais atividades são enquadradas dentro de regimes internacionais que definem os procedimentos para a cooperação militar, demonstrando uma institucionalização de esforços de defesa conjuntos.

Além disso, a iniciativa “*Belt and Road*” da China e sua intersecção com a União Econômica Eurasiática liderada pela Rússia exemplificam como princípios e regras institucionais são estabelecidos para coordenar investimentos e projetos de infraestrutura transnacionais. Kaczmarek (2015), no artigo “*Non-western visions of regionalism: China’s New Silk Road and Russia’s Eurasian Economic Union,*” destaca essa sinergia como um esforço conjunto para promover uma integração econômica regional sob uma estrutura de regras compartilhadas.

Dessa forma, a Teoria das Alianças, conforme discutida por Walt (1987) ao afirmar que as alianças são formadas em resposta à percepção de ameaça, poderia nos sugerir que as ameaças compartilhadas entre China e Rússia, em face da expansão da OTAN, têm influenciado a cooperação estratégica sino-russa em diversas áreas, como, por exemplo, na dimensão militar. Nessa direção, esse ângulo de análise permite uma avaliação mais precisa que vai além da análise de poder, elucidando a importância da percepção e os interesses entre os agentes internacionais envolvidos.

Modelski (1962) considerava que o termo “aliança” era um dos diversos termos guarda-chuva nas relações internacionais e que não possuía uma definição consensual entre a comunidade acadêmica internacional.

Desse modo, Modelski (1963) argumenta que as alianças são um fenômeno da política internacional que se diferencia de uma simples cooperação, pois as alianças ocorrem dentro de um processo de manutenção ou mudança na autoridade ou ordem mundial.

Nesse ínterim, a aliança entre os países possui uma conotação especial, pois ao se aliarem, os países buscam atingir uma meta sobre um objetivo específico, por essa razão, deve se ter um cuidado ao classificar tudo como aliança. Nem toda a cooperação e/ou colaboração, política ou não, deve ser confundida com uma aliança. Em casos mais amplos, as relações podem ser classificadas como alinhamentos das quais as alianças seriam um subtipo.

Nessa direção, Duffield *et al.* (2008, p.232) apontam que as alianças são um componente da política externa de um Estado, sendo as alianças um elemento fundamental para o Estado atingir os objetivos traçados na arena política. Em certa medida, os alinhamentos não surgem em decorrência de qualquer questão política. As alianças exigem ações militares conjuntas e cooperação nas áreas de defesa (DUFFIELD *et al.*, 2008). Sob este horizonte de análise, Duffield *et al.* (2008), por sua vez, contribuem com uma perspectiva contemporânea, relacionando alianças com a provisão de bens públicos e a extensão do poder estatal (DUFFIELD *et al.*, 2008).

Dessa forma, a análise das relações sino-russas revela uma parceria cada vez mais fortalecida desde 2014, marcada por uma cooperação política, militar e econômica crescente. Essa evolução é impulsionada tanto pela percepção de um declínio relativo do poder dos Estados Unidos quanto pela ameaça persistente que ambos, China e Rússia, sentem vir dos EUA. Essa dinâmica sugere que, a menos que ocorram mudanças significativas (e provavelmente indesejáveis) na política dos EUA, pouco pode ser feito para alterar a trajetória dessa relação. Certamente, se a relação sino-russa continuar a se fortalecer, tendo em vista as tendências no equilíbrio de poder e a continuação das políticas dos EUA, isso pode indicar intenções cada vez mais agressivas para com a China e a Rússia. A cooperação entre China e Rússia é percebida como um mecanismo para sustentar suas posições em face dos desafios colocados pela política externa dos Estados Unidos.

A compreensão da natureza das alianças no cenário geopolítico contemporâneo, especialmente no que tange à parceria sino-russa, revela uma teia interdependente de interações estratégicas que transcende a tradicional análise de poder. Este cenário, caracterizado pela ascensão de novos pólos de influência e pela perceptível reconfiguração da ordem mundial, exige um exame cuidadoso das dinâmicas que moldam as relações internacionais. A convergência entre a teoria do equilíbrio de ameaças de Walt, a visão histórica e evolutiva de Modelski (1962), e a abordagem institucionalista de Krasner (1982), juntamente com análises

contemporâneas, como as de Rozman (2014), Downs (2010), Lo (2008) e Kaczmariski (2015), oferecem uma estrutura robusta para desvendar as complexidades subjacentes à aliança entre a China e a Rússia.

Através deste prisma analítico, fica evidente que a aliança sino-russa não é meramente uma resposta *ad hoc* às pressões externas, mas uma estratégia bem articulada para fortalecer posições estratégicas num mundo cada vez mais interconectado e multipolar. Esta cooperação, que abrange domínios desde a segurança até a economia, destaca a importância das instituições internacionais e regimes como mecanismos facilitadores dessa colaboração. As normas, princípios, regras e procedimentos que emanam desses regimes não apenas moldam a cooperação bilateral, mas também têm o potencial de influenciar a ordem internacional.

Nesse sentido, a aliança sino-russa representa um microcosmo das mudanças tectônicas no panorama global, onde a emergência de blocos de poder alternativos desafia a predominância ocidental e aponta para uma ordem mundial mais diversificada e multipolar. A dinâmica dessa aliança, portanto, não é apenas um reflexo das ambições estratégicas de dois dos principais atores no tabuleiro geopolítico, mas também um indicador das transformações estruturais no sistema internacional.

Portanto, a análise da aliança sino-russa, enriquecida pelas contribuições de eminentes teóricos e complementada por uma investigação rigorosa das práticas atuais, sublinha a necessidade de repensar as abordagens tradicionais às relações internacionais. A era do unilateralismo e da hegemonia indiscutível cede lugar a uma realidade mais complexa, onde as alianças, moldadas por percepções compartilhadas de ameaças e oportunidades, desempenham um papel crucial na redefinição das regras que governam o sistema internacional.

A compreensão das alianças internacionais, particularmente entre China e Rússia, reflete a complexidade das relações geopolíticas contemporâneas. A análise aqui apresentada, ancorada nas perspectivas teóricas de Walt, Modelski e Krasner, revela que as alianças transcendem a tradicional resposta ao poder tangível, mergulhando profundamente na percepção compartilhada de ameaças e na necessidade de uma estratégia cooperativa em face de desafios globais e regionais. A aliança sino-russa, assim, emerge não apenas como um mecanismo estratégico de autopreservação e fortalecimento mútuo, mas como um indicativo da mudança de

paradigma no cenário internacional, sinalizando a transição para uma ordem mundial mais multipolar e interconectada.

O entendimento dessa aliança, por meio das lentes de teóricos eminentes, permite-nos apreciar a dinâmica entre as normas, princípios e procedimentos que governam a cooperação internacional e como esses elementos se institucionalizam em acordos que abrangem segurança, economia e tecnologia. A convergência de interesses estratégicos entre China e Rússia, a despeito de possíveis rivalidades e desconfianças históricas, exemplifica a importância crítica das instituições internacionais e regimes em facilitar e sustentar essa colaboração estratégica.

À medida que avançamos para a próxima sessão, "A Evolução da Aliança Sino-Russa", estaremos nos aprofundando no desenvolvimento histórico e nas nuances dessa parceria. Exploraremos como a aliança se fortaleceu e adaptou ao longo do tempo, respondendo a mudanças no ambiente internacional e a desafios específicos, como a expansão da OTAN e as percepções compartilhadas de ameaças externas. A sessão seguinte visa não apenas traçar a trajetória dessa aliança, mas também entender como ela reflete e influencia a reconfiguração da ordem mundial, oferecendo insights sobre as estratégias futuras e o papel que China e Rússia poderão desempenhar na arena global.

Este olhar retrospectivo e prospectivo sobre a aliança sino-russa nos prepara para uma compreensão mais aprofundada das forças em jogo na geopolítica do século XXI, antecipando as implicações dessa parceria para a estabilidade global, a segurança regional e a cooperação econômica. Nosso exame subsequente da evolução dessa aliança promete não apenas enriquecer nosso entendimento da dinâmica atual, mas também apontar para futuros desenvolvimentos nas relações internacionais.

### **3.2 A evolução das relações entre China e Rússia:**

A evolução das relações políticas e econômicas, ocorridas durante a década de 1990, são caracterizadas por um estreitamento progressivo nos âmbitos político e econômico (LEÃO, MARTINS E NOZAKI, 2011). Este período marcou uma fase inicial de aproximação que preparou o terreno para uma parceria mais robusta nos anos 2000.

Desse modo, a Rússia, buscando um contraponto às ambições geopolíticas dos Estados Unidos, viu na China um parceiro estratégico capaz de fortalecer sua posição tanto na Europa Oriental quanto no Cáucaso e na Ásia Central.

O marco crucial se dá no âmbito da criação da Organização da Cooperação de Xangai (SCO), em 2001, que foi um passo decisivo para cimentar a aliança militar e de combate ao terrorismo entre a Rússia e a China. Fiori (2008) descreve a (SCO) como uma organização que se propõe a ser um contrapeso aos EUA e às forças da OTAN.

Este bloco, que inclui outros países da Ásia Central, representa uma frente unida em questões de segurança regional e combate ao extremismo. A resolução das últimas disputas territoriais entre a China e a Rússia, em 2004, fortaleceu ainda mais os laços, assegurando a segurança da fronteira oriental russa. A parceria no setor militar é outra faceta crucial dessa aliança. As vendas de armas russas para a China durante a década de 1990 foram vitais para a sobrevivência do complexo militar-industrial russo, e essa relação evoluiu para incluir a transferência de tecnologia militar para a produção de novas armas chinesas (LEÃO, MARTINS E NOZAKI, 2011).

No que tange à energia, a relação sino-russa é marcada por uma interdependência complexa. Enquanto a China é uma grande importadora de hidrocarbonetos russos, há uma preocupação constante com a segurança energética e a dependência dos dutos controlados pela Rússia. Isso levou a China a diversificar suas fontes de abastecimento, bem como seus parceiros econômicos assinando contratos com países do Oriente Médio, África e América Latina. No entanto, a posição dominante da Rússia nos dutos da Ásia Central continua a ser um fator significativo.

Nesse íterim, a parceria estratégica entre China e Rússia é fundamental para ambos os países e tem se mostrado firme, mesmo diante de tensões e divergências em áreas específicas, como a questão energética. Essa colaboração tem sido crucial na tentativa de limitar o poder dos Estados Unidos, refletindo a importância estratégica

da aliança na geopolítica global. A aliança sino-russa, situada no epicentro das dinâmicas geopolíticas do século XXI, representa um ponto de clivagem nas relações internacionais e na ordem mundial pós-Guerra Fria. Este estudo crítico examina a convergência de interesses entre a China e a Rússia, particularmente no contexto do conflito ucraniano, destacando como essa parceria estratégica desafia a hegemonia ocidental tradicional e reconfigura o equilíbrio global de poder.

Desde 2014, a parceria sino-russa fortaleceu-se significativamente, impulsionada pela percepção de um declínio relativo do poder dos Estados Unidos e pela ameaça persistente sentida por ambos os países em relação às políticas americanas. Esta cooperação crescente abrange esferas políticas, militares e econômicas, refletindo um alinhamento estratégico em face de desafios comuns. A análise de Radin *et al.* (2021) destaca como as tendências no equilíbrio de poder e as políticas agressivas percebidas dos EUA contribuem para o fortalecimento dessa aliança.

Stanko (2022) destaca a complementaridade e cooperação entre Rússia e China no Extremo Oriente Russo (RFE), afirmando que, "the primacy of the geopolitical vector for Russia and the ideational vector for China overlap in a way that does not preclude cooperation" (STANKO, 2022, p. 9). O autor ressalta como os interesses geopolíticos da Rússia e as estratégias ideacionais da China no Extremo Oriente Russo (RFE) se sobrepõem de maneira que não impedem sua cooperação.

Essa dinâmica, segundo Stanko (2022), reflete uma relação de complementaridade, na qual a busca por *status* na Ásia Central por parte da Rússia coexiste harmoniosamente com o foco econômico da China, sugerindo que motivações divergentes entre os dois países podem, na verdade, fomentar uma relação estável.

Dessa forma, a relação entre China e Rússia demonstra uma estabilidade notável, mas não impenetrável, sustentada por um equilíbrio de interesses geopolíticos e ideacionais. O primado do vetor geopolítico para a Rússia e o vetor ideacional para a China se sobrepõem de maneira que não exclui a cooperação. Essa dinâmica complexa de cooperação é informada pelo realismo neoclássico, que reconhece as pressões da autoajuda da anarquia no sistema internacional, mas também considera que as decisões de política externa tomadas para enfrentar ameaças (reais ou percebidas) são um subproduto de considerações políticas domésticas.

A análise multifatorial de questões específicas dentro de um escopo geograficamente delimitado aponta para o realismo clássico como a abordagem mais promissora para entender as relações sino-russas, sugerindo que as prioridades divergentes de cada lado da fronteira favorecem a cooperação futura. As relações sino-russas são, portanto, caracterizadas por uma complexidade que desafia interpretações simplistas. O fortalecimento dessa aliança é simultaneamente uma resposta às pressões externas e um reflexo de dinâmicas internas complexas, indicando um equilíbrio cuidadosamente negociado que favorece a estabilidade, apesar das potenciais fontes de tensão. Em seguida, é utilizado um quadro teórico que considera as dimensões históricas, econômicas, militares e políticas, refletindo as características que são discutidas na Teoria das Alianças. O caso da Guerra na Ucrânia, serve como estudo de caso para entender as dinâmicas das alianças do século XXI, especialmente em termos de resposta à crise e a reconfiguração global.

### 3.3 As regras do jogo geopolítico

Esta seção, intitulada “As regras do Jogo Geopolítico”, destaca o jogo entre o Ocidente e Moscou: está em curso uma nova reconfiguração geoestratégica e novas “linhas de fractura” que já se percebem na Eurásia. A influência dos EUA como definidora das regras que consubstanciam a ordem global do pós-guerra fria, tem entrado em declínio. Ao passo que a projeção de poder global dos EUA fora reduzida pelos dispêndios financeiros em guerras como a guerra do Iraque, do Afeganistão, bem como a crise de 2008, quando instaura-se uma crise de legitimidade e contestação em relação aos meios utilizados pelos EUA para garantir a paz e a ordem financeira do sistema internacional.

De acordo com a teoria de transição do poder:

Per power-transition theory, parity between the incumbent leader and a challenger increases the likelihood of war, while a preponderance of power in favor of the incumbent is conducive to peace[...] Among the newly rising nations (BRICs), China is discussed as a potential contender for world leadership[...] The economic and financial interdependence between the United States and China is currently the driving force in their relations[...] Economic collaboration and interdependence drive the relations between the two, they are not sufficient conditions for a peaceful transition, until their political and security relations are solidified and their preferences coalesce substantively (Feng, 2013, p. 170-173).

Consequentemente, Feng (2013) oferece um quadro teórico bem estruturado do qual podemos mensurar as condições sob as quais a liderança global pode mudar de mãos, e as complexidades envolvidas na passagem de poder para as nações emergentes. O primeiro quartel do século XXI é caracterizado por uma significativa perda gradativa de influência e liderança dos EUA para as potências emergentes, o que reflete não apenas um deslocamento de poderio político e econômico, mas uma (re)configuração nas estruturas e normas que definem o Sistema Internacional (FENG, 2013)

Posteriormente, no artigo “*After unipolarity: China’s vision of international order in an era of U.S decline*” de Schweller e Pu (2011) são destacadas cinco fases do ciclo que estabelecem alguma ordem global hegemônica. A aliança sino-russa emerge como uma pedra angular na geopolítica contemporânea, desafiando as premissas estabelecidas e reconfigurando as dinâmicas de poder globais. Conforme Schweller e Pu (2011), que destacaram o atravessamento da ordem global hegemônica através do ciclo distinto de cinco fases, cada uma delineando a transição

e transformação do sistema internacional. Eles argumentam que "na primeira fase, há uma ordem estável em que uma potência hegemônica controla o sistema internacional; na segunda fase, o poder e o papel da potência hegemônica são contestados e desarticulados" (SCHWELLER; PU, 2011, p. 42). A relevância dessa análise para a compreensão da aliança sino-russa é indiscutível, pois situa essa parceria dentro do contexto mais amplo da evolução da ordem mundial.

A terceira fase, de particular interesse para este estudo, é marcada pela formação de alianças entre potências emergentes como um meio de enfraquecer a potência hegemônica dominante (SCHWELLER; PU, 2011). Neste estágio, a aliança sino-russa é emblemática, servindo como um baluarte contra a unipolaridade e catalisando a transição para uma ordem mais multipolar.

A análise proposta por Schweller e Pu (2011) é instrumental para desvendar a complexidade das alianças geopolíticas e sua capacidade de influenciar a arquitetura da ordem global. A parceria estratégica entre a China e a Rússia não é meramente uma resposta *ad hoc* a desafios conjunturais; ela reflete uma estratégia calculada para redefinir o equilíbrio de poder internacional, antecipando-se às mudanças sistêmicas e procurando moldar o futuro da geopolítica global.

À luz desta análise, a aliança sino-russa representa um marco crítico, não apenas em termos de política de poder, mas também na reconfiguração das normas e estruturas que governam as relações internacionais. Este entendimento é crucial para os estudiosos e formuladores de políticas que buscam decifrar a complexa tapeçaria das dinâmicas globais no século XXI. Em suma, a discussão teórica empreendida nos parágrafos anteriores não apenas esclarece o caráter e as implicações da aliança sino-russa; mas também nos convida a refletir sobre as profundas transformações em curso no sistema internacional.

Nesse contexto, o fortalecimento da aliança no conflito na Ucrânia requer um exame detalhado das teorias fundamentais sobre alianças internacionais, já mencionadas nas seções anteriores. Walt (1987), ao introduzir a Teoria do Balanceamento de Ameaças, argumenta que as alianças são formadas não meramente em resposta ao poder, mas à percepção de ameaça. Estados se aliam uns aos outros para balancear contra aqueles que consideram mais ameaçadores, considerando fatores como proximidade geográfica, capacidades ofensivas, e intenções percebidas (WALT, 1987).

Dessa forma, em seu artigo intitulado “*How not to save Ukraine arming Kiev is a bad idea*”, publicado no *Foreign Policy*, Walt (2015b) argumenta que “por vezes, os Estados agem de forma agressiva não por uma predisposição inata ao conflito, mas como uma resposta calculada à percepção de ameaças ou desequilíbrios em seu ambiente estratégico” (WALT, 2015b). Este ponto de vista é crucial para entender a dinâmica dos Estados, onde suas ações não podem ser avaliadas isoladamente, mas sim no contexto de uma rede complexa de interações e percepções. Walt (2015b) amplia essa discussão ao examinar a situação na Ucrânia, sugerindo que o fornecimento de armas a Kiev poderia exacerbar a tensão na região, ao invés de promover a paz ou a segurança.

Segundo ele, a escalada militar não resolve os problemas subjacentes que levaram à crise; pelo contrário, pode reforçar um ciclo de hostilidade e retaliação. Este argumento é emblemático da Teoria do Equilíbrio de Ameaças de Walt (1987), que postula que as alianças e as ações dos Estados são motivadas pela necessidade de balancear ameaças percebidas, e não necessariamente pelo poder relativo dos outros Estados. A aplicação desta teoria ao contexto ucraniano oferece uma perspectiva alternativa às narrativas dominantes que frequentemente focam na acumulação de poder como a principal causa dos conflitos.

Ao invés disso, Walt (2015b) nos convida a considerar como as percepções de insegurança, tanto da Rússia quanto da Ucrânia, moldam a política externa e a decisão de buscar apoio militar externo.

Nessa direção, ao abordar a expansão comercial e econômica da China, como a transferência do epicentro econômico global para a Ásia Oriental, é crucial revisar Arrighi (2008). O autor analisa a ascensão da China como um fenômeno que desafia as teorias tradicionais do capitalismo e da hegemonia global, argumentando que a China está forjando um modelo de desenvolvimento e expansão econômica que difere fundamentalmente do modelo ocidental neoliberal.

A iniciativa *Belt and Road* e a Organização de Cooperação de Xangai (OCX) são exemplos da estratégia chinesa para moldar a arquitetura global, promovendo uma nova forma de interação econômica e política que prioriza a cooperação sobre a competição (ARRIGHI, 2008).

No século XXI, especialmente no contexto pós-pandêmico e em meio à guerra na Ucrânia, a aliança sino-russa emerge como um mecanismo crucial para enfrentar as ameaças percebidas por ambos os países, sejam elas militares, econômicas ou

políticas. A aliança, fortalecida pelas percepções de ameaça compartilhadas e pela necessidade de responder a desafios globais, como a expansão da OTAN, reflete a aplicação prática da Teoria do Balanceamento de Ameaças.

Simultaneamente, essa aliança é indicativa da visão de Modelski (1963) sobre alianças como ferramentas para alterar a ordem mundial, neste caso, movendo-se em direção a um sistema mais multipolar e equilibrado. Este panorama sugere que a aliança sino-russa, reforçada pelo conflito na Ucrânia, não é apenas uma resposta estratégica às ameaças imediatas, mas também um passo em direção a uma ordem mundial que reflete o dinamismo econômico e comercial da China.

A evolução das alianças geopolíticas no século XXI, especialmente no contexto dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e, posteriormente, África do Sul), apresenta um terreno fértil para análises críticas sob a ótica da Teoria das Alianças.

Na recapitulação teórica, para aprofundar e compreender as alianças além do espectro militar, integrando-as às estratégias econômicas e políticas dos Estados, Silva (2011) revisita a Teoria das Alianças e faz sua aplicação aos BRICS.

Utilizando a estrutura teórica estabelecida, Silva (2011) examina a formação e a natureza da cooperação entre os países do BRICS. A questão central de sua análise é se os BRICS podem ser considerados uma aliança conforme as definições clássicas e contemporâneas da Teoria das Alianças. A análise revela que, apesar de uma crescente cooperação, especialmente no âmbito econômico, os BRICS se caracterizam mais por um alinhamento do que por uma aliança formal, devido à ausência de mecanismos institucionais robustos e compromissos de defesa mútua (SILVA, 2011).

A dinâmica de cooperação entre os BRICS oferece importantes contribuições para a compreensão da aliança sino-russa, particularmente no contexto do conflito na Ucrânia. A aliança sino-russa, embora mais institucionalizada em comparação com a cooperação BRICS, compartilha características de pragmatismo e estratégia econômica e política. Este relatório sugere que, à luz da Teoria das Alianças, a aliança sino-russa pode ser vista como um esforço mútuo para reconfigurar a ordem mundial, desafiando a hegemonia ocidental e promovendo uma ordem mundial multipolar.

### **Considerações prévias**

Nesta sessão sobre "As regras do jogo geopolítico" foi ressaltado uma questão incontornável da contemporaneidade: estamos testemunhando uma transformação profunda na arquitetura global, marcada pela reconfiguração das alianças e pelo questionamento das hegemônias estabelecidas. À medida que avançamos, revisitando cada aspecto discutido, nos deparamos com a imbricação complexa de fatores políticos, econômicos e estratégicos que definem as relações internacionais no século XXI.

Nestes parágrafos, procuramos estabelecer uma discussão crítica, acrescentando novas camadas de interpretação. A análise oferecida por Schweller e Pu (2011), que esboça as cinco fases de transição da hegemonia global, serve como um arcabouço interpretativo eficiente para compreender a aliança sino-russa não apenas como uma resposta a desafios conjunturais, mas como um fenômeno inserido em um processo histórico mais amplo de mudança sistêmica.

Ao desmembrarmos a relação, bem como os interesses compartilhados entre China e Rússia através da lente da Teoria do Equilíbrio de Ameaças, percebemos que a formação de alianças transcende a lógica simplista do balanceamento de poder. É a percepção de ameaças compartilhadas que catalisa essa aproximação estratégica, apontando para a importância de analisar as motivações subjacentes e os contextos em que essas alianças se consolidam.

No entanto, essa perspectiva não é suficiente para capturar toda a complexidade das dinâmicas atuais. A intervenção teórica de Arrighi, ao contrapor os modelos de desenvolvimento ocidental e asiático, oferece um contraponto crítico à narrativa predominante sobre a ascensão da China. O modelo asiático-oriental, baseado na cooperação comercial e expansão geográfica interna, contrasta com o modelo europeu-ocidental de competição militar e expansão geográfica externa, fornecendo um prisma através do qual podemos reavaliar as transformações contemporâneas no sistema internacional.

Neste contexto, a aliança sino-russa emerge como um símbolo potente da busca por uma nova ordem mundial, mais multipolar e justa. Essa parceria estratégica reflete não apenas interesses econômicos e de segurança, mas também uma visão compartilhada sobre a reestruturação das relações globais, em oposição à dominação unilateral.

Portanto, ao avançarmos para uma compreensão mais profunda das "Regras do Jogo Geopolítico", nos é pedido que consideremos não apenas as estruturas de poder existentes, mas também as possibilidades de transformação. A aliança sino-russa, nesse sentido, não é um fenômeno isolado, mas um indicador de tendências mais amplas que afetam a ordem global, desafiando-nos a repensar as premissas sobre poder, cooperação e competição no século XXI.

A compreensão dessas dinâmicas nos prepara para explorar, com maior profundidade, a evolução dessa aliança e suas implicações para o futuro das dinâmicas internacionais. Estamos, assim, diante de um cenário que exige não apenas vigilância, mas também uma capacidade de antecipação e adaptação às novas realidades que se desenham no horizonte geopolítico.

### 3.4 Panorama do século XXI: China, EUA, Ucrânia, União Europeia e Rússia

A República Popular da China (RPC) localiza-se na macrorregião da Ásia Oriental. Seu território engloba 18,09% da população mundial, totalizando uma população de 1,42 bilhão de pessoas (World Bank, 2024). Segundo dados do Banco Mundial, o PIB da China para o ano de 2021 foi estimado em aproximadamente 17,73 trilhões de dólares (em dólares americanos). A sua participação na economia global é expressiva e os dados indicam que o PIB da China representa uma parcela significativa do PIB mundial, variando entre 15% e 20% do PIB global, a considerar as flutuações das condições econômicas e das taxas de crescimento na China e globalmente (World Bank Open Data, 2021). Suas reservas cambiais totalizam US\$ 3,14 trilhões de dólares (FMI, 2024).

A China se destaca não apenas como uma força motriz da economia mundial, mas como um modelo de crescimento e desenvolvimento sem precedentes. Segundo o Banco Mundial (2024), a China apresentou uma das taxas mais rápidas de aumento da renda per capita ao longo de um quarto de século, impactando positivamente a segunda maior população do mundo. Com suas reservas cambiais superiores a 3 trilhões de dólares (FMI, 2024), o país solidifica sua posição como o maior detentor de reservas cambiais globais, evidenciando sua capacidade financeira superlativa (CIA, 2024).

A China, abraçando uma estratégia de expansão e cooperação comercial, estende sua influência por todos os continentes, desempenhando um papel crucial na reconfiguração das dinâmicas de poder global. A China não apenas se destaca como uma potência econômica global, mas também como um *global player* no setor de defesa, com suas principais corporações desempenhando papéis cruciais no cenário internacional.

A Aviation Industry Corporation of China (AVIC) supervisiona a indústria aeronáutica chinesa, incluindo o Chengdu Aircraft Industry Group, responsável pelo desenvolvimento dos caças J-10 e J-20, e a Shenyang Aircraft Corporation, produtora do J-11 e do FC-31. A China North Industries Group Corporation (NORINCO) é renomada por seus sistemas de defesa aérea e mísseis, enquanto a China Aerospace Science and Technology Corporation (CASC) fabrica sistemas de mísseis balísticos e guiados. Além disso, a China Aerospace Science and Industry Corporation (CASIC) desenvolve sistemas de defesa aérea como o HQ-9.

Quando contrastada com outras potências, a indústria de defesa chinesa não apenas se destaca pela inovação, mas também pela capacidade de produção em larga escala. O SIPRI (2023)<sup>8</sup> indica que, em termos de receita, empresas como Lockheed Martin e Boeing ainda lideram o *ranking* global, mas a China avança rapidamente, ampliando sua participação no mercado internacional e estreitando laços com parceiros estratégicos em regiões como a África e o Oriente Médio. Essa estratégia de exportação, combinada com uma política de preços competitiva, desafia diretamente as normas estabelecidas pelas indústrias de defesa ocidentais, expandindo a influência geopolítica chinesa.

Essa realidade transforma a China em uma potência que transcende a lógica de dependência tecnológica observada no início do século XXI. Ao integrar capacidades avançadas, como a produção de armamentos hipersônicos e a aplicação de inteligência artificial em plataformas autônomas de combate, o país redefine o equilíbrio de poder global. Como enfatizado no relatório do SIPRI, o crescimento da capacidade militar chinesa é parte de uma estratégia deliberada de moldar a ordem global, tornando-se um ator indispensável na segurança internacional. A articulação entre os setores econômicos e militares, um aspecto central das teorias de economia política internacional, reflete a interseção entre crescimento econômico e projeção de poder, características que posicionam a China como um competidor determinante na arena global.

Por fim, o contraste entre as indústrias de defesa chinesas e ocidentais não apenas revela a capacidade tecnológica do país, mas também evidencia sua estratégia de posicionamento global. Enquanto os Estados Unidos mantêm um papel dominante, a China opera com pragmatismo estratégico, ampliando suas capacidades de exportação e modernização militar. Esses avanços não apenas desafiam a

---

<sup>8</sup> "The nine companies in the Top 100 based in China saw their smallest year-on-year percentage increase in arms revenues (+0.7 per cent) since 2019 amid a slowing economy. Their total arms revenues in 2023 reached \$103 billion. Despite the slowing economy, these companies continue to expand their military capabilities, with a focus on strategic sectors such as ballistic missiles, stealth aircraft, and air defense systems. The Aviation Industry Corporation of China (AVIC) and the China North Industries Group Corporation (NORINCO) are at the forefront of technological innovations, including advanced combat aircraft and long-range missile systems. These companies play a central role in modernizing China's armed forces, promoting its technological independence and export capacity to strategic allies." (SIPRI, 2024).

hegemonia ocidental, mas também sugerem um futuro em que o poder bélico será um elemento cada vez mais crucial na redefinição das dinâmicas internacionais. Nesse cenário, a indústria de defesa chinesa não apenas responde às demandas internas, mas também atua como uma ferramenta de influência global, moldando narrativas e realidades que desestabilizam paradigmas previamente consolidados.

Os Estados Unidos da América, frequentemente exaltado como a ex-colônia britânica mais bem-sucedida, são tradicionalmente vistos como a superpotência dominante. Na contemporaneidade, enfrentam desafios significativos à sua hegemonia global, em grande parte devido ao rápido surgimento da China como potência econômica e militar. Contudo, continuam a ser um centro de inovação tecnológica e financeira, com um PIB aproximadamente de US\$ 21 trilhões que representa uma parcela substancial da economia mundial 22,3% do PIB mundial (Banco Mundial, 2024). Ainda assim, questões como o endividamento nacional e a polarização política interna apresentam desafios para a manutenção de sua hegemonia global.

Sob a perspectiva realista, a capacidade de influência dos EUA deriva de seu poder militar, com empresas como Lockheed Martin, Raytheon e Northrop Grumman liderando o mercado global de armamentos. Segundo dados do SIPRI (2024), os EUA respondem por 50% das receitas das 100 maiores empresas de defesa, evidenciando sua capacidade de projetar poder por meio de uma rede de alianças estratégicas e bases militares distribuídas globalmente. No entanto, à luz do neorrealismo (Waltz, 1979), essa hegemonia enfrenta desafios estruturais, como o crescente endividamento público – atualmente superior a US\$ 33 trilhões (CIA, 2024) – e a polarização política interna, que comprometem sua habilidade de se sustentar como uma liderança incontestável.

No campo da segurança, a lógica exercida pelo Pentágono reflete o conceito de "dissuasão estendida", fundamentado na manutenção de alianças como a OTAN e no fortalecimento de parcerias na região do Indo-Pacífico, como o QUAD e o AUKUS (ALLISON, 2017). A economia política internacional, ao analisar a interseção entre poder econômico e militar, destaca que a liderança dos EUA está intrinsecamente vinculada à política monetária internacional de manutenção do dólar como moeda global e à sua capacidade de financiar operações militares em larga escala. Contudo, como argumenta Arrighi (1994, 2008), a hegemonia estadunidense começa a dar sinais de declínio sistêmico, especialmente diante da ascensão da China, que utiliza

uma estratégia de crescimento econômico combinada com modernização militar, que coloca em xeque as normas estabelecidas pela ordem vigente.

Por outro lado, a União Europeia se apresenta como um pilar vital da economia global, com um PIB de US\$ 16,75 trilhões em 2022, representando 14,5% do PIB mundial (World Bank Open Data, 2024). Sob o prisma da economia política internacional, o bloco europeu funciona como um "poder civil" (MANNERS, 2002), priorizando a diplomacia, o comércio e os direitos humanos como ferramentas de influência. Contudo, desafios internos, como o Brexit e as tensões entre Estados-membros, expõem sua dificuldade em consolidar uma política externa e de segurança comum. A Alemanha – cuja economia encontra-se em recessão – e a França, como principais potências dentro do bloco, desempenham um papel fundamental na aliança transatlântica, contribuindo significativamente para a OTAN e liderando iniciativas de defesa como o programa de modernização do Leopard 2 e o desenvolvimento de sistemas aéreos autônomos (SIPRI, 2024).

Apesar disso, a disparidade entre os Estados-membros em relação ao financiamento de defesa e à integração militar reforça a dependência europeia dos EUA. Essa assimetria reflete as limitações estruturais da União Europeia em se posicionar como um ator autônomo em assuntos direcionados à segurança global. Mesmo com avanços como o Fundo Europeu de Defesa<sup>9</sup>, a capacidade do bloco de influenciar o cenário global permanece condicionada à coesão interna e ao apoio americano. A França, por exemplo, mantém um equilíbrio delicado entre liderar a modernização militar do bloco e cooperar com os EUA em programas como o desenvolvimento conjunto de caças de quinta geração.

---

<sup>9</sup> O Fundo Europeu de Defesa (FED) foi formalmente estabelecido pelo **Regulamento (UE) 2021/697 do Parlamento Europeu e do Conselho**, de 29 de abril de 2021. Este regulamento define os objetivos, o âmbito e as disposições financeiras do fundo, visando promover a competitividade, a eficiência e a capacidade de inovação da base industrial e tecnológica de defesa da União Europeia. A implementação do FED é realizada através de programas de trabalho anuais, que estabelecem prioridades e orientações específicas para os projetos a serem financiados. Esses programas são desenvolvidos em conformidade com as políticas de defesa da UE e em estreita cooperação com os Estados-Membros, assegurando que os investimentos atendam às necessidades estratégicas comuns e promovam a interoperabilidade entre as forças armadas europeias. [Regulamento - 2021/697 - PT - EUR-Lex](https://eur-lex.europa.eu/eli/reg/2021/697/oj)

UNIÃO EUROPEIA. **Regulamento (UE) 2021/697 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de abril de 2021**. Cria o Fundo Europeu de Defesa e revoga o Regulamento (UE) 2018/1092. Jornal Oficial da União Europeia, L 170, 12 maio 2021. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/eli/reg/2021/697/oj>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Essa interdependência entre os EUA e a União Europeia exemplifica as complexidades do sistema internacional contemporâneo. Enquanto os EUA adotam uma estratégia de contenção assertiva contra potências emergentes, como China e Rússia, a União Europeia luta para alinhar suas prioridades econômicas e de segurança em um contexto de crescentes desafios internos e externos. Sob a perspectiva do neo realismo ofensivo (MEARSHEIMER, 2001), essa relação assimétrica reflete o esforço americano em preservar sua hegemonia enquanto explora as fragilidades institucionais do bloco europeu para manter sua posição dominante.

A União Europeia, como bloco, desempenha um papel vital na economia global, sendo um dos maiores mercados consumidores e um centro de poder político e econômico. No entanto, enfrenta desafios internos, como as tensões políticas e econômicas entre seus Estados-membros, que impactam sua coesão e capacidade de agir unificadamente no cenário internacional. O PIB da União Europeia para o ano de 2022 foi de aproximadamente 16,75 trilhões de dólares. Em termos de participação no PIB mundial, considerando os dados globais, isso representa cerca de 14,5% do PIB mundial (World Bank Open Data, 2024).

A Rússia, com sua vasta extensão territorial e recursos naturais significativos, continua a ser um ator geopolítico de grande importância. Apesar de desafios econômicos e políticos, a Rússia mantém uma presença militar forte e uma influência significativa em regiões estratégicas, atuando como um contrapeso aos interesses ocidentais em várias áreas do mundo (CIA, 2024).

A Ucrânia encontra-se em uma posição única e desafiadora, geograficamente e politicamente, entre a Rússia e a União Europeia. Os conflitos recentes em seu território não apenas destacam as tensões existentes na região, mas também refletem as complexas dinâmicas de poder entre os grandes atores da política internacional, afetando sua estabilidade e desenvolvimento econômico (FMI, 2024).

A ascensão da China como potência econômica global e a parceria estratégica sino-russa representam pontos de inflexão fundamentais na geopolítica do século XXI. De acordo com o que Korostikov (2023) afirma:

The trade turnover between the two countries, which reached a record \$190 billion last year, increased by another 39 percent in the first quarter of this year compared with the same period in 2022. Russian raw material exports to

China and imports of Chinese goods have sharply increased (KOROSTIKOV, 2023, parágrafo, 2).<sup>10</sup>

Arrighi (2008) oferece uma perspectiva crítica sobre essa mudança de paradigma, argumentando que a emergência da China no cenário global não apenas desafia a hegemonia tradicional do Ocidente, mas também sugere um modelo alternativo de desenvolvimento econômico. O autor discute a ideia de que a dinâmica do capitalismo global está se reorientando de forma que a economia política internacional, historicamente dominada pelo modelo ocidental de militarismo e expansão geográfica externa, está sendo gradualmente influenciada por um modelo asiático focado em cooperação comercial e expansão geográfica interna. Essa reorientação sugere um deslocamento significativo das bases de poder, com implicações profundas para a ordem mundial existente. (ARRIGHI, 2008)

Arrighi (1994) possui um quadro-síntese que possibilita a compreensão de como as dinâmicas de hegemonia global são moldadas por duas lógicas principais que, embora interdependentes, frequentemente se desalinham: a lógica do capital e a lógica do poder. A lógica do capital, voltada para a maximização de lucros e a expansão de mercados, reflete os interesses das elites econômicas, como corporações transnacionais e capitalistas, que dependem de condições estáveis e mercados abertos para garantir a acumulação de capital. Por outro lado, a lógica do poder, mais vinculada à política internacional, bem como o domínio sob os recursos estratégicos, é conduzida pelos interesses estatais de segurança, controle político e projeção militar. Esses dois vetores de ação podem entrar em conflito, uma vez que os imperativos estatais por segurança ou expansão podem desestabilizar o ambiente econômico que o capital necessita para se expandir.

No contexto da guerra na Ucrânia, as ideias de Arrighi (1994) lançam luz sobre as tensões e contradições que permeiam a ordem internacional contemporânea. A lógica do capital está presente na resistência de grandes corporações ocidentais ao ampliarem sanções econômicas contra a Rússia, dado o impacto adverso sobre os fluxos comerciais e cadeias de suprimento globais, especialmente no setor de energia e recursos estratégicos. No entanto, essa lógica entra em conflito com a lógica do poder, na qual os Estados Unidos e seus aliados europeus priorizam uma estratégia

---

<sup>10</sup> "O comércio entre os dois países, que alcançou um recorde de US\$ 190 bilhões no ano passado, cresceu mais 39% no primeiro trimestre deste ano em comparação com o mesmo período de 2022." (Tradução nossa)

geopolítica de contenção à Rússia, mesmo que isso implique custos econômicos substanciais, como o aumento nos preços de energia e a reconfiguração de mercados globais (ARRIGHI, 1994).

Simultaneamente, a Rússia e a China também demonstram a tensão entre essas duas lógicas. No caso da Rússia, a lógica do poder tem prevalecido: o Kremlin, ao invadir a Ucrânia, demonstrou estar disposto aos desafios econômicos impostos pelo Ocidente — como o isolamento dos mercados globais e a fuga de capitais estrangeiros — em nome da preservação de sua posição estratégica e segurança nacional. Contudo, essa decisão geopolítica fragilizou sua lógica de capital ao aumentar a dependência econômica da China como principal parceiro comercial e financeiro. A China, por sua vez, equilibra cuidadosamente ambas as lógicas. Embora dependa de mercados ocidentais para sustentar sua lógica de capital, Pequim também adota estratégias políticas e de controle de recursos focadas no fortalecimento militar e na construção de alianças que reforcem seu domínio regional, como observado em sua postura no Mar do Sul da China e na iniciativa Belt and Road.

A análise de Arrighi (1994) revela que as hegemonias globais enfrentam desafios quando buscam conciliar essas lógicas contraditórias. Na Guerra da Ucrânia, isso é evidente na dificuldade de coordenação entre os interesses econômicos do Ocidente e suas prioridades geopolíticas, bem como na crescente tensão entre as estratégias de segurança de longo prazo da China e sua integração na economia global. Mais do que um simples conflito territorial, o caso ucraniano demonstra como essas dinâmicas históricas — identificadas por Arrighi (1994, 2008) — continuam a moldar os contornos das relações interestatais do século XXI.

A Rússia, historicamente reconhecida como um dos maiores exportadores de armamentos do mundo, continua desempenhando um papel central na transferência de tecnologias militares avançadas, incluindo sistemas antiaéreos, mísseis hipersônicos e tecnologia aeroespacial. No entanto, a dependência crescente da China como principal parceiro comercial e tecnológico acentua as contradições internas de sua lógica de capital (ARRIGHI, 1994), dado que o Kremlin precisa equilibrar suas ambições geopolíticas com os desafios econômicos impostos pelas sanções ocidentais. Por outro lado, a China, que possui uma das maiores indústrias de defesa do mundo, não apenas se beneficia dessa relação ao absorver tecnologias críticas da Rússia (LO, 2008), mas também utiliza sua capacidade de produção em massa para integrar, replicar e até superar esses sistemas, como evidenciado por

seus avanços em armamentos hipersônicos e inteligência artificial no domínio militar (HANNAS, MULVENON, PUGLISI, 2013)<sup>11</sup>.

Ao utilizar essa abordagem sistemática para adquirir, integrar e superar tecnologias estrangeiras, a China destaca-se no uso estratégico de espionagem industrial e mecanismos abertos de transferência de tecnologia. Conforme Hannas, Mulvenon e Puglisi (2013), o país implementa um projeto deliberado, patrocinado pelo Estado, que combina esforços clandestinos e estratégias abertas para "superar os custos de pesquisa, superar desvantagens culturais e saltar para a vanguarda ao aproveitar a criatividade de outras nações" Mulvenon e Puglisi (2013, p. 33). O relatório sublinha que esse sistema "não tem paralelo no mundo" e inclui o desenvolvimento de armamentos avançados e bens competitivos por meio da coleta de dados abertos (Open Source Intelligence - OSINT) e da colaboração com multinacionais em pesquisa e desenvolvimento (MULVENON E PUGLISI, 2013, p. 33-34). Além disso, destaca-se o papel da espionagem cibernética como a forma mais devastadora" de aquisição tecnológica, com o potencial de "erosionar a posição de liderança dos Estados Unidos em inovação científica e tecnológica (MULVENON E PUGLISI, 2013). Tais esforços são complementados por uma capacidade de produção em massa que permite à China transformar tecnologias adquiridas em aplicações militares avançadas, como armamentos hipersônicos e sistemas baseados em inteligência artificial, consolidando sua posição como uma potência tecnológica global.

A progressão dessas interações reflete a dualidade descrita por Arrighi (1994): enquanto a lógica do capital orienta a Rússia a preservar sua relação econômica com a China, fornecendo recursos naturais e tecnologias militares em troca de bens manufaturados e suporte financeiro, a lógica do poder evidencia os esforços de Moscou para manter sua soberania estratégica e evitar um desequilíbrio que transforme essa parceria em uma relação de dependência unilateral. A China, por sua vez, demonstra um equilíbrio entre capital e poder ao consolidar sua base industrial de defesa enquanto mantém relações relativamente pragmáticas (LO, 2008) com o Ocidente, essencial para sustentar sua integração econômica global.

---

<sup>11</sup> Ver em: HANNAS, William C.; MULVENON, James; PUGLISI, Anna B. **Chinese Industrial Espionage: Technology Acquisition and Military Modernization**. Routledge, 2013. Disponível em: <https://www.cia.gov/resources/csi/studies-in-intelligence/volume-59-no-4/chinese-industrial-espionage-technology-acquisition-and-military-modernization/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

A Guerra na Ucrânia intensificou essa relação simbiótica e ao mesmo tempo assimétrica entre Rússia e China. Por um lado, o conflito oferece à China uma oportunidade única para aprender com a experiência russa de resistência a sanções ocidentais e obter informações valiosas sobre a eficácia de armamentos russos em um cenário de guerra real contra sistemas ocidentais (KOROSTIKOV, 2023). Por outro lado, a dependência da Rússia em relação à China para suprir lacunas econômicas e industriais geradas pelas sanções ocidentais expõe a vulnerabilidade da lógica de capital russa, que, embora subordinada à lógica do poder, enfrenta desafios significativos na sustentação de sua autonomia estratégica.

As questões levantadas pela transformação geoeconômica e geopolítica incluem o declínio potencial da hegemonia norte-americana, a possibilidade de substituição do dólar no sistema monetário-financeiro internacional, uma redefinição da divisão internacional do trabalho e, crucialmente, o papel emergente da China no novo cenário internacional. Arrighi (1994) enfatiza a divergência entre o modelo europeu de desenvolvimento, caracterizado pelo uso intensivo de capital e energia, e o modelo asiático, mais voltado para o uso intensivo de mão-de-obra e poupador de energia, argumentando que essa distinção é chave para compreender as transições hegemônicas e econômicas e o reposicionamento de poderes no século XXI.

Apesar do crescente alinhamento entre China e Rússia no sentido de contestar as estruturas de poder globais estabelecidas, é fundamental considerar as limitações estruturais que restringem o potencial da China em alcançar a hegemonia global. Hung (2015) apresenta uma análise crítica do modelo de crescimento chinês, destacando que, embora o país tenha alcançado impressionantes níveis de desenvolvimento econômico nas últimas décadas, seu modelo econômico enfrenta fragilidades internas que o mantêm intrinsecamente vinculado ao sistema financeiro coordenado pelos Estados Unidos. Essa perspectiva desafia a ideia de que a ascensão da China implica necessariamente uma ruptura com a ordem global neoliberal (HUNG, 2015).

Alguns dos principais obstáculos e dificuldades mencionados pelo autor incluem o desequilíbrio econômico. De acordo com Hung (2015), a economia chinesa é sustentada por um modelo de crescimento orientado para exportações e investimentos pesados em ativos fixos, o que resultou em um profundo desequilíbrio entre consumo e investimento. O consumo doméstico relativamente fraco impede a China de se tornar menos dependente dos mercados estrangeiros e cria um *superávit*

comercial que, por sua vez, leva à compra maciça de títulos do Tesouro dos EUA (HUNG, 2015).

Esse ciclo vicioso perpetua a hegemonia do dólar e, conseqüentemente, o poder global dos EUA. O autor destaca que a desaceleração do crescimento econômico chinês é inevitável caso o investimento em ativos fixos perca força. Essa desaceleração pode gerar turbulências na economia global, impactando países exportadores de *commodities* e bens de capital para a China. Para alcançar um crescimento sustentável e contribuir para o reequilíbrio da economia global, a China precisa priorizar o consumo doméstico, o que exige uma redistribuição significativa de renda e capital. Esta redistribuição, por sua vez, implica em uma reestruturação da ordem social e política vigente desde o ocorrido em Tiananmen, em 1989.

A questão de se a China representa um desafio real à hegemonia dos Estados Unidos ou se funciona, de fato, como um pilar de sustentação do sistema global neoliberal tem gerado intensos debates entre estudiosos do campo da economia política internacional. A análise de Hung (2015) encontra respaldo na visão de Alastair Iain Johnston (2003), que descreve a China como uma potência de *status quo* mais do que uma potência revisionista. De acordo com Hung, essa caracterização continua válida, mesmo com a ascensão contínua da China.

Global leadership and existing international institutions, a threat that needs to be aggressively contained. In 2003, international politics expert Alastair Iain Johnston argued that China manifested a stronger orientation toward being a status quo power than toward being a revisionist power in the international system. [...] after more than a decade of global turbulence and China's continued ascendancy, this characterization remains valid today. (HUNG, 2015, 173)<sup>12</sup>

Essa visão contrasta com narrativas que descrevem a ascensão da China como uma ameaça direta à hegemonia ocidental. Embora a China tenha ampliado significativamente sua influência econômica e militar, Hung (2015) sustenta que o país opera dentro das estruturas globais neoliberais, contribuindo para a perpetuação da liderança dos EUA. Esse argumento é fundamentado na análise do modelo de

---

<sup>12</sup> “A liderança global e as instituições internacionais existentes representam uma ameaça que precisa ser contida de forma agressiva. Em 2003, o especialista em política internacional Alastair Iain Johnston argumentou que a China demonstrava uma orientação mais forte para ser uma potência de status quo do que para ser uma potência revisionista no sistema internacional. [...] após mais de uma década de turbulência global e a contínua ascensão da China, essa caracterização permanece válida até hoje” (HUNG, 2015. Tradução nossa).

crescimento chinês, que depende profundamente dos mercados ocidentais para a exportação de bens manufaturados. Hung (2015) explicita que:

China has not challenged U.S. global dominance despite its leaders' postures and its nationalist press's rhetoric. On the contrary, it has been a key force in helping perpetuate U.S. global dominance. China's SOEs have been transformed into U.S.-style capitalist corporations, many of them with the aid of Wall Street financial firms, and floated in overseas stock markets such as Hong Kong and New York. China's export-oriented growth relies on the United States and Europe, the two biggest markets for its manufactured goods, and China's exports to both places have been paid for mostly in U.S. dollars. The massive flow of U.S. dollars into China in the form of trade surplus impels China to invest addictively in U.S. Treasury bonds as the most liquid and largest US-dollar-denominated store of value. Since 2008, China has replaced Japan as the biggest foreign creditor to the United States, and such financing enables the United States to continue living and fighting beyond its means. This investment in U.S. Treasury bonds in turn facilitates the perpetuation of the global dollar standard, which has been the single most important foundation of U.S. global power. The foreign exchanges brought in by China's export sector have been the foundation of the state banks' profligate creation of liquidity that fuels fixed-asset investment. In short, the China boom relies on the global free market instituted and warranted by the United States. It is thus far from China's interest to undermine the global neoliberal status quo and U.S. leadership in it. (HUNG, 2015, p. 173-174)<sup>13</sup>

O argumento central de Hung (2015) se concentra na relação intrínseca entre o crescimento econômico da China e a perpetuação da hegemonia estadunidense. O autor destaca que a ascensão chinesa, embora impressionante, não representa um rompimento com as estruturas globais neoliberais, mas uma integração que reforça o domínio econômico dos Estados Unidos. Conforme Hung (2015), a transformação das empresas estatais chinesas (State-Owned Enterprises - SOEs) em corporações ao

---

<sup>13</sup> A China não desafiou a dominância global dos Estados Unidos, apesar das posturas de seus líderes e da retórica de sua imprensa nacionalista. Pelo contrário, tem sido uma força chave na perpetuação dessa dominância. As empresas estatais chinesas (SOEs) foram transformadas em corporações capitalistas ao estilo dos Estados Unidos, muitas delas com o auxílio de instituições financeiras de Wall Street, e abriram capital em bolsas de valores no exterior, como Hong Kong e Nova York. O crescimento orientado para exportação da China depende dos Estados Unidos e da Europa, os dois maiores mercados para seus produtos manufaturados, e as exportações chinesas para ambos têm sido majoritariamente pagas em dólares americanos.

O enorme fluxo de dólares americanos para a China, na forma de superávit comercial, leva o país a investir compulsivamente em títulos do Tesouro dos Estados Unidos, que são o maior e mais líquido ativo denominado em dólares. Desde 2008, a China substituiu o Japão como o maior credor estrangeiro dos Estados Unidos, e esse financiamento permite que os Estados Unidos continuem vivendo e combatendo além de suas capacidades financeiras. Esse investimento em títulos do Tesouro dos EUA, por sua vez, facilita a perpetuação do padrão global do dólar, que tem sido o pilar mais importante do poder global dos Estados Unidos. As divisas estrangeiras geradas pelo setor exportador da China têm sido a base da criação excessiva de liquidez pelos bancos estatais, que alimenta os investimentos em ativos fixos. Em suma, o "boom" da China depende do mercado livre global instituído e garantido pelos Estados Unidos. Assim, está longe de ser do interesse da China minar o status quo neoliberal global e a liderança dos EUA nele.

estilo capitalista americano, com apoio direto de instituições de Wall Street, exemplifica a dependência da China em relação às estruturas financeiras globais. Além disso, o modelo exportador chinês, fortemente ancorado nos mercados norte-americano e europeu, gera um *superávit* comercial expressivo, cujos pagamentos são predominantemente em dólares. Esse fluxo massivo de moeda estrangeira obriga a China a investir em títulos do Tesouro dos EUA, garantindo liquidez ao sistema financeiro americano e sustentando o padrão dólar global. Essa análise posiciona a China como um ator que opera dentro das regras estabelecidas pelo sistema neoliberal, em vez de desafiar diretamente a ordem internacional vigente. Assim, o crescimento chinês até 2015, ao invés de contestar o poder norte-americano, serviu como pilar para sua manutenção.

No entanto, desde 2015, o panorama global sofreu alterações significativas que colocam à prova a validade da análise de Hung (2015). A intensificação das tensões sino-americanas, evidenciada pela guerra comercial durante o primeiro governo de Donald Trump, sinalizou uma ruptura na dinâmica interdependente descrita por Hung. Ainda assim, os fundamentos econômicos permaneceram: a China continuou acumulando *superávits* comerciais substanciais e reinvestindo em títulos do Tesouro americano, demonstrando a resiliência do padrão neoliberal global. Com a transição para o governo Biden, a competição estratégica foi ampliada para esferas tecnológicas e militares, incluindo o Indo-Pacífico, e a Guerra na Ucrânia introduziu novos desafios à ordem global.

A China adotou uma posição ambígua, evitando confrontos diretos com os Estados Unidos, mas reforçando laços estratégicos com a Rússia. Atualmente, às vésperas de uma possível retomada do governo Trump, permanece a interrogação sobre a capacidade da China de reestruturar sua economia e reduzir sua dependência do sistema liderado pelos EUA. Embora a análise de Hung ainda ofereça ferramentas úteis para compreender a interdependência econômica global, os eventos recentes indicam uma transição mais complexa, com a China buscando, simultaneamente, operar dentro do sistema e expandir sua autonomia estratégica por meio de iniciativas como o Cinturão e Rota.

A parceria sino-russa, como sugerem diversos analistas de política internacional, reflete não apenas uma estratégia bilateral de fortalecimento mútuo, mas também um marco significativo na reconfiguração do poder global (WALT, 1987; ALLISON, 2017). A intensificação dessa parceria ocorre em um momento em que as

pressões externas, como sanções ocidentais contra a Rússia e contenções econômicas à China, forçam ambos os países a redefinirem suas posições no sistema internacional (ALLISON, 2021). Segundo Walt (1987), as alianças são frequentemente moldadas por percepções de ameaças compartilhadas, e a parceria sino-russa exemplifica essa lógica, uma vez que ambos os países buscam mitigar os impactos das políticas hegemônicas lideradas pelos Estados Unidos. Esse cenário desafia as suposições tradicionais da ordem mundial pós-Guerra Fria, exigindo uma revisão crítica das abordagens teóricas de relações internacionais (HUNG, 2015). Ao se unirem, China e Rússia não apenas consolidam suas posições estratégicas, mas também ampliam a complexidade da geopolítica contemporânea, indicando uma transição em direção a uma ordem multipolar (Allison, 2021; CSIS, 2022).

Em 2022, o Center for Strategic & International Studies (CSIS) publicou um relatório intitulado *"North Korea Sends Ammunitions to Russia"*, que discute a transferência de armamentos da Coreia do Norte para a Rússia durante o conflito na Ucrânia (CSIS, 2022). O relatório destaca que, em novembro de 2022, os Estados Unidos condenaram a Coreia do Norte por fornecer munições à Rússia, alegando que esses envios estavam sendo disfarçados como destinados a países no Oriente Médio ou África do Norte (CHA, V., 2022). A análise sugere que, embora essas transferências não alterem significativamente o curso da guerra, elas indicam um aprofundamento das relações militares entre a Coreia do Norte e a Rússia. Além disso, o relatório observa que a Coreia do Norte pode estar utilizando o conflito na Ucrânia para fortalecer seus laços com Moscou, possivelmente buscando perdão de dívidas ou outros benefícios econômicos em troca do apoio militar (CHA, V., 2022).

A essência dessa aliança sino-russa, explorada a partir da ótica realista, complementa a política internacional do século XXI. Walt (1987) argumenta que as alianças não são estáticas, mas sim respostas dinâmicas às ameaças percebidas, um ponto que ajuda a explicar o fortalecimento contínuo da cooperação entre Moscou e Pequim. Além disso, Allison (2017) enfatiza que a criação de alianças estratégicas muitas vezes transcende interesses puramente materiais, envolvendo também uma dimensão simbólica de resistência às normas estabelecidas. Nesse contexto, a parceria sino-russa surge como um mecanismo não apenas de defesa mútua, mas também de contestação às normas ocidentais, especialmente no que diz respeito à segurança regional e à governança global (CSIS, 2022). Essa relação evidencia a

importância de compreender as alianças como entidades adaptáveis, moldadas por contextos geopolíticos em constante evolução (WALT, 1987).

A trajetória histórica da aliança sino-russa é marcada por uma progressiva institucionalização, como demonstrado pela criação da Organização de Cooperação de Xangai (SCO) em 2001. Essa organização simboliza a intenção de ambos os países de promover uma ordem multipolar e de consolidar uma esfera de influência na Ásia Central, desafiando diretamente a hegemonia ocidental (ALLISON, 2017; HUNG, 2015). A SCO não apenas reforça a cooperação em segurança e economia entre os membros, mas também serve como um instrumento para modelar percepções e construir narrativas alternativas no cenário internacional (CSIS, 2022). Nesse sentido, a evolução dessa parceria destaca a relevância de analisar alianças como processos em constante adaptação, que refletem tanto interesses estratégicos imediatos quanto mudanças estruturais no sistema internacional (WALT, 1987; HUNG, 2015).

Além disso, a reconfiguração geoestratégica na Eurásia expõe novas linhas de fratura que evidenciam o declínio relativo da hegemonia ocidental. Hung (2015) observa que, embora a China e a Rússia operem em lógicas distintas — com a primeira priorizando uma expansão econômica estratégica e a segunda um foco mais militarizado —, ambas convergem em seu objetivo de contestar as normas impostas pelo Ocidente. Essa dinâmica é particularmente evidente na ampliação da influência sino-russa em setores como energia, defesa e tecnologia, em que a capacidade de moldar as regras do jogo geopolítico depende não apenas da acumulação de poder tangível, mas também da habilidade de influenciar narrativas e construir consensos globais (CSIS, 2022). Como argumenta Allison (2017), a diplomacia sofisticada e a articulação estratégica dessas potências desafiam os paradigmas convencionais das relações globais, exigindo uma análise mais profunda e interdisciplinar do cenário global.

Por fim, ao articular e situar a parceria sino-russa como um elemento catalisador da ordem global, é fundamental reconhecer que ela representa tanto uma adaptação às pressões sistêmicas quanto uma tentativa deliberada de moldar a arquitetura futura do sistema internacional. Allison (2021) e Walt (1987) convergem em afirmar que alianças eficazes são aquelas que combinam interesses estratégicos e a capacidade de reconfigurar percepções, aspectos claramente observados na relação entre Moscou e Pequim. Dessa forma, o estudo dessa aliança não apenas

ilumina a complexidade das dinâmicas contemporâneas, mas também fornece subsídios teóricos e metodológicos para repensar as transformações do sistema-mundo no século XXI.

O exame das alianças contemporâneas, especialmente no contexto da parceria sino-russa, revela uma transição intrinsecamente complexa e multifacetada para uma ordem mundial multipolar, onde as dinâmicas de poder são simultaneamente contestadas e renegociadas (WALT, 1987; ARRIGHI, 1994). Essa aliança, como enfatizam Allison (2017) e Hung (2015), transcende uma resposta imediata a ameaças externas, constituindo-se em um instrumento estratégico para a reconfiguração do equilíbrio de poder global. Ao longo deste capítulo, ficou evidente que a formação de alianças não é um fenômeno estático, mas um processo dinâmico, moldado por ciclos históricos e estruturais que conectam segurança, economia e percepção de ameaças compartilhadas. Walt (1987) destaca que a percepção é tão importante quanto o poder tangível na construção de alianças, enquanto Arrighi (2008) argumenta que a transformação de hegemonias se dá através de mudanças sistêmicas de acumulação e dominação.

Essa análise nos leva a compreender que a parceria sino-russa não se limita a uma adaptação às pressões geopolíticas imediatas, mas representa um marco na transição para um sistema internacional mais fluido e assimétrico. Como demonstra a criação da Organização de Cooperação de Xangai (SCO), a institucionalização dessas parcerias ilustra a capacidade de moldar não apenas estratégias regionais, mas também narrativas globais que desafiam as normas hegemônicas ocidentais (CSIS, 2022). A SCO, ao consolidar interesses comuns em segurança e economia, simboliza a transformação de uma ordem unipolar em um sistema mais descentralizado e flexível, no qual o poder é exercido de maneiras mais difusas e estratégicas (ALLISON, 2021).

À medida que avançamos para uma análise mais aprofundada, torna-se evidente que as alianças contemporâneas estão ancoradas em uma interseção de fatores históricos e contingentes, que incluem, mas não se limitam, à lógica do capital e do poder (ARRIGHI, 1994; WALTZ, 1979). A capacidade da China e da Rússia de alavancar seus recursos econômicos e militares para contestar a hegemonia ocidental evidencia uma abordagem deliberada e cuidadosamente calibrada, que combina inovação estratégica com pragmatismo geopolítico (HUNG, 2015). No entanto, como adverte Waltz (1979), a natureza do equilíbrio de poder exige uma constante

adaptação às mudanças do sistema, o que sugere que a durabilidade dessa aliança dependerá de sua habilidade em enfrentar as complexidades de um sistema-mundo em transição.

Em suma, a seção enfatiza que as dinâmicas observadas nos convidam a expandir nossa compreensão sobre as nuances das relações de poder que moldam as relações interestatais contemporâneas. Ao conectar os quadros teóricos com as evidências empíricas, expresso pelos movimentos dos atores na esfera político-decisória, fica claro que o futuro da política global será definido por uma constante interação entre competição e cooperação, em que as alianças desempenharão um papel central. Desta forma, isto constitui um ponto de partida para futuras investigações que busquem examinar não apenas os mecanismos que sustentam essas parcerias, mas também suas implicações para a governança global e a estabilidade do sistema internacional.

### 3.5 Considerações finais

Na seção teórico-metodológica, aprofundamos a compreensão da aliança sino-russa com uma breve discussão conceitual, bem como as intersecções e contrastes entre os paradigmas teóricos e como elas podem ser incorporadas em complementaridade. Dessa maneira, a teoria do equilíbrio de ameaças, conforme formulada por Walt (1987), sugere que as alianças são estabelecidas não meramente em resposta ao poder, mas às percepções de ameaças (Walt, 1987). Neste contexto, a aliança sino-russa pode ser vista como uma resposta estratégica à percepção compartilhada de ameaças advindas da expansão da OTAN e da assertividade militar dos Estados Unidos. Essa teoria é essencial para entender as dinâmicas de cooperação sino-russa, que transcendem o pragmatismo econômico e entram no domínio da estratégia de segurança.

O institucionalismo, especialmente nas formulações de Krasner (1982), proporciona uma perspectiva sobre como normas, regras e decisões são institucionalizadas em regimes internacionais, facilitando a cooperação contínua entre Estados (KRASNER, 1982). No caso sino-russo, a institucionalização de acordos bilaterais em áreas como defesa e energia sublinha como os regimes internacionais moldam e são moldados pelas práticas e estratégias desses dois atores. Essa abordagem complementa a teoria do equilíbrio de ameaças ao demonstrar como as percepções de ameaça se traduzem em cooperações formais e duradouras.

Explorando as teorias de poder de Modelski (1962) e Mearsheimer (2001), notamos que a aliança sino-russa reflete também um esforço para remodelar a ordem global, que se alinha com a previsão de Modelski sobre o papel das alianças em ciclos de poder globais e a visão realista de Mearsheimer sobre o comportamento agressivo dos grandes poderes (MODELSKI, 1962; MEARSHEIMER, 2001). A interação entre a China e a Rússia exemplifica como grandes potências buscam maximizar sua influência contra um possível declínio da hegemonia americana, propondo uma multipolaridade emergente que desafia a ordem unipolar estabelecida.

A combinação destas teorias revela que, enquanto a teoria do equilíbrio de ameaças ajuda a entender as bases imediatas da formação da aliança, o institucionalismo e as teorias de ciclo de poder oferecem contribuições sobre como são os mecanismos de funcionamento da aliança e sua evolução dentro de um contexto institucionalizado e globalmente dinâmico. Esta abordagem integrada

permite uma compreensão mais matizada das estratégias sino-russas, destacando a complexidade das do Sistema-Mundo contemporâneo, onde as alianças são simultaneamente respostas a ameaças percebidas e servem como ferramentas para a reconfiguração estratégica global.

## 4 ITINERÁRIO EPISTÊMICO-METODOLÓGICO

### 4.1 Metodologia Científica

O propósito desta dissertação consistiu em examinar as implicações da aliança sino-russa para a reconfiguração do sistema-mundo, com foco nos desdobramentos da Guerra na Ucrânia. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, conforme delineado por Gil (2008). Segundo o autor, a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito, enquanto a pesquisa descritiva busca descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. O desenho longitudinal foi delineado para abranger eventos históricos-chave que antecederam a eclosão da Guerra na Ucrânia.

A pesquisa, ao utilizar a abordagem qualitativa, para fazer suas inferências fundamentou-se no uso de métodos hipotético-dedutivo – como central da dissertação, conforme proposto por Ragin (2007), Mahoney e Goertz (2006), e Lee e Wallerstein (2000). Essa abordagem permitiu analisar a evolução temporal da cooperação sino-russa por meio do mapeamento dos eventos históricos-chave que antecederam a eclosão da Guerra na Ucrânia, e seu papel no reposicionamento estratégico das potências emergentes. Entre os eventos destacados, estão a expansão da OTAN, a partir de 1999, que alterou significativamente a configuração de segurança europeia; a intervenção russa na Síria, em 2015, demonstrando a capacidade de Moscou para influenciar diretamente questões globais; e os desdobramentos do conflito na Ucrânia, de 2014 em diante, que evidenciaram as mudanças na dinâmica de poder global.

A análise documental constituiu a base empírica deste estudo. Como afirmam Mahoney e Goertz (2006, p. 229), "a análise documental permite o mapeamento de atores e a identificação de marcos críticos". O material bibliográfico coletado e analisado incluiu fontes primárias e secundárias de sítios eletrônicos: os relatórios institucionais da base de dados do Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), Center for Naval Analyses (CNA), Center for Strategic and International Studies (CSIS) e a RAND Corporation. Essas fontes fornecem dados detalhados sobre transferências de armas e a evolução da cooperação militar entre China e Rússia, com foco em acordos relacionados aos sistemas de defesa aérea S-400 e S-500. A análise documental permitiu o mapeamento dos principais agentes envolvidos

e a identificação dos marcos mais relevantes na colaboração militar entre os dois países.

A integração da análise documental com o *process tracing* foi essencial para operacionalizar as hipóteses desta dissertação, que exploram como a cooperação militar sino-russa, mediada pela transferência de tecnologia, influencia a reconfiguração do sistema-mundo e promove o reposicionamento estratégico das potências emergentes.

O estudo de caso foi utilizado nesta dissertação como abordagem central para analisar em profundidade as dinâmicas e implicações da cooperação militar sino-russa na reconfiguração do sistema-mundo. Segundo George e Bennett (2005), o estudo de caso permite uma investigação detalhada de eventos históricos específicos, possibilitando o desenvolvimento e a testagem de explicações teóricas generalizáveis para outros contextos semelhantes. Essa abordagem é particularmente eficaz para entender processos dinâmicos e relações causais complexas, como os que envolvem as interações estratégicas entre China e Rússia no contexto da transição para uma ordem multipolar.

Conforme destacado por George e Bennett (2007), estudos de caso longitudinais são eficazes para compreender processos dinâmicos e relações causais complexas ao longo do tempo. Ao focar em eventos específicos, o estudo captura as transformações na política internacional e avalia como a aliança sino-russa responde aos desafios globais contemporâneos (George e Bennett, 2007). O foco principal recai sobre a cooperação na dimensão militar. O fenômeno é influenciado por uma série de fatores interligados, como: a ascensão econômica da China; declínio relativo dos EUA; interesses geopolíticos da Rússia; expansão da OTAN; mudanças na arquitetura financeira global e a evolução do comércio global de armas.

No que tange ao método científico empregado, optou-se como o principal método hipotético-dedutivo. De acordo com Lakatos e Marconi (2017), esse método inicia-se com a formulação de hipóteses<sup>14</sup> que, por meio de deduções lógicas, são

---

<sup>14</sup> “Uma vez formulado o problema, com a certeza de ser cientificamente válido, propõe-se uma resposta “suposta, provável e provisória”, isto é, uma hipótese. Ambos, problemas e hipóteses, são enunciados de relações entre variáveis (fatos, fenômenos); a diferença reside em que o problema constitui sentença interrogativa e a hipótese sentença afirmativa mais detalhada” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p.127-128).

“Se hipóteses são colocações conjecturais da relação entre duas variáveis (o que denominaremos condição nº 1), devem conduzir as implicações claras para o teste da relação colocada, isto é, as variáveis devem ser passíveis de mensuração ou potencialmente mensuráveis (condição nº 2),

submetidas a testes rigorosos visando à sua falseabilidade. Lakatos e Marconi (2017) argumentam que, embora seja impossível confirmar definitivamente uma teoria científica, é viável refutá-la através de evidências empíricas que contradigam suas previsões.

Dessa forma, a elaboração da hipótese é o ponto de partida para investigação das relações causais que constituem o objeto dessa dissertação. Ao investigar as implicações da cooperação militar sino-russa para a reconfiguração do sistema-mundo, as hipóteses são testadas por meio da coleta de dados empíricos, utilizando análise documental e o método de *process tracing*.

Nesse contexto, as hipóteses elaboradas para essa pesquisa examinam a cooperação na esfera militar, através da transferência de tecnologia avançada no setor de defesa aérea – como os sistemas S-400 e S-500 – e como isto tem acelerado a modernização das capacidades militares da China. Tal processo, permite à China fortalecer sua base industrial de defesa e se consolidar como um global *player* na arena internacional, desafiando a hegemonia dos Estados Unidos na Ásia-Pacífico, num momento de transição da ordem global para o estado de multilateralismo. Esses laços diplomáticos militares não são isentos de desafios, como já mencionado diversas vezes. Esta dinâmica cria assimetrias na relação bilateral, deixando a Rússia numa posição bastante desafiadora, cujo cenário de sanções econômicas ocidentais e transformações tecnológicas que fragilizam sua capacidade de inovação tecnológica e restringem o acesso a mercados estratégicos.

#### **4.1.2 Variáveis Independentes e Dependentes**

##### **4.1.2.3 Conceito e Diferenciação**

Conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 137), “o conceito de variável é essencial para o desenvolvimento de hipóteses e para a estruturação de uma pesquisa científica”. Uma variável é um conceito operacional que, ao ser definido, deve conter valores mensuráveis, permitindo ao investigador identificar e interpretar as relações entre fenômenos. No campo metodológico, as variáveis são classificadas em

---

especificando as hipóteses, como estas variáveis estão relacionadas. Uma formulação que seja falha em relação a estas características (ou a uma delas) não é uma hipótese – no sentido científico da palavra (MARCONI & LAKATOS, 2003, p. 129).

independentes e dependentes, sendo que essa diferenciação é crucial para compreender os mecanismos causais subjacentes aos eventos observados.

A variável independente (X) é definida como o fator que exerce influência, determinando ou afetando outra variável. Representa o elemento manipulável pelo pesquisador, o qual busca entender de que maneira suas alterações provocam mudanças no sistema observado. A variável dependente (Y), por sua vez, é o resultado ou efeito gerado pela variável independente. Ela reflete as mudanças induzidas e é analisada para verificar como se comporta diante da manipulação de sua causa. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 138), “a relação entre essas variáveis pode ser exemplificada por eventos simples e observáveis”, tais como:

- a) Quando um indivíduo se assusta com um barulho forte e inesperado, o seu pulso se acelera, ele transpira e as pupilas de seus olhos se dilatam.  
**X:** o susto com um barulho forte e inesperado;  
**Y1:** aceleração do pulso;
- b) **Y2:** transpiração;
- c) **Y3:** dilatação das pupilas.

Esse exemplo evidencia a capacidade da pesquisa em identificar, de forma objetiva, as variáveis causais (independentes) e seus efeitos (dependentes). Ao manipular X, é possível observar e medir as alterações em Y, permitindo que hipóteses sejam testadas de forma sistemática. Essa dinâmica é fundamental em estudos que investigam fenômenos complexos, como a reconfiguração do sistema internacional e o impacto da cooperação sino-russa em eventos históricos.

Além disso, as variáveis podem ser analisadas em contextos mais abstratos e interdependentes, especialmente em fenômenos sociais e políticos. No caso da presente dissertação, o papel da cooperação sino-russa nas áreas de defesa, como uma variável independente pode ser avaliado por seus efeitos (variáveis dependentes) no equilíbrio de poder global, contribuindo para uma transição multipolar. Essa abordagem metodológica permite capturar as nuances das relações causais em sistemas dinâmicos e historicamente condicionados.

Nesse sentido, a cooperação técnico-militar entre China e Rússia pode ser identificada como uma variável independente, cujas ações – como transferências tecnológicas e acordos de defesa – moldam diretamente os desdobramentos na dinâmica global, estabelecendo uma nova arquitetura multipolar. Por sua vez, os efeitos dessa cooperação, como o fortalecimento das capacidades militares chinesas

e a contestação à hegemonia ocidental no Indo-Pacífico, são tratados como variáveis dependentes. Assim, a relação causal evidencia que alterações no grau de interação sino-russa, como avanços no compartilhamento de tecnologias de defesa, possuem impactos mensuráveis na balança de poder global, alterando de forma significativa os padrões de segurança regional e internacional.

A Guerra na Ucrânia desempenha um papel fundamental como elemento catalisador e marcador histórico na equação que examina as relações sino-russas e a reconfiguração do sistema internacional. A guerra é um evento que opera simultaneamente como contexto, variável interveniente e marco histórico, influenciando diretamente os mecanismos causais da cooperação técnico-militar sino-russa e a transição hegemônica do primeiro quartel do século XXI. A eclosão da guerra, em 2022, intensificou as pressões estruturais sobre o sistema internacional, expondo as fragilidades da ordem unipolar, exercida pela hegemonia dos Estados Unidos e seus aliados na OTAN. Esse conflito, ao desestabilizar a Europa e impor severas sanções econômicas à Rússia, forçou Moscou a buscar alternativas estratégicas para mitigar seu isolamento. A China, como maior potência emergente, torna-se o parceiro natural para suprir essa lacuna, reforçando a dependência russa de Pequim.

Assim, a guerra não apenas estabelece um cenário de crise, mas cria as condições para o aprofundamento de uma aliança que, até então, era marcada por pragmatismo e desconfianças mútuas. Embora a cooperação sino-russa tenha suas raízes em fatores históricos e geopolíticos de longo prazo, como a expansão da OTAN e os desafios impostos pela hegemonia ocidental, a Guerra na Ucrânia atua como um ponto de ruptura que acelera dinâmicas preexistentes. O conflito altera o grau e a natureza da cooperação, especialmente no âmbito militar e tecnológico, ao transformar uma relação predominantemente reativa em uma colaboração mais ativa e estratégica. Por exemplo, a intensificação da transferência de tecnologia militar sensível, nas áreas de defesa aérea, como os sistemas de defesa aérea S-400, é impulsionada pela necessidade russa de diversificar suas alianças e pela intenção chinesa de modernizar rapidamente sua base industrial de defesa.

A guerra, ainda que, por vezes, percebida como um pano de fundo, conecta variáveis independentes e dependentes de maneira intrincada. A variável independente (o grau de cooperação sino-russa) é moldada por eventos externos, como as sanções econômicas impostas à Rússia e a percepção de ameaça

estratégica compartilhada com a China em relação ao Ocidente. Por outro lado, os efeitos dessa cooperação – variáveis dependentes – manifestam-se na consolidação da ordem multipolar, no aumento da capacidade de contestação da China no Indo-Pacífico e na resiliência estratégica da Rússia em face do isolamento. Assim, a guerra reconfigura as inter-relações entre essas variáveis, evidenciando que a cooperação não é um fenômeno estático, mas dinâmico e condicionado.

Esse mapeamento causal permite capturar a complexidade das interações entre variáveis, utilizando o *process tracing* para examinar o elo causal entre os eventos históricos e seus resultados. A influência da expansão da OTAN (variável interveniente) nos laços sino-russos é igualmente significativa, contribuindo para fortalecer a cooperação militar e consolidar uma oposição ao domínio unipolar exercido no pós-guerra fria. Metodologicamente, identificar essas inter-relações permite formular hipóteses testáveis por meio da triangulação de dados empíricos. A aplicabilidade dessa análise não se limita à identificação de padrões históricos, mas permite prever cenários futuros, considerando o papel das variáveis na intensificação ou no enfraquecimento da ordem multipolar emergente. Portanto, a abordagem causal não apenas estrutura a lógica analítica desta dissertação, mas também posiciona a discussão em um horizonte crítico para interpretar/interpelar os fenômenos da política internacional.

## 4.2 Instrumentos Metodológicos

A análise desenvolvida nesta pesquisa adota como instrumentos principais a análise documental integrada ao método de *process tracing*, complementada por técnicas de análise quantitativa baseada em estatísticas descritivas. A escolha desses instrumentos metodológicos reflete a complexidade do objeto de estudo — a cooperação técnico-militar sino-russa e os impactos na reconfiguração da ordem global, sobretudo na dimensão da segurança internacional. A análise documental fundamenta-se em fontes primárias e secundárias de instituições globais de defesa e segurança internacional e agências governamentais: Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), United Nations Register of Conventional Arms (UNROCA), Center for Strategic and International Studies (CSIS) e RAND Corporation, que fornecem dados detalhados sobre transferências de armamentos, acordos de cooperação e desdobramentos estratégicos no sistema internacional. Essa abordagem permite explorar e consolidar evidências empíricas, identificando padrões e variáveis cruciais para a construção de hipóteses e inferências causais.

### 4.2.1 *Process Tracing*

O método de *process tracing* foi empregado para mapear os elos causais entre eventos históricos e seus desdobramentos no contexto diplomático e político, permitindo identificar os mecanismos que vinculam a cooperação técnico-militar sino-russa à transição de uma ordem unipolar para um sistema multipolar emergente. Este método permitiu o rastreamento efetivo das decisões estratégicas e dos marcos históricos, como as sanções econômicas impostas à Rússia após 2014, a aquisição pela China de sistemas avançados de defesa aérea, como o S-400 e o Su-35, e sua subsequente modernização tecnológica. O *process tracing* possibilita a identificação detalhada de mecanismos causais ao conectar fatores estruturais e suas implicações em fenômenos observados. No caso desta dissertação, foi essencial para compreender como a intensificação da aliança sino-russa moldou as dinâmicas de segurança internacional e os desafios crescente à hegemonia ocidental.

Conforme discutido por Kirschbaum (2013), a escolha entre métodos qualitativos e quantitativos deve ser guiada pela natureza da questão de pesquisa e pela eficácia em revelar os mecanismos causais subjacentes. Nesse sentido, o

*process tracing* oferece uma abordagem qualitativa estruturada para compreender as sequências de eventos e decisões estratégicas que moldaram as dinâmicas de segurança internacional contemporâneas.

A análise quantitativa, como complemento à abordagem qualitativa, foi realizada utilizando dados empíricos processados em *softwares* estatísticos, como o R Studio. Este recurso permitiu mapear tendências ao longo do tempo nas transferências de armamentos entre China e Rússia, evidenciando flutuações no comércio militar e suas correlações com eventos críticos, como a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e o isolamento econômico da Rússia no pós-2014. Os dados foram organizados em gráficos e tabelas para ilustrar a evolução temporal da cooperação técnico-militar, fornecendo uma base empírica para a validação das hipóteses. Assim, a integração da análise quantitativa fortalece as inferências causais ao agregar precisão e objetividade à interpretação dos fenômenos observados.

A triangulação metodológica, combinando análise documental, *process tracing* e análise quantitativa, assegura as conclusões ao articular diferentes perspectivas sobre o fenômeno em estudo. Essa integração não apenas possibilita uma investigação mais sedimentada, mas também contribui para reduzir vieses, ampliando a confiabilidade das evidências analisadas. Além disso, o uso de múltiplos instrumentos metodológicos permitiu capturar nuances tanto estruturais quanto conjunturais, garantindo uma análise sistêmica e detalhada das interações e a dinâmica da cooperação militar entre China e Rússia.

Em sua obra "*Case Studies and Theory Development in the Social Sciences*", George e Bennett (2005) definiram o *process tracing* como uma técnica que busca identificar o processo causal interveniente — a cadeia causal e o mecanismo causal — entre uma variável independente (ou variáveis) e o resultado da variável dependente. Mahoney (2012) também contribuiu para a metodologia de *process tracing*, especialmente no contexto de testes de hipóteses nas ciências sociais. Em seu artigo "*The Logic of Process Tracing Tests in the Social Sciences*" (2012). O autor discute como o *process tracing* pode ser utilizado para estabelecer relações causais dentro de estudos de caso (MAHONEY, 2012).

O campo energético emerge como outro pilar central na relação sino-russa. Em 2013, a Rússia firmou um contrato para fornecer à China 10 milhões de toneladas de petróleo por ano, reforçando a cooperação energética bilateral (Embaixada da

China, 2013). Esses acordos não só atenderam às necessidades crescentes de energia da China, mas também ofereceram uma estratégia para a Rússia mitigar os impactos das sanções ocidentais impostas após a anexação da Crimeia, em 2014. Além disso, a assinatura do contrato de longo prazo para o fornecimento de gás natural através do gasoduto Power of Siberia, em 2014, consolidou a interdependência entre os dois países. Esses acordos, analisados por meio do *process tracing*, demonstram como os laços econômicos energéticos foram aprofundados em resposta a pressões externas e em benefício mútuo.

No âmbito diplomático, a cúpula dos BRICS realizada em Xiamen, em 2017, destaca-se como outro evento fundamental. Durante o encontro, os líderes da China e da Rússia reafirmaram sua parceria estratégica abrangente e enfatizaram a necessidade de coordenação em questões internacionais e regionais (Embaixada da China no Brasil, 2017). A partir dessa coordenação, foi possível consolidar um discurso conjunto que desafiava as percepções unilaterais do Ocidente. A presença de ambos os países em fóruns multilaterais reforça sua estratégia de legitimação internacional e ampliação de sua influência geopolítica, criando um contrapeso às ações lideradas pelos Estados Unidos no sistema internacional.

Para os leitores interessados em acessar os textos integrais dos tratados e declarações analisados, recomenda-se consultar os sites oficiais das embaixadas e dos ministérios das Relações Exteriores da China e da Rússia. O Ministério das Relações Exteriores da Rússia disponibiliza documentos relevantes no portal oficial (MID, 2024), enquanto o Ministério das Relações Exteriores da China apresenta declarações conjuntas e relatórios de cooperação em seu site (MRE CHINA, 2024). Essas fontes primárias permitem compreender os bastidores da cooperação sino-russa e oferecem evidências diretas para análises acadêmicas e empíricas.

#### **4.2.2 Estudo de Caso**

A aplicação do estudo de caso complementa o *process tracing* ao fornecer uma análise detalhada de episódios históricos e contemporâneos que exemplificam as interações entre ambas as nações no domínio da segurança internacional. Segundo George e Bennett (2007), o estudo de caso permite o desenvolvimento e a testagem de hipóteses baseadas em explicações históricas generalizáveis. Essa abordagem foi

utilizada para examinar a relação sino-russa sob a perspectiva de sua evolução histórica, culminando em eventos como o fortalecimento das capacidades militares conjuntas e a expansão da influência político-militar na Ásia Central.

No contexto desta dissertação, os estudos de caso foram indispensáveis para compreender como a transferência de tecnologias militares e a cooperação estratégica moldaram a relação bilateral sino-russa. Como apontado por Kirschbaum (2013), o estudo de caso possibilita articular os aspectos qualitativos e quantitativos da pesquisa, conectando dados empíricos a aparato-teórico de Wallerstein e Arrighi discutido nos capítulos iniciais desta dissertação, como as sobre o sistema-mundo. A análise dos dados de transferência de armamentos, complementada por estatísticas do SIPRI, forneceu um panorama detalhado da evolução dessa parceria estratégica, identificando nuances que seriam invisíveis em abordagens puramente quantitativas.

De acordo com Bennett (2007):

The case study approach—the detailed examination of an aspect of a historical episode to develop or test historical explanations that may be generalizable to other events—has come in and out of favor over the past five decades as researchers have explored the possibilities of statistical methods (which excel at estimating the generalized causal weight or causal effects of variables) and formal models (in which rigorous deductive logic is used to develop both intuitive and counterintuitive hypotheses about the dynamics of causal mechanisms). (BENNETT, 2007, p. 5).

O estudo de caso, ancorado nas diretrizes teórico-metodológicas de Bennett (2007), oferece uma estrutura robusta para abordar o problema de pesquisa: a análise das dinâmicas de cooperação técnico-militar sino-russa e suas implicações na transição para uma ordem multipolar. Esse método, ao permitir uma investigação aprofundada de episódios históricos específicos, possibilita não apenas descrever eventos, mas compreender os mecanismos causais que os conectam. Na presente pesquisa, essa abordagem foi fundamental para mapear como a aquisição de sistemas militares avançados, como o S-400, e a modernização tecnológica decorrente dessas transações reforçaram a posição estratégica da China no sistema internacional, contribuindo para o equilíbrio de poder frente às potências ocidentais.

Além disso, a aplicação do estudo de caso (GEORGE E BENNETT, 2007) articula-se diretamente com o objetivo de identificar como fatores estruturais e conjunturais moldam a interação sino-russa. Ao empregar o método, foi possível integrar fontes de dados qualitativas e quantitativas, como os registros do SIPRI e

UNROCA, para construir uma narrativa causal fundamentada. Esse cruzamento de dados permitiu verificar a evolução do comércio militar entre as duas nações em momentos críticos, como as sanções econômicas impostas à Rússia, após 2014, destacando como esses episódios influenciaram a formação de uma parceria estratégica voltada para desafiar a hegemonia ocidental. Dessa forma, o estudo de caso não apenas complementa a análise documental e o *process tracing*, mas também contribui para testar hipóteses relacionadas à sustentabilidade dessa parceria em um contexto de reconfiguração global.

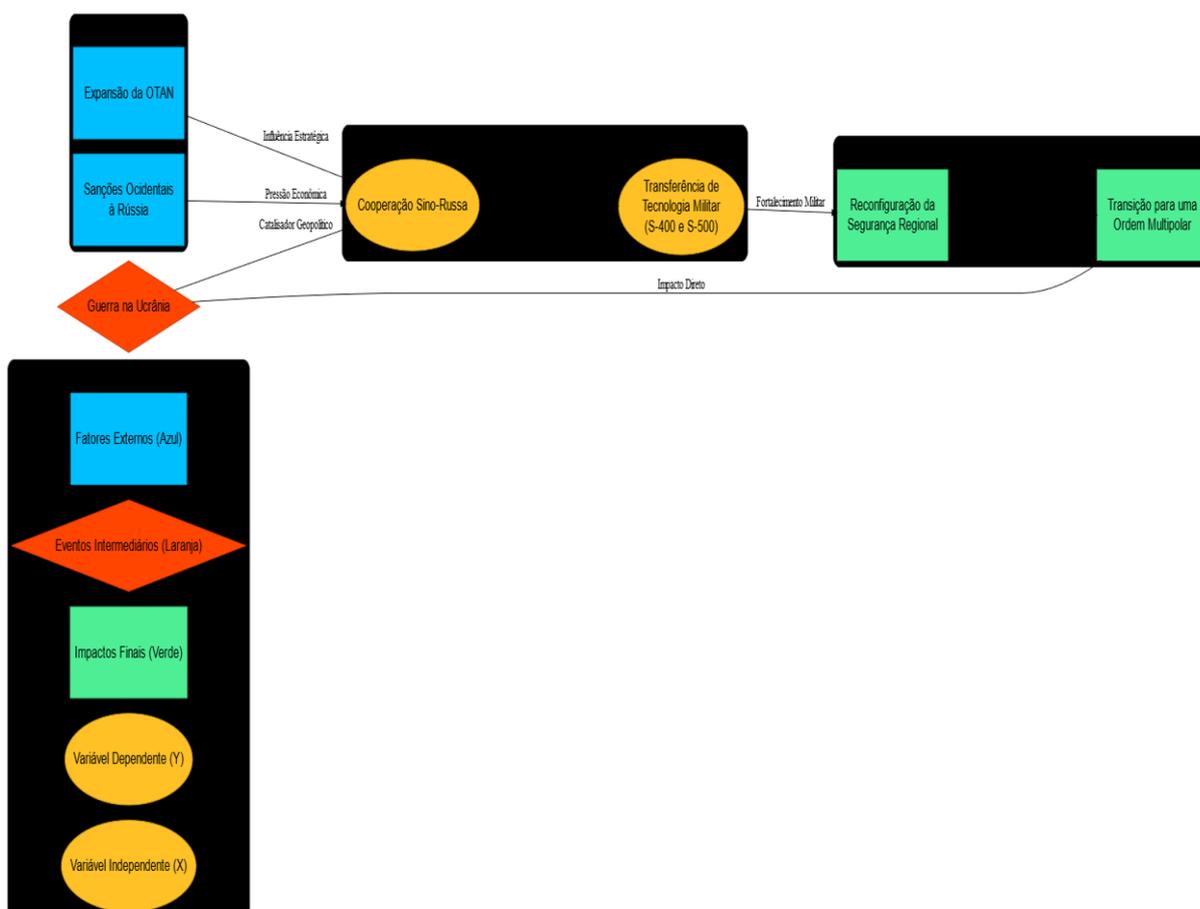
O aporte do estudo de caso também foi instrumental para superar desafios metodológicos relacionados à complexidade do fenômeno estudado. Ao fornecer um modelo para conectar eventos históricos específicos a teorias mais amplas, como o sistema-mundo de Wallerstein e os ciclos sistêmicos de acumulação de Arrighi, a pesquisa conseguiu construir uma explicação integrada das interações sino-russas. Por meio desse método, foi possível ir além da mera descrição dos eventos, identificando as condições estruturais que favorecem a complementaridade entre as duas potências, bem como os limites dessa cooperação. Assim, o estudo de caso não só cumpriu um papel explicativo, mas também forneceu um caminho analítico claro para responder às perguntas de pesquisa, testando hipóteses e construindo inferências causais que ampliam o entendimento sobre a segurança internacional no século XXI.

### 4.3 Análise empírica das tendências nas transferências militares sino-russas

Essa seção discute diretamente os dados e padrões observados nas transferências militares entre China e Rússia. O diagrama pode servir para sintetizar visualmente as conexões causais entre eventos históricos e seus impactos na ordem multipolar. A análise empírica dos dados de transferência militar sino-russa é essencial para entender a dinâmica dessa cooperação estratégica. Esta seção se aprofunda nos padrões de comércio de armas entre os dois países, destacando os tipos de armas transferidas, as flutuações do volume de transações e as implicações geopolíticas dessas trocas.

O diagrama a seguir ilustra as relações causais entre variáveis independentes, intervenientes e dependentes, destacando o papel catalisador da guerra na Ucrânia e o impacto das transferências de tecnologia militar na ordem multipolar emergente.

**Figura 3.** Diagrama Causal das variáveis da guerra na Ucrânia



**Fonte:** Elaboração própria, criada no *software* R Studio.

A guerra na Ucrânia surge como um evento catalisador, reforçando a percepção de ameaça compartilhada e acelerando a cooperação militar sino-russa. As sanções ocidentais impostas à Rússia limitaram sua capacidade de acesso a mercados internacionais, impulsionando sua dependência da China, tanto para importação de componentes tecnológicos quanto para a absorção de investimentos no setor de defesa. Esse contexto fortalece a reconfiguração de alianças e o avanço de um sistema multipolar na ordem global. Os fatores externos, como a expansão da OTAN e as sanções ocidentais, desempenham papel essencial na estruturação das dinâmicas de transferência militar sino-russa. A percepção de cerco estratégico leva Moscou e Pequim a aprofundarem laços defensivos, reduzindo vulnerabilidades e ampliando capacidades de dissuasão. Essa realidade transforma a cooperação bilateral em um elemento de equilíbrio estratégico, redefinindo as relações de poder e influenciando os cálculos geopolíticos das grandes potências.

Eventos intermediários, como os embargos tecnológicos e o desenvolvimento de projetos conjuntos consolidam a cooperação sino-russa na esfera militar. A transferência de sistemas de defesa aérea S-400 e os acordos para a produção de motores aeronáuticos refletem não apenas um aumento quantitativo das transações, mas também uma crescente convergência tecnológica e operacional. Esse processo fortalece a capacidade autônoma da China e expande o potencial da Rússia de manter sua relevância estratégica. O impacto final dessa cooperação se manifesta na reconfiguração da segurança regional e na transição para uma ordem multipolar. Pequim e Moscou emergem como desafiantes diretos da hegemonia ocidental, promovendo uma arquitetura de segurança baseada na multipolaridade e na soberania nacional. A consolidação desse eixo estratégico não apenas altera equilíbrios regionais, mas também influencia padrões globais de alianças militares e fluxos de armamentos.

A variável independente fundamental nesse processo é a convergência estratégica sino-russa, que impulsiona a cooperação em defesa e tecnologia militar. A interdependência resultante dessa dinâmica redefine padrões de transferência militar, acelerando a modernização das forças armadas chinesas e garantindo à Rússia recursos financeiros e acesso a novas cadeias produtivas, fundamentais para a sustentabilidade de sua indústria de defesa. As variáveis intervenientes incluem tanto a pressão externa exercida pelas potências ocidentais quanto os desdobramentos da guerra na Ucrânia. A instabilidade internacional age como um

fator acelerador na colaboração entre Pequim e Moscou, exigindo adaptações nas estratégias militares e no planejamento de defesa. Assim, observa-se uma interação constante entre os desafios externos e a evolução da parceria sino-russa.

A variável dependente, nesse caso, é a reconfiguração da segurança regional e o avanço para uma ordem multipolar. A crescente cooperação em tecnologia militar e defesa posiciona China e Rússia como atores centrais na nova arquitetura global de segurança. Essa tendência reduz a capacidade do Ocidente de impor sua agenda unipolar e amplia a autonomia estratégica de atores regionais. A evolução das transferências militares sino-russas evidencia uma mudança estrutural na dinâmica global de defesa. A crescente integração de capacidades entre os dois países reforça a dissuasão frente às potências ocidentais, ao mesmo tempo em que amplia a capacidade de projeção de força em diferentes regiões. Esse processo redefine padrões de segurança e altera significativamente o balanço de poder.

A progressão lógica desse processo indica que o fortalecimento da cooperação militar sino-russa é uma resposta estratégica às mudanças na geopolítica global. As transações militares, embora motivadas por necessidades imediatas, têm impactos duradouros na estrutura internacional. A multiplicação de acordos e o desenvolvimento conjunto de tecnologias indicam uma transição sustentada e de longo prazo. Dessa forma, a análise empírica das transferências militares sino-russas confirma a tendência de aprofundamento dessa cooperação. Os padrões observados nas transações refletem não apenas uma questão de suprimento de defesa, mas também um realinhamento estratégico de longo prazo. Esse fenômeno evidencia que a evolução da multipolaridade é um processo em curso e que a segurança global será moldada por novos equilíbrios de poder nos próximos anos.

Como enfatizado na literatura metodológica, o *process tracing* buscou a identificação dos mecanismos causais que operam em um determinado fenômeno social. George e Bennett (2005) destacam que essa abordagem permite não apenas descrever eventos históricos, mas também analisar os processos subjacentes que conduzem a um determinado resultado. Esse aprofundamento metodológico é essencial para estudos que envolvem relações internacionais e segurança global, pois evita explicações superficiais ou meramente correlacionais. Para a investigação dos mecanismos causais que sustentam essa cooperação militar, conforme argumentam Beach e Pedersen (2013) e Bennett e Checkel (2015), essa metodologia possibilita a identificação e rastreamento de processos históricos em estudos de caso detalhados,

contribuindo para a reconstrução de cadeias causais complexas. O *process tracing* se mostra particularmente adequado para esta pesquisa, pois permite examinar os elos entre a cooperação estratégica sino-russa e a evolução da capacidade militar chinesa. Essa abordagem também possibilita o rastreamento dos fatores intervenientes que influenciaram a transferência tecnológica militar, garantindo que os dados analisados sejam interpretados dentro de um contexto empírico verificável e sistemático.

Process-tracing in social science is commonly defined by its ambition to trace causal mechanisms" (Bennett 2008a, 2008b; Checkel 2008; George and Bennett 2005). A causal mechanism can be defined as "a complex system, which produces an outcome by the interaction of a number of parts" (Glennan 1996: 52). Process-tracing involves "attempts to identify the intervening causal process—the causal chain and causal mechanism—between an independent variable (or variables) and the outcome of the dependent variable" (George and Bennett 2005: 206–7). Investigating causal mechanisms enables us to go a step further when studying causal relationships, allowing us to "peer into the box of causality to locate the intermediate factors lying between some structural cause and its purported effect" (Gerring 2007a: 45). (Beach e Pedersen, 2007)

A definição de Glennan (1996) sobre mecanismos causais como sistemas complexos que produzem resultados a partir da interação entre múltiplos elementos reforça a adequação do *process tracing* ao presente estudo. A interação entre variáveis geopolíticas, econômicas e militares que moldam a relação sino-russa exige um método capaz de desvendar os processos internos dessa dinâmica, algo que a mera análise estatística não conseguiria captar com a mesma profundidade. Seguindo a lógica apresentada por George e Bennett (2005), a aplicação do *process tracing* permitirá reconstruir a sequência de eventos que levaram ao aprofundamento da cooperação militar entre China e Rússia, conectando decisões estratégicas, mudanças estruturais e seus efeitos no equilíbrio de poder global.

O processo metodológico adotado segue três etapas principais. Primeiramente, realiza-se a coleta de dados primários e secundários a partir de fontes especializadas, como registros do SIPRI, que documentam transações de armamentos e acordos militares bilaterais. Essa etapa é fundamental para fornecer uma base empírica sólida, assegurando a confiabilidade das informações sobre o fluxo de transferência tecnológica entre Rússia e China. Em seguida, a pesquisa avança para a triangulação dos dados, cruzando informações provenientes de diferentes fontes, como relatórios do CSIS e da RAND Corporation, a fim de garantir a validação das inferências

extraídas. Esse processo visa a reduzir vieses interpretativos e fortalecer a robustez das conclusões obtidas.

Na segunda etapa, realizou-se a análise crítica das evidências coletadas, buscando identificar e isolar evidências diagnósticas que corroborassem ou refutassem as hipóteses formuladas sobre os mecanismos causais da cooperação militar sino-russa. O *process tracing* possibilitou, nesse contexto, uma reconstituição detalhada das decisões estratégicas tomadas pelos atores envolvidos, permitindo não apenas compreender os fatores que motivaram a colaboração, mas também avaliar seus impactos na estrutura do sistema internacional. A identificação de marcos decisivos, como a introdução dos sistemas S-400 e S-500, oferece uma compreensão aprofundada sobre como a transferência de tecnologia russa influenciou o avanço da capacidade de defesa chinesa.

A escolha dos métodos qualitativos se deu pela necessidade de compreender processos históricos e políticos de forma holística, indo além da simples identificação de correlações entre eventos. Como Gerring (2007) ressalta, o estudo dos mecanismos causais requer um olhar aprofundado sobre os fatores intermediários que conectam causas e efeitos. Nesse sentido, a abordagem adotada nesta pesquisa não apenas responde às exigências de rigor metodológico, como também oferece um arcabouço analítico capaz de contribuir para o avanço do conhecimento na área de relações internacionais e estudos estratégicos.

Nesse sentido, a utilização do *process tracing* e da análise documental permitiu um exame diagnóstico dos processos que sustentam a dinâmica da cooperação militar sino-russa, proporcionando uma visão mais clara dos fatores que impulsionam a transferência de tecnologia e sua influência no contexto geopolítico global. A triangulação metodológica reforçou a validade das inferências e assegurou que as conclusões derivadas fossem sustentadas por um corpo de evidências empíricas. Dessa forma, a presente pesquisa não apenas elucida os mecanismos causais da cooperação militar entre China e Rússia, mas também fornece uma base sólida para futuras investigações sobre as implicações desse processo para a segurança internacional e a reconfiguração da ordem global.

A coleta de dados utilizou como aporte fontes primárias e secundárias, priorizando bancos de dados internacionais e a literatura acadêmica de alto impacto. O SIPRI, principal fonte de dados quantitativos utilizados nesta pesquisa, fornece informações detalhadas sobre transferências de armas, gastos militares e acordos

estratégicos. Esses dados foram processados e analisados por meio do *software* R Studio, utilizando pacotes estatísticos específicos para a modelagem e visualização dos fenômenos investigados. Além disso, a pesquisa recorreu a documentos oficiais de organismos como a OTAN, a ONU, o FMI, além de relatórios de *think tanks* especializados, como RAND Corporation, Carnegie Endowment for International Peace e Center for Naval Analyses.

O tratamento dos dados seguiu uma rigorosa estrutura de padronização, limpeza e transformação. Inicialmente, os dados brutos foram convertidos para um formato compatível com análise estatística, eliminando duplicidades, valores nulos e inconsistências. O processo de normalização foi essencial para permitir comparações entre diferentes períodos e regiões, garantindo maior precisão na identificação de padrões de mudança na aliança sino-russa. A modelagem incluiu a construção de séries temporais para examinar a evolução das relações militares e econômicas entre China e Rússia, considerando fatores como sanções internacionais, alterações em políticas de defesa e oscilações nas trocas comerciais.

Para a análise qualitativa, o *process tracing* foi empregado como ferramenta metodológica central, seguindo os pressupostos de Mahoney (2012) e George & Bennett (2005). O método permite rastrear mecanismos causais que conectam eventos históricos a desfechos geopolíticos contemporâneos. A abordagem utilizada examina sequências de eventos cruciais, como a anexação da Crimeia em 2014, a formalização de acordos militares sino-russos e a escalada do conflito na Ucrânia a partir de 2022. A correlação entre esses eventos foi testada por meio de inferências baseadas em evidências empíricas, evitando explicações espúrias ou reducionistas.

A triangulação metodológica adotada neste estudo busca garantir a validade das inferências e a robustez das interpretações. Foram utilizados três eixos principais de análise: (i) documentação oficial, incluindo tratados, discursos e diretrizes de segurança nacional; (ii) dados quantitativos, extraídos de bases confiáveis e processados com técnicas estatísticas rigorosas; e (iii) interpretação teórica, embasada nas contribuições de Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi sobre ciclos hegemônicos e reconfiguração do sistema-mundo. Essa triangulação confere maior solidez ao estudo, permitindo contrastar diferentes tipos de evidências e mitigar vieses analíticos.

O uso de modelos estatísticos avançados na pesquisa teve o propósito de identificar padrões estruturais no comportamento da aliança sino-russa. Para isso,

foram aplicadas análises de *clusters* geopolíticos e testes de correlação entre variáveis econômicas e militares. Além disso, foram utilizados métodos de análise de redes para mapear as conexões entre atores internacionais e suas interdependências estratégicas. O *software* Gephi foi empregado na visualização dessas redes, permitindo uma interpretação visual das dinâmicas de poder e alinhamentos globais.

No que concerne à inferência causal, a pesquisa fundamenta-se na distinção entre correlação e causalidade, conforme proposto por Judea Pearl (2018). A aplicação da inferência causal visa a estabelecer relações verificáveis entre a intensificação da cooperação sino-russa e as transformações na ordem geopolítica global. Para tanto, foram utilizados métodos contrafactuais, que permitem simular cenários alternativos e testar a robustez dos achados. Essas técnicas são particularmente úteis para compreender os impactos estratégicos das decisões políticas e econômicas que moldam a nova configuração do sistema internacional.

A análise dos dados coletados revelou tendências significativas que corroboram a hipótese central da pesquisa. Observou-se um crescimento exponencial na cooperação militar e energética entre China e Rússia, especialmente após 2014. A convergência estratégica entre ambos os países foi impulsionada por fatores como a intensificação das sanções ocidentais, a busca por diversificação econômica e a necessidade de garantir superioridade tecnológica. Esse realinhamento não apenas reflete a emergência de um sistema multipolar, mas também indica a formação de uma ordem internacional mais fragmentada, onde alianças flexíveis e pragmáticas desempenham papel central.

No que tange às limitações metodológicas, a pesquisa reconhece desafios inerentes à análise de relações internacionais e segurança global. A disponibilidade de dados primários sobre acordos militares e transferência de tecnologia é limitada, uma vez que muitos documentos estratégicos permanecem confidenciais. Além disso, a volatilidade do cenário geopolítico exige constante atualização das informações analisadas, o que implica um esforço contínuo de monitoramento de fontes e adaptação das metodologias utilizadas. Para mitigar essas dificuldades, foram adotadas estratégias de verificação cruzada de informações e consultas a múltiplos repositórios acadêmicos e institucionais.

A abordagem metodológica adotada contribui para a literatura ao propor um modelo analítico que combina teoria das relações internacionais, análise estatística e rastreamento de processos históricos. A principal contribuição deste estudo reside na

sua capacidade de integrar múltiplas perspectivas disciplinares, oferecendo uma interpretação abrangente e empiricamente fundamentada da ascensão sino-russa. Esse modelo poderá ser replicado em futuros estudos sobre transições hegemônicas e reconfiguração de alianças no século XXI.

Por fim, a metodologia adotada alinha-se aos princípios da pesquisa científica rigorosa, garantindo transparência e replicabilidade dos achados. O compromisso com a precisão na coleta, tratamento e análise dos dados reflete a busca por uma compreensão objetiva dos fenômenos investigados. Dessa forma, este estudo contribui para a compreensão das dinâmicas contemporâneas de poder global, fornecendo subsídios teóricos e empíricos para o debate acadêmico e para a formulação de estratégias no campo da segurança internacional.

Desta maneira, a análise metodológica deste estudo fundamenta-se na articulação entre abordagens quantitativas e qualitativas, a fim de proporcionar uma compreensão abrangente da cooperação militar sino-russa e suas implicações para o equilíbrio de poder global. Enquanto a abordagem quantitativa permite identificar padrões estruturais e tendências estatísticas nas transferências tecnológicas e militares, a abordagem qualitativa se aprofunda na interpretação contextualizada dos fenômenos geopolíticos, considerando discursos estratégicos, processos históricos e reconfigurações de alianças. Para esclarecer essa dualidade metodológica, o Quadro abaixo sintetiza as principais distinções entre essas abordagens, destacando seus respectivos métodos, fontes de dados, unidades de análise e dimensões explicativas.

#### Quadro-Síntese

<b>Categoria</b>	<b>Abordagem Quantitativa (Political Science)</b>	<b>Abordagem Qualitativa (Sociologie Politique e Estratégica)</b>
<b>Método Principal</b>	Modelagem estatística, análise de redes	<i>Process Tracing</i> , análise documental, estudos de caso
<b>Fontes de Dados</b>	SIPRI, UNROCA, Derwent Innovation Index	Relatórios de <i>think tanks</i> , documentos oficiais, discursos
<b>Procedimentos</b>	Séries temporais, regressões estatísticas	Triangulação de fontes, rastreamento histórico

<b>Categoria</b>	<b>Abordagem Quantitativa (Political Science)</b>	<b>Abordagem Qualitativa (Sociologie Politique e Estratégica)</b>
<b>Tratamento de Dados</b>	Análise de clusters, modelagem preditiva	Interpretação contextualizada, análise discursiva
<b>Unidade de Análise</b>	Frequência de transações, indicadores econômicos	Narrativas estratégicas, percepções dos atores
<b>Perspectiva Analítica</b>	Funcionalismo estruturalista, correlações estatísticas	Interacionismo estratégico, análise histórica
<b>Escala</b>	Global e regional	Nacional e supranacional
<b>Hipótese Central</b>	Sanções impulsionam a cooperação sino-russa	Assimetria tecnológica limita a cooperação
<b>Dimensão Explicativa</b>	Padrões estruturais, tendências generalizáveis	Dinâmica adaptativa, construção estratégica de alianças

## 5 A DIMENSÃO TÉCNICO-MILITAR DA COOPERAÇÃO SINO-RUSSA

### 5.1 Horizonte Histórico das relações bilaterais Sino-Russa (1991-2024)

Este capítulo examina as sinergias militares entre China e Rússia ao longo das últimas três décadas, utilizando o método de *process tracing* para mapear transformações históricas e identificar eventos cruciais que estruturaram essa parceria estratégica. Essa abordagem permite analisar não apenas os benefícios dessa relação, mas também suas fragilidades e recalibrações no contexto da Segurança Internacional. Para tanto, o capítulo se estrutura apresentando o horizonte temporal das três últimas décadas, destacando a consolidação da parceria e quais as implicações dessa relação para a ordem internacional contemporânea. Ao longo deste período, a relação sino-russa evoluiu de uma rivalidade estratégica para uma cooperação pragmática, moldada tanto por interesses convergentes quanto por desconfianças históricas. Este capítulo investiga como essa transformação impactou a ordem internacional, com ênfase no campo militar e nas tecnologias de defesa compartilhadas (LO, 2008).

O recorte temporal adotado neste estudo foi cuidadosamente delineado, partindo de uma breve contextualização histórica do colapso da União Soviética em 1991 – evento que reestruturou as prioridades militares russas e pavimentou o terreno para um alinhamento estratégico com a China. Em seguida, a discussão avança para as dinâmicas do início do século XXI, marcadas pela formalização de acordos bilaterais de longo alcance. Finalmente, o foco recai sobre a última década, particularmente no período pós-2014, quando eventos como a anexação da Crimeia e as sanções econômicas ocidentais catalisaram uma intensificação da cooperação sino-russa, especialmente no campo técnico-militar. O mapeamento da linha cronológica neste capítulo – fundamentado pelo *process tracing* como método – permitiu rastrear a evolução da cooperação bilateral, identificando os principais marcos e eventos-chave. Essa abordagem, conforme Beach e Pedersen (2013), é particularmente relevante em contextos históricos complexos, como a guerra na Geórgia (2008), a anexação da Crimeia (2014) e a eclosão da guerra na Ucrânia (2022). Esses eventos são analisados como transformações cruciais que reconfiguraram a dinâmica de poder global e o alinhamento estratégico entre Moscou e Pequim.

Dentro desse horizonte temporal, a última década (2014-2024) é especialmente relevante, pois é marcada pela anexação da Crimeia, em 2014, e as subseqüentes sanções econômicas impostas pelo Ocidente, fazendo com que a Rússia intensificasse sua aproximação estratégica com a China, consolidando uma parceria que já havia sido formalizada pelo Tratado de Boa Vizinhança, em 2001, constituindo uma cooperação mais estreita entre as duas nações. Esse marco permite compreender como dois países, historicamente marcados por desconfianças mútuas,<sup>15</sup> convergiram para interesses comuns, especialmente no campo da defesa e segurança, com destaque para o compartilhamento de tecnologias militares avançadas (LO, 2008).

A visita de Vladímir Putin a Pequim, em maio de 2024, ecoa os eventos de 75 anos atrás, quando Mao Zedong buscou garantias de segurança na União Soviética de Stalin. Como destaca Khrushcheva (2024), essas interações históricas ilustram a complexidade das alianças baseadas em conveniência mútua, mas marcadas por assimetrias de poder. A busca por maximização de segurança em um sistema internacional anárquico. Stalin via Mao como um "vizinho necessitado" e utilizava a aliança sino-soviética para consolidar sua influência na Ásia, uma abordagem que Xi Jinping parece replicar em relação a Putin, reforçando o domínio estratégico chinês na região.

Ao ampliar a perspectiva, explora-se as tensões subjacentes e as assimetrias de poder que caracterizam e, ao mesmo tempo, desafiam a ideia da parceria estratégica sino-russa. A dinâmica contemporânea entre China e Rússia revela uma relação assimétrica, onde Pequim exerce maior influência econômica e diplomática. Segundo Khrushcheva (2024), a Rússia, isolada pelas sanções ocidentais, tornou-se dependente de investimentos e importações chinesas, representando 45% das importações russas em 2023. Essa dependência reflete a lógica de poder descrita por

---

<sup>15</sup> Nina L. Khrushcheva, neta de Nikita Khrushchev, primeiro-ministro da União Soviética entre 1958 e 1964 e figura central na história da Guerra Fria, analisa as complexas relações sino-russas à luz de eventos históricos que ecoam no presente. Em sua reflexão publicada em 2024, Khrushcheva traça paralelos entre a visita de Mao Zedong a Moscou em 1949 e a recente visita de Vladímir Putin a Pequim. Assim como Mao foi recebido com reservas por Stalin, o relacionamento contemporâneo entre Rússia e China permanece marcado pela assimetria e fragilidade estrutural. O artigo enfatiza que, embora os dois países compartilhem interesses estratégicos para contrabalançar o Ocidente, há um desequilíbrio latente que reflete não apenas disparidades econômicas e políticas, mas também a tensão histórica que molda a cooperação. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/la-fragil-fraternidad-de-china-y-rusia/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Walt (1987), na qual alianças surgem em resposta a ameaças externas, mas são moldadas por disparidades econômicas e estratégicas.

A China capitaliza a vulnerabilidade russa ao oferecer concessões limitadas, como no projeto do gasoduto Power of Siberia 2, ao mesmo tempo em que maximiza seus interesses econômicos e estratégicos. A dependência crescente da Rússia em relação à China, agravada pelas sanções ocidentais, revela uma dinâmica de interdependência assimétrica. Como observa Khrushcheva (2024), "desde que lanzó su invasión a gran escala a Ucrania hace dos años –y Occidente respondió con sanciones sin precedentes–, Russia se ha vuelto muy dependiente de China (KHRUSCHEVA, 2024, parágrafo 6)". Essa dependência, longe de fortalecer a parceria, expõe a vulnerabilidade russa diante de um parceiro que não compartilha plenamente suas ambições. A China, como argumenta Arrighi (1994), utiliza a lógica do capital para maximizar ganhos econômicos enquanto evita compromissos que possam restringir sua flexibilidade estratégica.

Enquanto a Rússia intensifica sua presença militar em regiões estratégicas, como o Ártico, a China adota uma postura que evita confrontos diretos. Khrushcheva (2024) observa que "aunque China ha realizado ejercicios militares conjuntos con Rusia, la República Popular China está tratando de posicionarse como defensora de una 'cooperación beneficiosa para todos' (KHRUSCHEVA, 2024, parágrafo 11)". Esse contraste demonstra indícios da divergência entre as estratégias de poder militar de Moscou e a diplomacia econômica de Pequim, reforçando a tese de que a aliança é sustentada por conveniência, mas carece de uma visão estratégica compartilhada.

Como observado por Lo (2008):

Ultimately, the Sino-Russian relationship is an axis of convenience because it combines tactical expediency with strategic calculus and long views. It is an axis because it is based, first, on a substantial degree of solidarity. Moscow and Beijing believe that it benefits them to resolve or alleviate their differences and to present a united front internationally" (LO, 2008. p. 58)<sup>16</sup>.

Como observado por Lo (2008) acima, essa formulação fora desenvolvida em um momento de desconfiança mútua e alinhamentos geopolíticos pragmáticos,

---

<sup>16</sup> Conforme Lo (2008. p. 58): "Em última análise, a relação sino-russa é um eixo de conveniência porque combina conveniência tática com cálculo estratégico e visões de longo prazo. É um eixo porque se baseia, em primeiro lugar, num grau substancial de solidariedade. Moscou e Pequim acreditam que é benéfico resolver ou aliviar suas diferenças e apresentar uma frente unida internacionalmente" (Tradução nossa).

continua relevante ao ilustrar a essência da parceria sino-russa: um equilíbrio entre solidariedade estratégica e benefícios táticos. No entanto, como aponta Khrushcheva (2024), o contexto atual adiciona complexidade a essa "fraternidade", marcada pela dependência crescente da Rússia em relação à China, especialmente após as sanções ocidentais. Putin, ao buscar uma aliança mais robusta, enfrenta as reservas de Xi Jinping, que mantém a abordagem estratégica delineada por Lo (2008) para maximizar ganhos enquanto evita compromissos que limitem sua flexibilidade. Essa dualidade sublinha como a relação sino-russa permanece uma confluência de conveniência, com nuances contemporâneas moldadas por crises globais e recalibrações estratégicas.

Desde 2014, eventos como as sanções ocidentais impostas à Rússia e o aumento das tensões no Indo-Pacífico forçaram uma cooperação mais estreita entre os dois países, especialmente no campo militar. Contudo, como advertido por Lo (2008), essa relação é marcada por uma assimetria acentuada.

The overall picture of the two partners' respective agendas is one of asymmetry. For Moscow, partnership with Beijing is crucial to its ability to conduct an 'independent' foreign policy and to secure Russia's return as a global great power. For China, it is a relationship of secondary importance[...]" (LO, 2008, p. 51).<sup>17</sup>

Essa assimetria, enquanto subjacente, ganha contornos mais complexos quando analisamos os moldes dessa parceria na última década. A política externa russa, moldada pela busca de um papel proeminente no sistema internacional e por uma postura de reposicionamento estratégico, utiliza a relação com a China como um contrapeso às pressões do Ocidente. Em contraste, a política externa chinesa, voltada para o desenvolvimento econômico e a ascensão em termos de *soft* e *hard power*, mantém uma postura cautelosa, evitando que a parceria com Moscou a vincule a objetivos que possam ser percebidos como confrontacionais. Dessa forma, essa assimetria é reinterpretada pelo pragmatismo que tem definido as relações bilaterais na última década.

Essa divergência, conforme exemplificado por Lo (2008), manifesta-se em tensões latentes, como a percepção russa de uma possível "ameaça chinesa" e a

---

<sup>17</sup> O quadro geral das respectivas agendas dos dois parceiros é de assimetria. Para Moscou, a parceria com Pequim é crucial para sua capacidade de conduzir uma política externa "independente" e garantir o retorno da Rússia como uma grande potência global. Para a China, é uma relação de importância secundária [...]" (pág. 59).

irritação de Pequim com algumas ações de Moscou, como sua postura em relação à Ásia Central. Embora marcadas por desafios inerentes, como disputas tecnológicas e diferenças de prioridades geopolíticas, as relações sino-russas demonstram uma resiliência notável. No início da formação desse "eixo de conveniência", o pragmatismo foi o motor central. A orientação das agendas externas revela, porém, que a parceria não se dava em termos de igualdade estratégica. Moscou via a aliança como uma forma de superar o isolamento internacional e reforçar sua presença como grande potência; Pequim, por outro lado, tratava a Rússia como um parceiro útil, mas subordinado a prioridades maiores com outros atores globais. Essa dissonância é evidente, por exemplo, nas tensões em torno da imigração ilegal de trabalhadores chineses na Rússia e nas percepções negativas da sociedade russa sobre a crescente influência econômica chinesa (LO, 2008).

Dessa forma, de acordo com Lo (2008), o "eixo de conveniência" não apenas sobrevive, mas também se reinventa, refletindo um espectro de cooperação estratégica e rivalidade calculada, essencial para a reconfiguração do poder global. Essa reinvenção do "eixo de conveniência" emerge como resposta às dinâmicas multifacetadas do sistema internacional, especialmente diante das pressões impostas pela guerra na Geórgia, em 2008, que representou um ponto de inflexão na reconfiguração das relações sino-russas, evidenciando a disposição da Rússia em desafiar a hegemonia ocidental em sua esfera de influência regional. Embora a China tenha mantido uma postura ambígua, refletindo sua política de não interferência, Pequim reconheceu tacitamente as ações russas, marcando o início de um alinhamento estratégico mais profundo (ALLISON, 2008). Esse período também consolidou a cooperação técnico-militar, incluindo transferências de tecnologia que se mostraram fundamentais para a modernização das forças armadas chinesas (GORENBURG *et al.*, 2023). Com a anexação da Crimeia, em 2014, a Rússia enfrentou um isolamento econômico e diplomático, o que catalisou sua dependência estratégica em relação à China.

Nesse contexto, projetos como o gasoduto Power of Siberia e acordos para sistemas de defesa como o S-400 destacaram o fortalecimento dessa parceria (STRONSKI; NG, 2021). Conforme dito, as transformações pós-2014 levaram ao fortalecimento de acordos de defesa, como a venda de sistemas S-400 para a China em 2015. O gasoduto Power of Siberia emerge como um exemplo paradigmático dessa complexa interação. De acordo com Stronski e Ng (2021), a assinatura do

acordo de US\$ 400 bilhões para o fornecimento de gás natural russo à China por meio do Power of Siberia representou uma resposta direta às sanções impostas pelo Ocidente após a anexação da Crimeia. Para a Rússia, esse projeto foi visto como uma alternativa para diversificar suas exportações de energia e reduzir sua dependência dos mercados europeus.

No entanto, as negociações destacaram uma clara assimetria no relacionamento, uma vez que Pequim utilizou sua posição de monopsonista para impor condições favoráveis, como preços significativamente inferiores aos praticados no mercado europeu (STRONSKI; NG, 2021). Esse cenário reflete a vulnerabilidade russa em um momento de isolamento econômico, mas também ilustra a habilidade chinesa de utilizar sua força econômica para maximizar ganhos estratégicos. Embora a parceria tenha proporcionado à Rússia um mercado alternativo em um momento crítico, ela também reforçou o papel dominante da China na relação bilateral.

Conforme apontam Stronski e Ng (2021), mesmo após o fechamento do acordo, o financiamento do projeto enfrentou atrasos devido à relutância de Moscou em aceitar condições de empréstimos impostas por Pequim, como taxas de juros elevadas, destacando a dependência russa em um contexto de isolamento internacional. No campo militar, a venda de sistemas de defesa aérea S-400 para a China, em 2015, exemplifica outro pilar dessa relação estratégica. Esses sistemas avançados não apenas fortaleceram as capacidades militares chinesas, mas também simbolizaram a disposição de Moscou em transferir tecnologia sensível a um parceiro que, em longo prazo, pode se tornar um competidor direto no mercado de armamentos.

Como observado por Lo (2021), embora a cooperação militar seja central para a parceria sino-russa, ela também está permeada por uma desconfiança subjacente, especialmente no que diz respeito ao potencial de *reverse engineering* por parte da China, que já foi motivo de atrito em vendas anteriores de equipamentos militares. Essa interação entre cooperação e competição também se manifesta no desenvolvimento econômico e nas iniciativas de infraestrutura no Extremo Oriente Russo. Segundo Stronski e Ng (2021), Moscou tem enfatizado a importância de atrair investimentos chineses para revitalizar a economia regional, um objetivo central para sua segurança econômica e geopolítica. Contudo, embora Pequim tenha prometido investir em setores não energéticos, como infraestrutura e agricultura, a implementação desses projetos frequentemente é frustrada por questões como

corrupção, barreiras burocráticas e desconfiança mútua entre as comunidades empresariais russa e chinesa.

Por outro lado, os ganhos dessa relação não podem ser subestimados. A integração econômica proporcionada pelo Power of Siberia, pelos sistemas de defesa e pelas iniciativas de infraestrutura posicionam a Rússia e a China como atores complementares no sistema-mundo contemporâneo. Conforme Stronski e Ng (2021), enquanto a Rússia busca reforçar sua posição como potência global, a China utiliza sua relação com Moscou para contrabalançar a influência ocidental e expandir sua presença econômica e estratégica em regiões como o Ártico<sup>18</sup> e a Ásia Central. Essa complementaridade, embora assimétrica, reflete uma relação de interdependência estratégica que transcende as vulnerabilidades individuais.

Conforme destacado por Lo (2021), ambos os países compartilham o objetivo de reformar as estruturas de governança global e limitar a influência ocidental em questões-chave, como direitos humanos e promoção da democracia. A parceria estratégica, nesse sentido, não apenas desafia o *status quo*, mas também cria novas dinâmicas de poder que podem redefinir as regras do jogo internacional nas próximas décadas.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a parceria sino-russa expõe vulnerabilidades, como a dependência econômica e o desequilíbrio de poder, ela também oferece oportunidades significativas para ambos os países consolidarem

---

<sup>18</sup> A região do Ártico possui significativa importância geopolítica devido à abundância de recursos naturais, incluindo aproximadamente 13% das reservas não descobertas de petróleo e 30% das de gás natural do mundo. Disponível em: EURODEFENSE PORTUGAL. *A importância geopolítica do Ártico*. Disponível em: <https://eurodefense.pt/a-importancia-geopolitica-do-artico/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Historicamente, a Rússia buscou monetizar seus territórios árticos, exemplificado pela venda do Alasca aos Estados Unidos em 1867 por US\$ 7,2 milhões, em que, logo após a venda os EUA descobriram ouro no solo do Alasca.

G1. Por que a compra do Alasca pelos EUA foi um dos melhores negócios da história? *G1 Mundo*, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/por-que-a-compra-do-alasca-pelos-eua-foi-um-dos-melhores-negocios-da-historia.ghtml>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Durante a era soviética, houve um investimento substancial no desenvolvimento de tecnologias para operar no Ártico, incluindo a construção de navios quebra-gelo para manter as rotas marítimas navegáveis. Atualmente, observa-se uma crescente militarização da região, com a Rússia estabelecendo bases militares e realizando exercícios na área, enquanto a China busca expandir sua presença econômica e estratégica, intensificando a competição por influência no Ártico. ENCONTRO ABRI. *Poder marítimo e segurança energética no Ártico Russo*. 2017. Disponível em: [https://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498435113\\_ARQUIVO\\_PODERMARITIMOE\\_SEGURANCAENERGETICANOARTICORUSSO.pdf](https://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498435113_ARQUIVO_PODERMARITIMOE_SEGURANCAENERGETICANOARTICORUSSO.pdf). Acesso em: 21 jan. 2025.

suas posições estratégicas na política internacional. O desafio, para a Rússia, será encontrar maneiras de reduzir sua dependência da China sem comprometer os ganhos obtidos até agora. Para a China, o equilíbrio delicado entre cooperação e competição com Moscou será fundamental para sustentar sua ascensão global sem provocar antagonismos desnecessários.

Esses movimentos demonstram a capacidade da parceria sino-russa de se adaptar às pressões externas, enquanto ambos os países exploram suas convergências estratégicas para consolidar posições distintas no sistema internacional em transformação. Para a China, trata-se de afirmar sua ascensão como potência regional e global; para a Rússia, de reforçar sua relevância geopolítica em um cenário cada vez mais polarizado. Esse contexto favoreceu uma cooperação pragmática, especialmente no domínio técnico-militar, onde interesses comuns têm sido priorizados, apesar das diferenças estruturais que permeiam a relação.

Como ressalta Lo (2008), "Despite the decline of the Russian armed forces, they nevertheless continue to enjoy several critical advantages, above all several thousand nuclear warheads" (Lo, 2008, p. 80). Essa assimetria, ao mesmo tempo em que sublinha a superioridade estratégica russa em capacidades nucleares, contrasta com o avanço impressionante das forças armadas chinesas, cuja modernização acelerada, como observado por Lo (2008), reflete um processo abrangente de transformação:

China's armed forces are virtually unrecognizable from fifteen years ago. They are leaner and more efficient; they are better educated, trained, led, and equipped; funding has increased at double-digit rates every year since 1989 (LO, 2008, p. 79).<sup>19</sup>

Essa complementaridade forjada por circunstâncias contingentes subsidia a perspectiva analítica do "eixo de conveniência". Nesse sentido, a cooperação técnico-militar também é atravessada por tensões latentes. A persistência de disputas sobre propriedade intelectual e a relutância russa em transferir tecnologias sensíveis, como motores de aeronaves e sistemas de mísseis avançados, reflete a complexidade dessa parceria estratégica. Apesar dessas barreiras, episódios como a venda dos sistemas S-400 e dos caças SU-35 ilustram o pragmatismo que molda a relação.

---

<sup>19</sup> As forças armadas da China estão praticamente irreconhecíveis há quinze anos. Eles são mais enxutos e eficientes; eles são mais bem educados, treinados, liderados e equipados; o financiamento aumentou a taxas de dois dígitos a cada ano desde 1989 (LO, 2008, p. 79).

Essa análise nos conduz a uma perspectiva histórica mais ampla, na qual os fundamentos geopolíticos e econômicos dessa cooperação militar são constatados. Desde o colapso da União Soviética, o complexo militar-industrial russo desempenhou um papel central na sobrevivência econômica do país, com a China emergindo como um dos principais mercados para equipamentos e tecnologias de defesa. Durante os anos 1990, como destacado por Lo (2008, p. 68) “In the 1990s sales to China were critical to the survival of the Russian military-industrial complex; the Chinese market was one of the few remaining after the collapse of the Soviet Union<sup>20</sup>”, essa dependência econômica inicial, entretanto, foi gradualmente transformada em uma relação de mutualismo estratégico (LO, 2008).

O pragmatismo que guia a parceria técnico-militar sino-russa comprova a capacidade de adaptação de ambas as potências às demandas do cenário internacional contemporâneo. Esse panorama histórico fornece um arcabouço analítico que prepara o exame das estruturas militares de ambos os países, para avançar na compreensão da cooperação técnico militar, com destaque para as tecnologias compartilhadas que reconfiguram o equilíbrio de poder global em outras regiões, especialmente na região da Ásia-Pacífico. A evolução das capacidades militares chinesas e russas demonstra uma dinâmica assimétrica, mas complementar, na parceria entre ambas as nações. Enquanto a China promoveu uma revolução em seus aparatos bélicos, transformando um exército outrora limitado em uma força moderna e tecnologicamente avançada, a Rússia, apesar do declínio de suas forças convencionais, manteve sua relevância estratégica por meio de seu arsenal nuclear (LO, 2008).

Este continua a ser um elemento central de dissuasão no equilíbrio de poder global, mesmo em face de desafios internos e limitações de modernização. A entrada do século XXI trouxe consigo um período de consolidação e expansão da parceria sino-russa, fundamentada em interesses convergentes, mas também marcada por desafios latentes. A ascensão de Vladimir Putin ao poder em 2000 redefiniu a política externa russa, que buscou a reestruturação militar e a reconstrução de sua influência global por meio de alianças pragmáticas. Nesse contexto, a assinatura do Tratado de Boa Vizinhança, Amizade e Cooperação, em 2001, não foi apenas um marco

---

<sup>20</sup> Conforme por Lo (2008, p. 68) “na década de 1990, as vendas para a China foram críticas para a sobrevivência do complexo militar-industrial russo; o mercado chinês foi um dos poucos remanescentes após o colapso da União Soviética, conforme” (Tradução nossa).

simbólico, mas um compromisso estratégico para reforçar laços políticos, econômicos e militares. Esse tratado formalizou a disposição de Moscou e Pequim em trabalhar juntos contra a hegemonia dos EUA (LO, 2008).

Paralelamente, as exportações de armas russas para a China ganharam ímpeto, com transferências de tecnologia envolvendo caças Su-27 e sistemas de mísseis S-300. Essas ações refletem a disposição de Moscou em capitalizar sua base industrial de defesa para reforçar sua economia em dificuldades. Durante esse período, porém, tensões subjacentes começaram a emergir. A China demonstrava sua crescente autossuficiência tecnológica, alimentada por sua habilidade em “reverter engenharia” de equipamentos adquiridos, o que gerava receios na Rússia de um enfraquecimento de sua posição dominante na parceria técnico-militar (LO, 2008). Ainda assim, ambos os países encontraram áreas de alinhamento estratégico, como a formação da Organização de Cooperação de Xangai (OCX), que se tornou um fórum central para coordenar políticas de segurança regional e mitigar a influência ocidental na Ásia Central (LO, 2008). A parceria, no entanto, mantinha um equilíbrio tênue: enquanto Moscou tentava preservar sua relevância geopolítica, Pequim investia na construção de uma narrativa de ascensão econômica pacífica. Esse período estabeleceu as bases para o aprofundamento da relação nos anos seguintes, mas também expôs a assimetria crescente que viria a moldar as dinâmicas contemporâneas da parceria sino-russa.

Essa convergência estratégica, forjada em um contexto de desafios compartilhados, encontrou sua expressão mais tangível na cooperação técnico-militar. Desde a sobrevivência do complexo militar-industrial russo nos anos 1990, impulsionada pelas vendas para a China, até os avanços conjuntos em sistemas de defesa aérea, como o S-400, refletem tanto complementaridades quanto tensões subjacentes. A modernização das forças armadas de ambos os países – que será delineado nas próximas seções – ilustra como a cooperação estratégica contribuiu para a reconfiguração do equilíbrio de poder global, enquanto revela os limites impostos por assimetrias persistentes e disputas tecnológicas (LO, 2008).

A guerra na Geórgia, em 2008, representou um momento-chave na reconfiguração das relações sino-russas, marcando uma postura mais assertiva por parte da Rússia em desafiar a hegemonia ocidental em sua esfera de influência regional. A postura ambígua da China, que manteve sua política de não interferência, evidenciou um alinhamento estratégico pragmático, mas limitado. Esse período

consolidou a cooperação técnico-militar, incluindo transferências tecnológicas que contribuíram significativamente para a modernização das forças armadas chinesas (ALLISON, 2008; GORENBURG *et al.*, 2023). Este alinhamento foi ampliado após 2014, com a intensificação das sanções econômicas e o isolamento diplomático da Rússia.

Apesar disso, o apoio indireto de Pequim ao reconhecimento tácito das ações russas abriu espaço para uma aproximação estratégica. Esse alinhamento pragmático se aprofundou nos anos seguintes, culminando na assinatura de acordos de cooperação técnica e militar, que consolidaram a relação como um "eixo de conveniência" voltado para interesses compartilhados, mesmo com algumas tensões estruturais (LO, 2008).

Nessa direção, a partir de 2014, com a anexação da Crimeia e as sanções econômicas impostas pelo Ocidente, isolaram a Rússia, empurrando Moscou para uma maior dependência estratégica de Pequim. Nesse período, o comércio bilateral se expandiu, com a China assumindo um papel central no financiamento de projetos russos, como o gasoduto Power of Siberia, e na compra de tecnologias avançadas, incluindo sistemas de defesa (STRONSKI; NG, 2021). Com a eclosão da guerra na Ucrânia, em 2022, a parceria foi ainda mais testada, revelando maiores complementaridades do que limites. A China se absteve de condenar a operação militar na Ucrânia na Assembleia Geral da ONU, justificando sua postura com a necessidade de uma solução pelo diálogo e críticas à abordagem ocidental de isolamento e sanções, enquanto evitava fornecer apoio militar direto à Rússia (SILVA, 2022). No cenário atual, a cooperação sino-russa permanece resiliente, mesmo enfrentando desafios crescentes, como as assimetrias de poder e o impacto das mudanças climáticas sobre os setores energéticos que sustentam grande parte da parceria (LO, 2022).

Portanto, a parceria sino-russa, embora pragmática e mutuamente vantajosa em diversas dimensões — como a cooperação técnica-militar e os ganhos geopolíticos no Ártico —, possui fragilidades. As diferenças de prioridades estratégicas, a crescente assimetria de poder e os desafios internos de ambas as potências, conforme argumentado por Hung (2015) e Lo (2008), indicam que essa relação é melhor compreendida como um 'eixo de conveniência' sujeito a recalibrações constantes, podendo ser por vezes testada, estando sujeita à avaliações periódicas.

Dado o panorama apresentado, a parceria sino-russa emerge como um reflexo das pressões impostas por um sistema internacional em transformação, no qual os desafios à hegemonia ocidental têm criado oportunidades estratégicas de convergência entre Moscou e Pequim. Todavia, essa relação não é isenta de contradições: enquanto a Rússia busca reafirmar sua relevância geopolítica em um contexto de isolamento internacional, a China consolida sua ascensão como uma potência global multifacetada. Esse equilíbrio delicado entre dependência e ambição, pragmatismo e desconfiança, molda um "eixo de conveniência" que não apenas redefine as interações bilaterais, mas também ressoa no sistema-mundo contemporâneo.

Nesse sentido, a próxima seção analisará as bases estruturais que sustentam esse relacionamento, com especial atenção para a arquitetura militar da Rússia e sua lógica organizacional. Com o declínio das forças convencionais russas contrastando com a resiliência de suas capacidades nucleares, essa análise permitirá compreender como Moscou recalibra sua estratégia de defesa em um cenário marcado por desafios internos e dinâmicas externas. Além disso, investigaremos como a modernização das capacidades chinesas, alimentada por transferências de tecnologia e cooperação técnico-militar, contribui para a redefinição do equilíbrio de poder global, posicionando a aliança sino-russa como um fator-chave na disputa pela supremacia do século XXI.

## 5.2 A Estrutura e a Lógica do Complexo Militar Industrial Russo

A reestruturação das Forças Armadas da Federação Russa, iniciada após o colapso da União Soviética, marcou uma transformação sem precedentes na história militar contemporânea. Mais do que um esforço de sobrevivência, esse processo representou a redefinição do papel estratégico da Rússia em um cenário internacional cada vez mais polarizado. Como destacado por Бунчин e Белова (2023), essa reorganização, ancorada em princípios como centralização do comando e modernização tecnológica, visa não apenas à proteção da soberania nacional, mas também a projeção de poder em um sistema global em transição. Nesse contexto, a estrutura militar russa não é meramente defensiva; trata-se de uma máquina estratégica voltada para equilibrar a balança de poder global, reforçando sua capacidade de dissuasão e influência em regiões como o Ártico, a Eurásia e a Ásia-Pacífico. As capacidades de defesa aeroespacial e as forças nucleares estratégicas ilustram essa dualidade, posicionando a Rússia como um ator chave em um jogo geopolítico no qual hegemonias tradicionais enfrentam desafios inéditos (Бунчин e Белова, 2023).

A interação com a China emerge como um catalisador dessa transformação, trazendo à tona uma parceria que transcende interesses conjunturais. Documentos como a Lei Federal nº 61-FZ e os relatórios sobre a organização militar russa detalham o papel central do complexo industrial-militar nessa cooperação, que combina inovação tecnológica com pragmatismo estratégico (Российская Федерация, 1996).

A Lei Federal nº 61-FZ, intitulada "Об обороне" ("Sobre a Defesa"), estabelece os fundamentos jurídicos da defesa na Federação Russa, definindo as competências dos órgãos estatais, das forças armadas e das instituições civis na garantia da segurança nacional. Conforme o artigo 1º, "O presente Decreto Federal define os fundamentos da defesa na Federação Russa, a organização da defesa e as competências dos órgãos de poder estatal da Federação Russa na área de defesa" (Российская Федерация, 1996).<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> "Настоящий Федеральный закон определяет основы обороны в Российской Федерации, организацию обороны и полномочия органов государственной власти Российской Федерации в области обороны". (Versão original, em russo).

Além disso, o artigo 4º especifica que "a defesa da Federação Russa baseia-se nos princípios da legalidade, liderança centralizada, unidade e interação de todos os órgãos e forças envolvidos na execução das tarefas de defesa"<sup>22</sup>.

Esses dispositivos legais delineiam a estrutura organizacional e os princípios operacionais que regem a defesa nacional russa, assegurando uma abordagem integrada e coordenada para a proteção do país. A exportação de sistemas avançados como os S-400 e a colaboração em tecnologias emergentes reforçam a interdependência entre Moscou e Pequim, demonstrando como a aliança sino-russa desafia a ordem unipolar dominada pelos EUA e aliados. Mais do que uma aliança tradicional, essa parceria reflete uma lógica de resistência cooperativa, na qual a modernização das capacidades militares russas serve não apenas à sua segurança nacional, mas também à redefinição do equilíbrio de poder global.

Essa integração técnico-militar, enquanto fortalece as defesas da China, subverte os paradigmas tradicionais de hegemonia, criando dinâmicas de influência que reverberam em todo o sistema-mundo contemporâneo. O conceito de "organização militar do Estado" Rússia, conforme delineado na Doutrina Militar da Federação Russa, encapsula uma abordagem multifacetada que integra órgãos de comando, forças armadas e o complexo industrial-militar. Essa estrutura, fundamentada nos princípios de centralização e unidade de comando, reflete uma estratégia de "dissuasão estratégica e prevenção de conflitos armados", destacada no artigo 8º, alínea "k" da doutrina (Бунчин и Белова 2023). Tal organização não se limita ao uso de forças armadas, mas coordena recursos políticos, econômicos e científicos em prol de uma resposta abrangente às ameaças globais. Como argumenta Бунчин и Белова (2023, parágrafo 112), "centralização da gestão com a concessão de iniciativa aos subordinados"<sup>23</sup> proporciona flexibilidade estratégica sem comprometer a unidade de ação, o que se torna crucial em cenários de ameaça híbrida e competição tecnológica.

Essa abordagem encontra seu ápice na integração do complexo industrial-militar com as forças armadas, exemplificando uma sinergia única entre inovação

---

<sup>22</sup> "Оборона Российской Федерации основывается на принципах законности, централизованного руководства, единства и взаимодействия всех органов и сил, привлекаемых к осуществлению задач обороны". (Versão original, em russo).

<sup>23</sup> "централизация управления с предоставлением подчиненным инициативы". (Versão original, em russo).

tecnológica e capacidade operacional. A organização militar do estado russo (ВОГ) é uma estrutura multifacetada que combina componentes estratégicos, operacionais e de apoio, refletindo a complexidade da defesa nacional em um sistema multipolar. Conforme destacado pela Большая российская энциклопедия (2024):

O Complexo Militar-Industrial (VOI) da Rússia contemporânea é uma estrutura de múltiplos níveis e múltiplos perfis, que inclui quatro principais componentes estruturais: de gestão (УК), de força (СК), de apoio (ОК) e o potencial ethos (ДП)". (Большая российская энциклопедия, 2024).<sup>24</sup>

Sua composição integrada reflete a interdependência entre os diversos setores responsáveis por desenvolver, produzir e modernizar armamentos e tecnologias de uso dual. Essa sinergia organizacional é sustentada por um arcabouço jurídico robusto, coordenado por órgãos do poder executivo federal, que regulamentam as políticas de desenvolvimento do ОПК. Além disso, o sistema inclui corporações estatais, como a Rostec<sup>25</sup> e a Rosatom, que gerenciam os ativos e direcionam as iniciativas estratégicas do setor, assegurando a continuidade das operações e o cumprimento de objetivos de longo prazo. Conforme descrito na Большая российская энциклопедия (2024), "os órgãos federais do poder executivo [...] garantem a regulamentação normativa e jurídica das relações nos respectivos setores do

---

<sup>24</sup> ВОГ современной России – это многоуровневая, многопрофильная система, включающая четыре основных структурных компонента: управляющий (УК), силовой (СК), обеспечивающий (ОК) и духовный потенциал (ДП)" (Большая российская энциклопедия, 2024). (Versão original, em russo).

A estrutura hierárquica do Complexo Militar-Industrial da Rússia moderna, articula centralização estratégica com incentivos à iniciativa individual nos níveis subordinados. A divisão em quatro componentes — gestão (УК), força (СК), apoio (ОК) e potencial ethos (ДП) — reflete uma abordagem sistemática que vai além da logística e armamento, incorporando também aspectos ideológicos e culturais, que são fundamentais para o ethos militar russo. Tal configuração enfatiza a sinergia entre governança, operacionalidade e coesão estratégica.

<sup>25</sup>

A Rostec, criada em 2007, é uma corporação estatal russa que desempenha um papel estratégico no setor de defesa e segurança internacional, integrando mais de 700 empresas de alta tecnologia. A corporação atua em áreas críticas como engenharia aeronáutica, sistemas de defesa aérea, veículos blindados, armas de alta precisão e produção de munições, além de ampliar sua presença em produtos de uso dual, tanto civis quanto militares. De acordo com informações do site oficial da Rostec, a organização tem sido responsável por reforçar significativamente a autossuficiência tecnológica da Rússia, com especial ênfase em atender às demandas do programa estatal de defesa, incluindo o fornecimento de armamentos modernos e tecnologias de ponta. O site oficial também destaca o papel da Rostec na promoção da segurança internacional, por meio da exportação de produtos de defesa para parceiros estratégicos em diferentes regiões do globo. Para mais informações, ver "Weapons" na seção "Directions" do site oficial da Rostec, disponível em: <https://rostec.ru/en/directions/weapons/>. Acesso em: 9 jan. 2025.

complexo militar-industrial (ОПК)".<sup>26</sup> Essa estrutura integrada permite uma abordagem holística que alinha as metas do Estado russo à capacidade operacional do complexo industrial, ampliando sua eficiência e potencial estratégico.

Essa estrutura multilateral abrange desde órgãos de comando e controle até o potencial cívico e cultural (ethos), que inclui elementos como patriotismo e memória histórica, cruciais para a coesão interna e a resiliência diante de ameaças híbridas. A coordenação entre esses componentes é guiada por planos estratégicos detalhados, conforme regulamentado por atos jurídicos e normativos. Assim, a organização militar transcende a mera administração de forças armadas, posicionando-se como um mecanismo integrado que conecta objetivos políticos, militares e sociais para a manutenção da soberania e projeção de poder.

Um dos aspectos mais notáveis da organização militar russa é a interconexão entre as forças armadas e o complexo industrial-militar (ОПК), elemento essencial para sustentar a capacidade defensiva e modernizar o aparato militar. Os centros de pesquisa e empresas estatais desempenham um papel central na estrutura do ОПК, sendo responsáveis pela criação de tecnologias de ponta que sustentam tanto as capacidades militares quanto a diversificação econômica do país. Organizações como os Centros Científicos Estatais do ОПК<sup>27</sup> têm a tarefa de desenvolver soluções inovadoras e coordenar projetos de alta complexidade, frequentemente voltados para a produção de equipamentos militares avançados e tecnologias de uso dual. Essas iniciativas contribuem para a independência tecnológica e reforçam a competitividade internacional da Rússia. Além disso, a interligação entre as empresas estatais e os centros de pesquisa promove um ambiente colaborativo que integra pesquisa científica e produção em escala industrial, permitindo que as inovações sejam rapidamente traduzidas em capacidade operacional.

---

<sup>26</sup> "федеральные органы исполнительной власти [...] обеспечивают нормативно-правовое регулирование отношений в соответствующих отраслях ОПК". (Versão original, em russo). Este trecho destaca a função central dos órgãos federais na regulamentação jurídica e normativa do Complexo Militar-Industrial (ОПК), evidenciando o papel do Estado como agente mediador e controlador das relações que permeiam os diferentes setores dessa estrutura estratégica. A presença do Estado é particularmente marcante em sua capacidade de moldar as diretrizes que definem o desenvolvimento, a produção e a aplicação tecnológica no setor de defesa.

<sup>27</sup> "государственные научные центры ОПК". (Versão original, em russo). A menção aos "centros científicos estatais" sublinha a importância da pesquisa científica centralizada e estatal no Complexo Militar-Industrial russo. Esses centros são responsáveis pela inovação e desenvolvimento tecnológico, fornecendo a base teórica e aplicada para os avanços em armamentos e equipamentos militares. Eles representam a integração entre ciência, estratégia militar e política estatal, um traço distintivo do sistema de defesa russo.

Conforme enfatizado pela Большая российская энциклопедия (2024), "Estruturas integradas do ОПК [...] constituem um complexo científico e produtivo de múltiplos perfis, economicamente fundamentado e organizacionalmente consolidado".<sup>28</sup> Essa integração fortalece a resiliência do ОПК e garante sua relevância estratégica em um cenário global competitivo.

De acordo com a Большая российская энциклопедия (2024):

"O ОПК inclui órgãos de administração estatal e governamental, empresas industriais e organizações científicas que conduzem pesquisas de caráter defensivo e criam sistemas de armamento, equipamento militar e técnico especializado" (Большая российская энциклопедия, 2024).<sup>29</sup>

Essa colaboração permite uma integração eficiente entre inovação tecnológica e aplicação prática, como observado no desenvolvimento de sistemas avançados de defesa aérea, como os S-400 e S-500, que são simultaneamente utilizados para fins nacionais e exportados para aliados estratégicos. Essa sinergia não só fortalece a posição da Rússia como potência militar, mas também demonstra sua capacidade de moldar a arquitetura de segurança internacional através de tecnologias disruptivas e uma doutrina militar adaptável.

Uma das características mais marcantes do ОПК é sua relação intrínseca com o Estado, que atua como principal cliente e regulador do setor. Os projetos conduzidos pelas empresas e centros integrados do complexo são, em sua maioria, de alta complexidade tecnológica, exigindo longos ciclos de desenvolvimento e elevado investimento de capital. Além disso, o ОПК se destaca por sua capacidade de atender

---

<sup>28</sup> "интегрированные структуры ОПК [...] составляют экономически обоснованный и организационно оформленный многопрофильный научно-производственный комплекс". (Versão original, em russo).

Este trecho destaca a natureza integrada do ОПК russo como um complexo científico e produtivo que combina múltiplas especializações. A expressão "economicamente fundamentado e organizacionalmente consolidado" indica a busca pela sustentabilidade econômica e eficiência administrativa dentro da estrutura do ОПК. Tal organização busca garantir uma cadeia produtiva coesa e coordenada, essencial para responder às demandas estratégicas e operacionais do setor de defesa.

<sup>29</sup> "ОПК включает органы государственного управления и власти, промышленные предприятия и научные организации, которые выполняют исследования оборонной направленности и создают объекты вооружения, военной и специальной техники". (Versão original, em russo). Este excerto fornece uma visão abrangente do Complexo Militar-Industrial (ОПК), detalhando sua composição tripartite que integra órgãos estatais, indústrias e instituições científicas. Tal configuração reflete a interdependência entre governança, produção industrial e inovação científica, demonstrando o caráter holístico e estratégico do ОПК na segurança nacional russa. A ênfase em sistemas de armamento e tecnologia especializada evidencia a prioridade em alcançar uma superioridade técnico-militar sustentável.

a requisitos técnicos rigorosos, garantindo a aplicabilidade dos produtos em condições operacionais extremas. Conforme aponta a Большая российская энциклопедия (2024), "Os produtos do complexo industrial-militar (ОПК) distinguem-se por sua alta complexidade e custo elevado, enquanto os projetos são caracterizados por sua natureza de longo prazo e alta intensidade de capital." (Большая российская энциклопедия, 2024).<sup>30</sup> O caráter monopolista e especializado das empresas que compõem o complexo reflete sua orientação estratégica, enquanto os rígidos mecanismos de controle sobre a troca de informações asseguram a proteção dos interesses nacionais. Essas especificidades consolidam o ОПК como um elemento essencial da segurança e da soberania da Rússia.

O fortalecimento do setor aeroespacial e o desenvolvimento de sistemas como o S-500 ilustram a capacidade russa de alavancar seu poderio militar para moldar dinâmicas de segurança global. De acordo com a análise apresentada, "as Forças Aeroespaciais são destinadas a conduzir operações de reconhecimento [...] e proteger contra ataques vindos do espaço e do ar" (BUNCHIN E BELOVA, 2023, parágrafo 97).<sup>31</sup> Essa estrutura não apenas protege interesses nacionais, mas também projeta influência em regiões-chave, como o Ártico e a Ásia-Pacífico, alinhando-se aos interesses estratégicos da China na reconfiguração da ordem internacional.

A reorganização estrutural e a adaptação estratégica das Forças Aeroespaciais Russas refletem os desafios contemporâneos enfrentados pela Rússia em termos de segurança internacional. Em um cenário global marcado por tensões crescentes, as capacidades da defesa aeroespacial se consolidam como um eixo essencial da

---

<sup>30</sup> "продукция ОПК отличается высокой сложностью и стоимостью, а проекты характеризуются долгосрочностью и капиталоемкостью". (Versão original, em russo).

Aqui são expostas as características distintivas do complexo industrial-militar russo (ОПК). A alta complexidade tecnológica e os custos significativos associados aos projetos refletem a sofisticação dos processos de pesquisa, desenvolvimento e produção nesse setor estratégico. Além disso, a natureza de longo prazo e intensiva em capital dos projetos sublinha a necessidade de investimentos sustentados e planejamento estratégico, essenciais para manter a competitividade tecnológica e atender às demandas de defesa em um cenário global de rápidas inovações. Essa dinâmica destaca a interdependência entre capacidade tecnológica, recursos financeiros e a geopolítica da segurança internacional.

<sup>31</sup> "Воздушно-космические силы предназначены для ведения разведки [...] и защиты от ударов из космоса и с воздуха". (Versão original, em russo).

Nesta parte, são definidas as funções estratégicas das Forças Aeroespaciais russas, enfatizando sua dupla capacidade de operar tanto em ambiente terrestre quanto em domínios extraterrestres. A referência à proteção contra ataques espaciais e aéreos reflete a crescente militarização do espaço, um componente-chave das disputas geopolíticas contemporâneas. Tais capacidades ilustram a importância da integração entre tecnologia avançada e defesa estratégica, evidenciando a visão russa de consolidar o espaço como uma dimensão prioritária de segurança nacional.

política de defesa russa. A criação do 1º Exército de Defesa Aérea e Defesa de Mísseis, composta por divisões altamente especializadas, como a 4ª, 5ª e 9ª Divisões de Defesa Aérea, demonstra a integração de tecnologias avançadas e doutrinas operacionais modernas para neutralizar ameaças balísticas e aéreas. Essa configuração não apenas atende às demandas defensivas atuais, mas também se alinha com a visão estratégica delineada na doutrina militar do país. Conforme exposto por Бунчин e Белова (2023), as Forças Aeroespaciais desempenham um papel crucial ao integrar capacidades terrestres, aéreas e espaciais:

As Forças Aeroespaciais têm como objetivo conduzir o reconhecimento da situação aeroespacial, detectar o início de ataques aeroespaciais e de mísseis, alertar os órgãos de gestão estatal e militar sobre tais ataques, repelir a agressão na esfera aeroespacial e proteger contra-ataques vindos do espaço e do ar [...]. (BUNCHIN E BELOVA, 2023, parágrafo 106).<sup>32</sup>

A relação entre as universidades militares, os centros de treinamento e o desenvolvimento estratégico das Forças Armadas da Rússia, apresenta uma dinâmica essencial para o fortalecimento da defesa nacional. A Academia Militar de Defesa Aeroespacial, localizada em Tver, e o 185º Centro de Treinamento de Combate exemplificam a base científica e técnica que sustenta o avanço da capacidade militar russa. Essas instituições desempenham um papel essencial na formação de especialistas capacitados para operar sistemas como o S-400 e o S-500, consolidando a Rússia como líder em defesa aérea. Бунчин e Белова (2023) (2023) destacam a importância dessas instituições no contexto estratégico:

"A Academia de Defesa Aeroespacial em Tver desempenha um papel fundamental na formação de quadros altamente qualificados para a gestão de complexos sistemas de defesa antiaérea e antimísseis. Suas atividades são direcionadas ao desenvolvimento e à implementação de tecnologias

---

<sup>32</sup> Воздушно-космические силы предназначены для ведения разведки воздушно-космической обстановки, вскрытия начала воздушного и ракетного воздушно-космического нападения и оповещения органов государственного и военного управления о нем, отражения агрессии в воздушно-космической сфере и защиты от ударов из космоса и с воздуха [...] (Бунчин и Белова, 2023). (Versão original, em russo).

O excerto descreve a missão central das Forças Aeroespaciais da Rússia, que se posicionam como uma componente estratégica essencial para a defesa nacional. As funções atribuídas abrangem desde o monitoramento e análise da situação no espaço aéreo e no espaço sideral até a proteção ativa contra agressões externas, evidenciando a integração de capacidades de dissuasão e resposta em múltiplos domínios. Essa abordagem sublinha a crescente importância da esfera aeroespacial em cenários de segurança contemporâneos, marcados pela interseção entre avanços tecnológicos e rivalidades geopolíticas.

modernas, incluindo os sistemas S-400 e S-500 [...]” (Бунчин е Белова, 2023).<sup>33</sup>

Essa perspectiva estratégica sublinha a centralidade das Forças Aeroespaciais na política de defesa russa, demonstrando sua capacidade de responder com rapidez e eficácia a ameaças multivetoriais. Para além da formação de especialistas, essas instituições criam um vínculo entre inovação tecnológica e a implementação de estratégias que respondem aos desafios globais, contribuindo diretamente para a soberania tecnológica da Rússia.

A colaboração sino-russa na esfera da defesa aeroespacial é um dos eixos centrais para a compreensão da lógica que molda o complexo militar-industrial russo e sua projeção estratégica no cenário global. Essa parceria, conforme delineado por Бунчин е Белова (2023), reflete não apenas um intercâmbio técnico, mas também uma convergência estratégica para equilibrar as forças no sistema internacional contemporâneo. Os investimentos na modernização e na expansão das capacidades de defesa aérea russa, como a integração dos sistemas S-400 e o desenvolvimento conjunto de tecnologias hipersônicas, destacam uma estratégia voltada à dissuasão multilateral e ao fortalecimento de alianças no Leste Asiático.

Nesse íterim, é imperativo compreender que a doutrina militar russa não opera isolada: ela se aninha em um sistema mais amplo que conjuga interesses geopolíticos com a produção industrial de defesa. Como enfatizado no Армейский Сборник (2023), a atuação conjunta do complexo industrial de defesa e das forças armadas está direcionada para a garantia da segurança nacional, a modernização e a dissuasão estratégica (Бунчин е Белова, 2023).<sup>34</sup> Esse elo entre a produção e a

---

<sup>33</sup> Академия военно-космической обороны в Твери играет ключевую роль в подготовке кадров высшей квалификации для управления сложными системами противоздушной и противоракетной обороны. Их деятельность направлена на разработку и внедрение современных технологий, включая системы С-400 и С-500[...]. (Бунчин и Белова, 2023). (Versão original, em russo).

A referência aos sistemas S-400 e S-500 ilustra a integração de inovações de ponta em suas práticas, posicionando a Rússia como líder na produção de tecnologias defensivas avançadas. Essa academia não apenas promove a qualificação de pessoal, mas também desempenha um papel ativo no aperfeiçoamento e na operacionalização de sistemas que redefinem o equilíbrio de poder na esfera aeroespacial.

<sup>34</sup> совместная деятельность оборонно-промышленного комплекса и вооруженных сил направлена на обеспечение национальной безопасности, модернизацию и стратегическое сдерживание” (Бунчин е Белова (2023). (Versão original, em russo).  
O complexo industrial de defesa e as forças armadas russas são como um elemento central para a manutenção da segurança nacional e da soberania. A menção à "modernização e dissuasão estratégica" reflete a busca contínua por inovações tecnológicas e operacionais, consolidando a

aplicação estratégica confere à Rússia uma capacidade ímpar de operar tanto no campo tático quanto no estratégico, reafirmando sua posição como ator-chave na segurança global.

Desta maneira, a estrutura do complexo militar-industrial russo é moldada por uma lógica de adaptação às transformações do sistema mundial, integrando componentes tecnológicos e doutrinários para responder às ameaças contemporâneas. O desenvolvimento contínuo do ОПК é guiado por uma política estatal coordenada que visa a modernizar suas capacidades e alinhar suas operações às necessidades estratégicas do Estado russo. De acordo com a Большая российская энциклопедия (2024), destaca-se que "O principal objetivo da política estatal é a modernização profunda do complexo industrial de defesa, baseada no desenvolvimento do potencial científico e técnico" (Большая российская энциклопедия, 2024).<sup>35</sup> Isso inclui o fortalecimento da base tecnológica, o aprimoramento de infraestrutura e a formação de recursos humanos altamente qualificados. Além disso, o ОПК desempenha um papel crítico na garantia da segurança nacional, contribuindo para a manutenção de um equilíbrio estratégico em um cenário internacional em transformação.

A implementação de programas federais específicos reforça essa agenda, assegurando a continuidade dos esforços de inovação e a ampliação da influência russa no mercado global de defesa. Esses esforços não apenas respondem às demandas internas, mas também posicionam o ОПК como um ator-chave nos assuntos de estratégia, defesa e segurança nacional contemporânea. Conforme descrito por Бунчин e Белова (2023), o Ministério da Defesa desempenha um papel central, não apenas no planejamento estratégico, mas também na coordenação entre órgãos civis e militares. Essa centralização administrativa garante que as inovações

---

capacidade de enfrentar ameaças e de projetar poder em um contexto global. Essa colaboração ilustra a natureza do planejamento militar russo, onde objetivos industriais e estratégicos convergem para reforçar sua posição no sistema internacional.

<sup>35</sup> "ключевым приоритетом государственной политики является глубокая модернизация ОПК, основанная на развитии научно-технического [...] потенциалов" (Большая российская энциклопедия, 2024). (Versão original, em russo).

Essa declaração destaca o papel central do desenvolvimento científico e tecnológico na estratégia estatal russa para o complexo industrial de defesa (ОПК). A modernização profunda almejada transcende a mera atualização tecnológica, buscando uma integração sistêmica entre pesquisa científica avançada e inovação industrial. Esse objetivo reflete não apenas a necessidade de competitividade internacional, mas também a importância estratégica de construir uma infraestrutura militar autossuficiente e tecnologicamente resiliente em um ambiente de crescente pressão geopolítica.

tecnológicas sejam rapidamente convertidas em eficiência estratégica. Como destaca o documento oficial russo Армейский Сборник, 2023: "os princípios de gestão militar garantem a estabilidade e a agilidade na tomada de decisões em todos os níveis" (Bunchin e Belova, 2023, parágrafo 24)<sup>36</sup>. Uma das estratégias centrais do desenvolvimento do ОПК é a integração entre os setores de defesa e civil, promovendo sinergias que ampliam a eficiência econômica e a competitividade do complexo. A produção de bens de uso dual e a diversificação econômica tem se mostrado ferramenta eficaz para enfrentar os desafios impostos por sanções internacionais e pela volatilidade do mercado global.

Essa abordagem multifuncional é descrita na Большая российская энциклопедия (2024) como "a multifuncionalidade do complexo industrial de defesa garante a resolução de tarefas de defesa e socioeconômicas." (Большая российская энциклопедия, 2024).<sup>37</sup> A integração também facilita a transferência de tecnologias entre os dois setores, permitindo que inovações desenvolvidas para fins militares sejam adaptadas para uso civil e vice-versa. Essa dinâmica fortalece a resiliência do ОПК, garantindo sua sustentabilidade e relevância em um ambiente econômico e político global cada vez mais desafiador. A implementação desses princípios permite que a Rússia projete poder em múltiplos cenários, desde conflitos de baixa intensidade até potenciais confrontos interestatais de alta intensidade.

A modernização contínua do ОПК é essencial para garantir que a Rússia mantenha sua posição de liderança no desenvolvimento e produção de sistemas de defesa avançados. Essa modernização exige investimentos significativos na infraestrutura produtiva e na formação de novos talentos, enfrentando desafios como a escassez de mão de obra qualificada e a crescente competição internacional. O

---

<sup>36</sup> "Принципы военного управления обеспечивают устойчивость и оперативность принятия решений на всех уровнях" (Бунчин и Белова, 2023). (Versão original, em russo).

A menção aos "princípios de gestão militar" sublinha a busca pela eficiência organizacional e pelo comando responsivo no sistema de defesa russo. A estabilidade assegura a continuidade das operações estratégicas, enquanto a agilidade permite adaptação rápida a cenários dinâmicos, características fundamentais em um contexto de guerra híbrida e ameaças de múltiplos vetores. Esse modelo evidencia a centralização da autoridade combinada com iniciativas locais coordenadas, um equilíbrio crucial para a dissuasão estratégica.

<sup>37</sup> "многофункциональность ОПК, обеспечивающая решение оборонных и социально-экономических задач". (Большая российская энциклопедия, 2024). (Versão original, em russo). A multifuncionalidade do complexo industrial de defesa reflete a interseção entre segurança nacional e desenvolvimento econômico. Ao incorporar a produção para fins militares e civis, o complexo não apenas reforça as capacidades de defesa, mas também promove impactos socioeconômicos, como criação de empregos e avanços tecnológicos. Essa abordagem híbrida representa uma estratégia dupla de sustentação econômica e fortalecimento do aparato militar.

material da Большая российская энциклопедия (2024) ressalta que "garantir a independência tecnológica do complexo industrial de defesa é uma prioridade estratégica."<sup>38</sup> Além disso, a implementação de tecnologias digitais e processos automatizados tem sido um elemento transformador, aumentando a eficiência e reduzindo os custos de produção. À medida que o ОПК se adapta às novas demandas do mercado e às mudanças no cenário global, ele permanece como um dos principais pilares da estratégia de segurança nacional da Rússia.

Além disso, essa abordagem é complementada pela integração de universidades militares e centros de pesquisa, como a Academia Militar de Defesa Aeroespacial G.K. Zhukov e o 185º Centro de Treinamento de Combate, que desempenham um papel crítico na formação de uma doutrina militar moderna e flexível. Em suma, o complexo militar-industrial russo não é apenas um motor econômico, mas também um instrumento geopolítico que molda a segurança internacional em um mundo multipolar em ascensão.

---

<sup>38</sup> "обеспечение технологической независимости ОПК [...] является стратегическим приоритетом". (Versão original, em russo).

A independência tecnológica é crucial para a autonomia estratégica russa, especialmente frente às sanções internacionais e restrições ao acesso a tecnologias ocidentais. Ao reduzir a dependência de fornecedores estrangeiros, o complexo industrial de defesa fortalece a resiliência do Estado e protege suas capacidades de inovação e produção militar. Essa prioridade estratégica alinha-se à visão de um aparato de defesa soberano, apto a operar de maneira autônoma em cenários críticos.

### 5.3.1 Transferência tecnológica e a cooperação sino-russa.

### 5.3.2 Categorias de armamentos transferidos

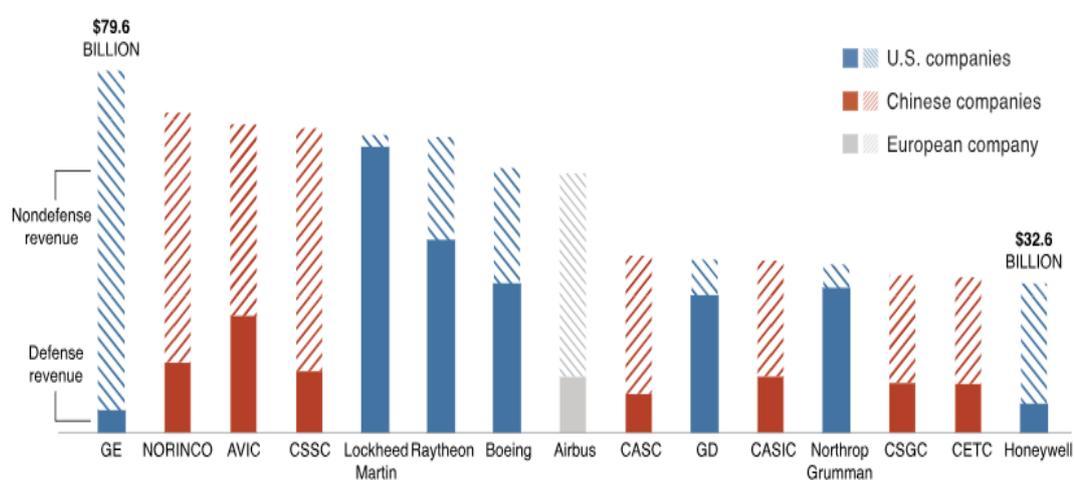
Para a classificação e análise das transferências militares sino-russas, este estudo contou com as categorias padronizadas do Registro de Armas Convencionais das Nações Unidas (UNROCA). Este registro abrange sistemas como aeronaves de combate, mísseis guiados e sistemas de defesa aérea, elementos centrais para a projeção de poder no domínio aéreo (SANTOS, 2024). Uma análise detalhada dos dados do UNROCA destaca a predominância de aeronaves de combate e motores aeronáuticos avançados no comércio militar sino-russo, categorias que refletem as prioridades estratégicas de ambas as nações no fortalecimento de suas capacidades aéreas (SANTOS, 2024). Esses itens representam não apenas uma parcela significativa do volume de transferências, mas também apontam para um interesse mútuo em dominar tecnologias críticas que consolidem vantagens estratégicas no ambiente de segurança global. Esse foco no domínio aéreo, caracterizado pelo fornecimento de caças avançados, motores para aeronaves de combate e sistemas de mísseis de longo alcance exemplifica a interdependência estratégica entre China e Rússia, enquanto ambas buscam reforçar suas capacidades defensivas e ofensivas frente a ameaças percebidas no cenário internacional.

A relevância dessa cooperação pode ser observada na presença de empresas chinesas no ranking das maiores indústrias de defesa do mundo. A **Figura 4** ilustra as quinze maiores empresas do setor de defesa, destacando a dominância de companhias dos Estados Unidos, China e Europa. A análise dos dados evidencia que empresas chinesas, como NORINCO, AVIC e CSSC, têm desempenhado um papel cada vez mais central na indústria global de armamentos, consolidando sua posição como atores estratégicos no fornecimento de tecnologia militar. Conforme aponta Weinbaum et al. (2022, p. 3), “seven of the world’s top 15 defense companies are Chinese, and many of them have directly benefited from Russian technology transfers.” O crescimento dessas empresas está diretamente associado à intensificação da cooperação militar sino-russa, sobretudo no desenvolvimento de aeronaves, motores e sistemas de defesa aérea.

O Modern War Institute (2023) destaca que a estratégia militar russa, moldada por décadas de desenvolvimento doutrinário, enfatiza o uso de tecnologia avançada como meio de dissuasão e projeção de poder, consolidando seu papel como

forneecedor de armas estratégicas para aliados como a China. Dados do Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI, 2024) mostram que, entre 2014 e 2024, as exportações Russas para China totalizaram 8.074 milhões em valores de indicadores de tendência (TIV), com motores (44%) e aeronaves (31%) sendo os principais itens. Esses números destacam a importância das transferências de tecnologia na modernização militar da China.

**Gráfico 4.** 15 Largest Defense-Related Firms in the World

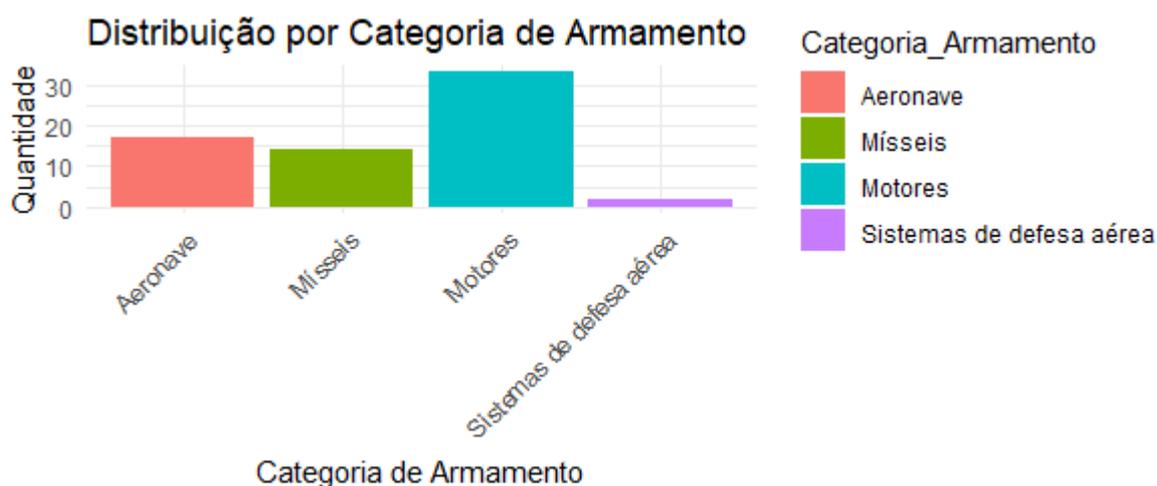


**Fonte:** RAND Corporation. Chinese and U.S. Defense Companies: How Do They Compare?. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2023. Disponível em: [https://www.rand.org/pubs/research\\_briefs/RBA930-1.html](https://www.rand.org/pubs/research_briefs/RBA930-1.html).

A seguir, o Gráfico 5 ilustra a distribuição de diferentes categorias dentro do total de transferências realizadas na última década. As categorias de motores, em particular, têm um peso significativo. Essa predominância está ligada aos esforços da China para reduzir suas deficiências tecnológicas em sistemas críticos para sua estratégia de defesa, enquanto a Rússia se beneficia economicamente dessas vendas, especialmente após a imposição de sanções ocidentais em 2014.

Além disso, o foco em sistemas de defesa aérea, como o S-400, sugere uma convergência de interesses geopolíticos. Para a Rússia, essas transferências reforçam seu papel como fornecedor dominante no mercado de armas de alta tecnologia. Para a China, esses sistemas servem para contrabalançar a crescente presença militar dos EUA na região da Ásia-Pacífico.

**Gráfico 5** - Distribuição por categoria de armamentos (2014-2023).



**Fonte:** Elaboração do autor com base em dados do Banco de Dados de Transferências de Armas do SIPRI.

### 5.3.3 Evolução do Comércio Militar

Os dados apresentados na **Figura 4** fornecem uma perspectiva temporal sobre as transferências militares entre a Rússia e a China, destacando as flutuações no volume e no valor dessas transações no período de 2014 a 2023.

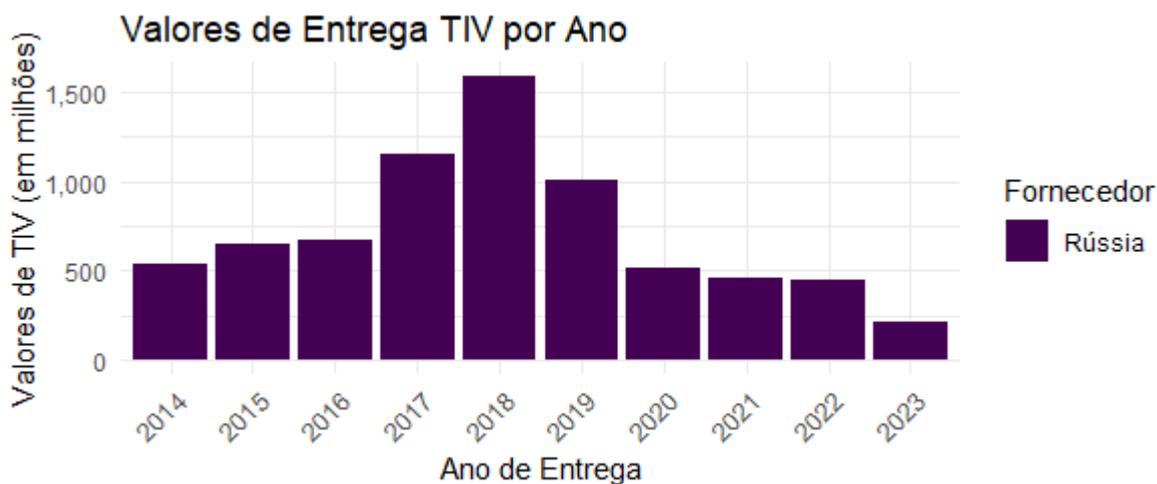
Entre 2014 e 2018, verificou-se um aumento significativo dos valores anuais das transferências, com picos em anos específicos. Esse crescimento pode ser atribuído a fatores contextuais, como a intensificação das sanções econômicas impostas à Rússia após a anexação da Crimeia e a escalada das tensões militares no Mar da China Meridional. Esses eventos estimularam a demanda por armamento avançado, incluindo aeronaves e sistemas de mísseis.

Após 2018, observa-se um declínio gradual nos valores de transferência, o que pode ser atribuído à crescente capacidade da China de desenvolver tecnologias militares internamente. A modernização de sua indústria de defesa, exemplificada pelo desenvolvimento de sistemas como os caças furtivos J-20, reduziu sua dependência de fornecedores estrangeiros, incluindo a Rússia.

No entanto, esse declínio também reflete mudanças na dinâmica sino-russa. Enquanto a Rússia enfrenta desafios econômicos e políticos, a China busca diversificar suas parcerias comerciais e solidificar sua posição como líder no mercado global de armas. Essa dinâmica ilustra como a cooperação sino-russa é um reflexo de

interesses estratégicos compartilhados e tensões subjacentes que moldam o relacionamento.

**Figura 6** - Valores anuais de entrega de TIV (2014-2023).



**Fonte:** Elaboração própria com dados do SIPRI Arms Transfers Database.

O gráfico apresentado exibe a relação entre os valores TIV e o ano de entrega, utilizando um modelo de regressão linear para capturar possíveis tendências temporais. A regressão é visualmente representada por uma linha vermelha, enquanto a dispersão dos dados é demonstrada por pontos azuis. A faixa cinza ao redor da regressão representa o intervalo de confiança, indicando a incerteza das previsões feitas pelo modelo. O objetivo principal desta análise é verificar se há uma tendência de crescimento nos valores TIV ao longo do tempo, utilizando estatísticas descritivas e inferenciais para fundamentar as conclusões.

Os dados utilizados para gerar este gráfico foram coletados do Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI) e a UNROCA (United Nations Register of Conventional Arms). O dataset inclui registros de valores transacionados para transferência internacional de armas (TIV) ao longo dos anos, especificando a data de entrega, tipos de armamentos e países envolvidos. Cada ponto no gráfico representa um contrato ou transação documentada, permitindo analisar padrões de evolução temporal. Antes da geração do gráfico, os dados passaram por um processo de limpeza e padronização no RStudio, utilizando pacotes como *tidyverse*, *dplyr* e *ggplot2*. As etapas incluíram a remoção de valores nulos, eliminação de duplicatas e a padronização das unidades de medida para garantir consistência. Além disso,

valores extremos (*outliers*) foram analisados para verificar se representavam erros de registro ou se eram eventos atípicos genuínos, como grandes contratos militares. O dataset é estruturado em formato *tidy data*, onde cada linha representa uma transação e cada coluna contém informações sobre o contrato, incluindo ano de entrega, valor TIV, origem e destino da transação. O ano de entrega é tratado como uma variável independente, enquanto os valores TIV são a variável dependente da análise. Essa organização permite uma melhor aplicação de modelos estatísticos e facilita a visualização dos padrões temporais.

Além disso, a escalada de conflitos globais e a intensificação das disputas estratégicas entre grandes potências, como China, Rússia e Estados Unidos, têm impulsionado gastos militares e transferências de tecnologia de defesa. A análise dos valores TIV ao longo dos anos pode fornecer *insights* valiosos para pesquisadores de relações internacionais, economia política e segurança global. Com base nas tendências identificadas, pode-se prever a direção do mercado de defesa, além de sugerir políticas de regulamentação e controle de armamentos. Estudos futuros podem aprofundar a análise utilizando modelos de séries temporais avançados, como ARIMA ou redes neurais, para prever variações futuras nos valores TIV.

Embora a regressão linear seja uma ferramenta útil para identificar tendências, ela não captura relações não-lineares ou impactos de variáveis externas, como crises econômicas ou mudanças na legislação de exportação de armas. Além disso, a dispersão elevada dos dados sugere que outras variáveis podem estar influenciando os valores TIV, como alianças políticas e tratados internacionais de controle de armamentos. Portanto, a análise deve ser complementada com abordagens estatísticas mais sofisticadas. Para refinar os resultados, seria interessante aplicar modelos de regressão múltipla, incorporando fatores como taxa de câmbio, crescimento do PIB militar dos países exportadores e crises regionais. Além disso, a inclusão de técnicas de *machine learning*, como *random forests* ou *boosting algorithms* pode ajudar a capturar relações não-lineares e interações complexas entre variáveis. Essas abordagens permitiriam uma modelagem mais robusta e preditiva do comércio internacional de armamentos.

### 5.3.4 Considerações e implicações para o sistema-mundo contemporâneo

Os dados apresentados na secção anterior destacam como as transferências militares sino-russas impactam diretamente o equilíbrio de poder na região da Ásia-Pacífico. A expansão das capacidades defensivas da China tem implicações significativas para sua postura estratégica em relação a Taiwan, ao Mar da China Meridional e à presença militar dos EUA na região.

A aquisição de sistemas avançados como o S-400 posiciona a China como uma potência militar emergente capaz de desafiar o domínio aéreo e naval ocidental. O Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS) observa que a invasão da Ucrânia pela Rússia expôs sua dependência tecnológica de sua indústria de defesa, um fator diretamente refletido na intensificação da cooperação com a China para resolver lacunas críticas. Essa dinâmica é essencial para entender como a China articula suas ambições regionais e globais. Como observado por Arrighi (1994), tais transições hegemônicas são frequentemente impulsionadas por novas potências econômicas que alavancam a modernização tecnológica para consolidar seu *status* no sistema internacional.

O Índice Herfindahl-Hirschman (HHI) revela que, embora a China tenha diversificado sua base industrial, ainda há uma alta concentração de dependência em setores-chave como os sistemas de defesa aérea, indicando vulnerabilidades estratégicas (WEINBAUM *et al.*, 2022, p. 5). Em última análise, a China têm ganhando autonomia e a Rússia tem-se tornando mais dependente da colaboração diante das sanções internacionais. Concomitantemente, ao fornecer tecnologias sensíveis, a Rússia fortalece seu papel como ator indispensável na indústria de defesa global. Essa estratégia permite que o país mitigue os impactos das sanções ocidentais e mantenha sua relevância geopolítica, mesmo em meio ao isolamento econômico e diplomático.

## 6 CONCLUSÕES

A análise conduzida nesta dissertação revelou que a cooperação militar sino-russa é um fenômeno multidimensional, estruturado por fatores históricos, econômicos e estratégicos que transcendem a conjuntura imediata da Guerra na Ucrânia. A articulação entre eventos históricos de longa duração e momentos críticos recentes diagnosticam como a relação entre China e Rússia se consolidou como um eixo de conveniência (LO, 2008), seguido por décadas de intercâmbio tecnológico permitindo que ambas as potências reforçassem sua posição frente às pressões ocidentais. O papel da Rússia como fornecedora de energia, recursos geoestratégicos e tecnologia militar avançada para a China – especialmente no que tange a sistemas aeroespaciais e de defesa aérea – ilustra como a transferência de conhecimento e equipamentos tornou-se um pilar essencial desse alinhamento. A partir dos conceitos de Wallerstein e Arrighi, define-se que essa dinâmica não apenas reconfigura as relações entre centro e periferia no sistema-mundo, mas também influencia o equilíbrio de poder global, consolidando um modelo de interdependência assimétrica.

Historicamente, a cooperação sino-russa se insere em um contexto mais amplo de alianças pragmáticas que desafiam o *status quo* da ordem global. Estudos anteriores sobre a Guerra Fria já evidenciaram padrões de colaboração entre potências revisionistas para contrabalancear a hegemonia ocidental. No entanto, o atual estágio dessa parceria se diferencia pela combinação entre interdependência econômica e militar, associada às transformações sistêmicas no eixo de poder global. Enquanto Moscou busca compensar seu isolamento econômico e militar imposto pelas sanções ocidentais, Pequim se beneficia dessa relação para acelerar sua ascensão econômica, política, reforçando sua capacidade de projeção de poder no Indo-Pacífico e além.

A evolução dessa aliança, mapeada através do *process tracing*, revelou como a Guerra na Ucrânia catalisou o aprofundamento na cooperação técnico-militar sino-russa. A anexação da Crimeia em 2014, os embargos impostos à Rússia e a escalada das hostilidades no *front* ucraniano consolidaram um movimento de aproximação entre Moscou e Pequim, especialmente na esfera de defesa e segurança. A partir desse cenário, a teoria dos Ciclos Sistêmicos de Acumulação de Arrighi permite apreender como a relação entre os dois países reflete padrões históricos de ascensão e declínio hegemônico, nos quais a transição do poder global ocorre por meio da

consolidação de novos polos econômicos e militares. A China, posicionada como a principal beneficiária dessa aliança, tem ampliado sua capacidade industrial e militar, explorando as vulnerabilidades russas para garantir acesso à tecnologia de ponta em setores estratégicos. Dessa forma, verifica-se que essa interdependência, embora mutuamente vantajosa, carrega elementos de desconfiança e rivalidade latente, especialmente à medida que Pequim avança rumo à autossuficiência tecnológica e reduz sua dependência da indústria de defesa russa.

A análise empírica dos dados demonstrou que, embora a Rússia continue sendo a principal fornecedora de sistemas de defesa à China, a participação de Moscou nesse mercado tem diminuído ao longo da última década. A crescente capacidade chinesa de desenvolver seus próprios caças de quinta geração, sistemas de mísseis hipersônicos e tecnologia naval avançada, ilustra que a cooperação sino-russa, apesar de estreita, é marcada por uma assimetria estratégica crescente. Esse fenômeno pode ser interpretado à luz das transformações do sistema internacional, no qual a China se consolida como potência emergente (ARRIGHI, 2008) com capacidade de redefinir as dinâmicas de poder global. Paralelamente, a Rússia, pressionada por dificuldades econômicas e sanções prolongadas, encontra-se cada vez mais subordinada às condições impostas por Pequim, o que levanta questionamentos sobre a sustentabilidade dessa parceria a longo prazo. Se, por um lado, a aliança sino-russa desafia a hegemonia ocidental, por outro, as diferenças estruturais entre os dois países sugerem que essa relação pode ser recalibrada caso os interesses geopolíticos de Pequim se afastem dos objetivos estratégicos de Moscou.

Em complementaridade, a abordagem de Walt e Krasner sobre alianças estratégicas oferece um quadro analítico com uma perspectiva mais ampla e complexa das dinâmicas atuais. Enquanto a Rússia se insere cada vez mais na esfera de influência chinesa, Pequim mantém sua postura pragmática, evitando compromissos que possam limitar sua liberdade de ação no cenário global. Essa relação é amplamente determinada por fatores conjunturais, como a necessidade russa de diversificar seus mercados de exportação militar e maior controle das rotas de escoamento de petróleo e gás natural, bem como a conveniência chinesa em adquirir tecnologia avançada a preços reduzidos. No entanto, a crescente assimetria entre os dois países levanta dúvidas sobre a perenidade dessa cooperação no longo prazo.

A multipolaridade emergente, defendida por alguns analistas como uma nova configuração do sistema internacional, pode significar um real deslocamento do poder, mas essa nova reconfiguração do sistema de fato representa a fragmentação de blocos e pólos de influência que coexistem em um ambiente de competição estratégica e rivalidade latente. Dessa forma, o presente estudo sugere que, embora a cooperação sino-russa represente um desafio significativo à ordem liderada pelo Ocidente, suas bases permanecem fluidas e suscetíveis a reconfigurações.

Nessa direção, a análise da Guerra na Ucrânia não pode ser reduzida a um conflito regional ou um choque de interesses momentâneos entre atores internacionais. O Complexo Militar Industrial Russo (ОПК), com suas capacidades avançadas em domínios como a dissuasão nuclear, sistemas hipersônicos e guerra cibernética, apresenta-se como um eixo central não apenas da estratégia russa de contenção ao Ocidente, mas também de um complexo tecnológico que, na medida em que é compartilhado ou integrado à estratégia chinesa (Weibaum *et. al*, 2022) redesenha as possibilidades de contestação ao *status quo*, representando uma estrutura avançada e estratégica no atual sistema-mundo, sendo simultaneamente alvo de cobiça por potências ocidentais e um dos principais motivos de inquietação para a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). A capacidade técnica e operacional da Rússia, em especial nas áreas aeroespacial, desafiou a coordenação e atualização do bloco ocidental, além disso a transferência das capacidades militares e industriais entre Rússia e China não ocorre no vácuo; ela reflete um alinhamento estratégico que ultrapassa o campo militar, ancorando-se em dinâmicas econômicas, políticas e ideológicas que desafiam diretamente a hegemonia ocidental.

A fragilidade europeia, demonstrada pela dependência estrutural dos Estados Unidos para garantir a coordenação e a modernização de suas forças armadas, torna-se um elemento crítico nesse cenário. O dispêndio exorbitante e a ineficácia estratégica na condução da guerra na Ucrânia não apenas escancararam a vulnerabilidade das potências europeias frente aos desafios do século XXI, mas também revelaram fissuras na própria OTAN enquanto aliança de segurança coletiva. Sem a liderança estadunidense, a Europa parece incapaz de desenvolver uma arquitetura de defesa que abranja todos os domínios da guerra contemporânea, como os terrestres, aéreos, navais e, especialmente, os cibernéticos e espaciais. Essa incapacidade não é apenas operacional, mas também estrutural: ela reflete as

limitações econômicas de um continente em declínio relativo frente à ascensão de potências emergentes.

Num cenário hipotético, suponha-se que a China obtenha acesso irrestrito às mais avançadas tecnologias militares russas. Não apenas as absorva, mas, com sua notória capacidade de engenharia reversa e sua escala industrial sem precedentes, as reproduza em volumes estratégicos e com letalidade ampliada. O equilíbrio estratégico se alteraria de forma irreversível. Em tal conjuntura, até que ponto os Estados europeus, já pressionados por restrições fiscais e incertezas políticas, estariam dispostos a sustentar um esforço dispendioso, sem qualquer garantia de dissuasão efetiva? O custo da contenção se tornaria uma incógnita impossível de precificar.

A análise do sistema-mundo precisa ser ajustada. A Rússia deve ser reconhecida como um vetor incontornável na equação da estabilidade estratégica global, tanto por seu *status* de potência nuclear quanto por seu papel como principal eixo de transferência de tecnologias críticas no domínio aeroespacial, naval e de dissuasão estratégica. As forças aeroespaciais representam o pilar fundamental da defesa contra ameaças exógenas, um imperativo para a salvaguarda da soberania estatal em face da superioridade tecnológica dos arsenais ocidentais. A história recente não permite ilusões: Hiroshima e Nagasaki demonstraram o impacto irreversível da supremacia aérea quando não há mecanismos adequados de contestação. Hoje, a militarização do espaço é uma variável incontornável, um teatro operacional que se insere no tabuleiro das grandes potências, condicionando o futuro da guerra.

E o modelo anglo-saxão de governança? Como se projeta frente a esse deslocamento de poder? Seu histórico operacional no século XXI reflete um padrão de intervenções custosas, sem qualquer consolidação de segurança duradoura. Afeganistão, Síria, Iraque, Vietnã – um ciclo reiterado de guerras assimétricas fracassadas, que apenas produziram instabilidade estrutural, estados falidos e zonas de conflito perpetuado. A justificativa sempre foi a segurança internacional, mas os interesses estratégicos sempre foram outros: acesso a recursos críticos, manutenção de esferas de influência e controle de corredores energéticos. O legado? Apenas territórios devastados, populações em desamparo e o enfraquecimento da própria legitimidade normativa do Ocidente. A ex-colônia britânica mais bem-sucedida, outrora locomotiva incontestável do sistema interestatal, agora experimenta as

contradições de sua própria ordem. Mas a ironia do sistema-mundo é implacável: aqueles que ditaram as regras por séculos agora assistem, com inquietação, ao deslocamento progressivo do centro de gravidade do poder global.

A Guerra na Ucrânia não é apenas um marco histórico, mas um evento que desvela os alicerces mais profundos do sistema internacional, expondo fissuras que parecem irreparáveis. Enquanto o conflito gera custos exorbitantes para o Ocidente e abre frestas estratégicas para potências como China e Rússia, ele também revela a precariedade de qualquer narrativa de poder consolidado. Para a China, a guerra pode parecer validar sua estratégia de parceria pragmática, mas o que acontece quando o equilíbrio que sustenta essa parceria pragmática desmorona? Para a Rússia, o conflito representa mais do que resistência às pressões externas; ele simboliza um teste existencial de sua própria relevância como potência. Contudo, à medida que esses questionamentos se entrelaçam, uma questão maior ecoa: e se essas ações, vistas como resistência e ascensão, forem apenas movimentos passageiros de um sistema condenado a se fragmentar? Esse marco histórico, portanto, não redefine apenas as linhas de ação e posicionamento das potências emergentes, mas também sugere que o próprio tabuleiro em que essas potências jogam pode ser ilusório, desintegrando-se enquanto tentamos compreendê-lo.

A cooperação militar sino-russa na última década emergiu como um fenômeno geopolítico e estratégico de relevância significativa para a reconfiguração da ordem internacional contemporânea. Este estudo teve como objetivo analisar as transferências de armas e tecnologias militares entre a China e a Rússia, explorando como essas interações moldam a dinâmica de poder na Ásia-Pacífico e no sistema internacional. A análise empírica, fundamentada em dados robustos e teorias estabelecidas, revelou não apenas os padrões de comércio bilateral, mas também as implicações estratégicas dessa relação, destacando a complexidade dos laços entre duas potências que, embora cooperativas, também enfrentam desafios decorrentes de interesses assimétricos.

Os achados fornecidos pelo SIPRI, foram suficientes para delinear as principais tendências das transferências militares. O uso do método de rastreamento de processos possibilitou o mapeamento de eventos-chave, como o impacto das sanções econômicas impostas à Rússia após 2014, que catalisaram o aumento das exportações russas de defesa, culminando em picos como os observados em 2018. Esses movimentos não apenas expõem a dependência da Rússia dos mercados

externos, mas também enfatizam como fatores contextuais, como a escalada das tensões no Mar da China Meridional, influenciam diretamente o relacionamento sino-russo.

De uma perspectiva teórica, a aplicação da Teoria da Dependência, Ciclos Sistêmicos de Acumulação e Análise de Sistemas-Mundo mostrou sua eficácia e validade para a compreensão do contexto internacional contemporâneo, possibilitado pelo quadro analítico que auxilia na interpretação dos movimentos estratégicos da China e da Rússia dentro de um contexto mais amplo. A análise empírica, quando integrada a essas abordagens, demonstrou como os interesses econômicos e geopolíticos convergem, ao mesmo tempo em que expõem as contradições internas dessa aliança. Enquanto a Rússia usa sua posição como fornecedor tecnológico para mitigar os impactos de seu isolamento econômico, a China diversifica suas fontes de armas e reduz sua vulnerabilidade a fornecedores externos, destacando um movimento estratégico para consolidar sua autonomia tecnológica e militar.

Além disso, a validade externa dos achados reforça sua aplicabilidade aos estudos em segurança internacional, sugerindo que a dinâmica observada no comércio sino-russo pode servir de referência para a análise de outras relações bilaterais em contextos multipolares emergentes. No entanto, é fundamental observar as limitações epistemológicas do estudo, uma vez que as transferências secretas e os acordos confidenciais, comuns no comércio de armas, permanecem fora do escopo das bases de dados analisadas. Apesar disso, a consistência dos resultados empíricos corrobora a validade das interpretações apresentadas.

A cooperação sino-russa, embora cooperativa em muitos aspectos, pode se tornar cada vez mais assimétrica, com a China se consolidando como uma potência central no sistema internacional e a Rússia enfrentando desafios internos e externos. Essa assimetria, no entanto, não diminui a relevância da parceria, que continua a ser um fator de impacto significativo no equilíbrio global de poder. A análise desenvolvida aqui não apenas fornece contribuições para os tomadores de decisão em segurança internacional e formuladores de políticas públicas, mas também contribui para uma compreensão mais ampla das transformações do sistema-mundo no século 21.

Sugere-se que pesquisas futuras expandam a análise empírica para incluir dados qualitativos, permitindo uma compreensão mais profunda das nuances políticas e estratégicas dessa relação. Além disso, novas abordagens metodológicas que integram análises regionais e setoriais são recomendadas para fornecer uma

avaliação mais abrangente das implicações da cooperação sino-russa para o sistema internacional. Ao conectar evidências empíricas a uma estrutura teórica robusta, este estudo busca avançar o debate acadêmico sobre as transformações geopolíticas e econômicas que moldam as relações do sistema-mundo contemporâneo. O debate repousa todas as alegações sobre a importância de mecanismos causais particulares ou conjuntos de forças causais alinhadas de forma semelhante. Na realidade, um conjunto de forças pode ser um fator determinante a ponto de sobrepujar a conjuntura inicial. Mas também é possível que o encerramento da guerra seja moldado por uma confluência de forças diferentes, algumas se apoiando mutuamente e outras se repelindo.

A era da dissuasão nuclear aérea emerge como um pilar das dinâmicas mais marcantes do sistema-mundo contemporâneo, definida pela capacidade estratégica de potências em projetar poder militar através de sistemas avançados de dissuasão nuclear e domínio aéreo. Desde o início da Guerra Fria, a integração de armamentos nucleares às plataformas aéreas transformou a segurança internacional, impondo uma lógica de equilíbrio pelo medo e pela capacidade de retaliação. Essa estratégia foi essencial para impedir conflitos diretos entre superpotências, mas também gerou novos desafios para a estabilidade global.

A Rússia, com sua ampla expertise técnico-militar, desempenha um papel central nesse contexto. Suas forças aeroespaciais são fundamentais para sustentar a dissuasão nuclear aérea, uma vez que integram mísseis balísticos intercontinentais, bombardeiros estratégicos de longo alcance e sistemas de defesa aérea capazes de interceptar ameaças de alta complexidade.<sup>39</sup> A modernização de plataformas como o Tu-160M, aliada ao desenvolvimento de mísseis hipersônicos como o Kinzhal, reforça a posição russa como líder em tecnologia de dissuasão aérea.<sup>40</sup> Esses avanços permitem à Rússia deter ameaças vindas não apenas do espaço aéreo, mas também de satélites armados e outras tecnologias emergentes vinculadas à militarização do espaço.<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE. Hypersonic Weapons: Background and Issues for Congress. 2 jan. 2025. Disponível em: <https://sgp.fas.org/crs/weapons/R45811.pdf>.

<sup>40</sup> REUTERS. Russia doubles 2023 defense spending plan as war costs soar. 4 ago. 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/russia-doubles-2023-defence-spending-plan-war-costs-soar-document-2023-08-04>.

Nesse sentido, a militarização do espaço e a integração de capacidades aéreas com plataformas orbitais tornaram-se elementos críticos na era da dissuasão nuclear. A Rússia e a China têm expandido suas capacidades nesse domínio, desenvolvendo satélites capazes de realizar vigilância, guerra eletrônica e ataques cinéticos contra alvos estratégicos. Essa dinâmica resgata os temores da corrida armamentista dos anos 1980, marcada pela Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI) dos Estados Unidos, que amplia o espectro da dissuasão para além da superfície terrestre.

A dissuasão aérea, no entanto, não se limita à Rússia. A China, através de sua parceria estratégica com Moscou, tem avançado rapidamente em sua capacidade de integrar tecnologia de dissuasão nuclear aérea. Com o desenvolvimento de bombardeiros furtivos como o H-20 e a ampliação de seu arsenal de mísseis balísticos de médio e longo alcance, Pequim consolida sua posição como um ator central na transformação do paradigma de segurança global. A cooperação sino-russa nesse campo é particularmente preocupante para o Ocidente, uma vez que possibilita a troca de tecnologias avançadas que potencializam as capacidades militares de ambos os países, gerando um salto qualitativo e quantitativo na dissuasão nuclear.

Do outro lado, os Estados Unidos e seus aliados da OTAN enfrentam desafios crescentes para manter sua superioridade estratégica. Embora os EUA continuem a ser líderes globais em capacidade militar e inovação tecnológica, os fracassos nas guerras no Afeganistão, Iraque e Síria evidenciam limitações na aplicação de seu poder militar. Além disso, o dispêndio excessivo de recursos em conflitos prolongados prejudicou a capacidade de investimento em novas tecnologias de dissuasão aérea e espacial. A guerra na Ucrânia expôs ainda mais as fragilidades do Ocidente. A coordenação da OTAN foi desafiada, não apenas na esfera militar, mas também no campo político e logístico. A Rússia, por sua vez, utilizou o conflito como um laboratório de guerra moderno, testando novos sistemas de mísseis e drones em larga escala. Isso ressalta a importância da integração entre tecnologia, doutrina militar e capacidade estratégica na manutenção de um sistema de dissuasão eficaz.

Para compreender a era da dissuasão nuclear aérea, é fundamental reconhecer o papel da transferência tecnológica no sistema-mundo. A Rússia tem servido como um canal crucial de tecnologias avançadas para países da semiperiferia,

---

<sup>41</sup> RMY UNIVERSITY PRESS. Hypersonic Capabilities: A Journey from Almighty Threat to Tactical Applications. Março 2024. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/March-2024/Hypersonic-Capabilities/>.

como China e Índia, fortalecendo suas capacidades militares. Conforme argumentam Wallerstein (2004) e Arrighi (1994), essas transferências podem alterar o equilíbrio de poder global, desafiando a hegemonia ocidental e permitindo que novas potências reestruturem as dinâmicas centro-periferia. Essa era de dissuasão também destaca a importância da segurança cibernética. Sistemas de comando e controle nucleares, integrados a redes digitais, estão cada vez mais expostos a ataques cibernéticos que podem comprometer a confiabilidade de arsenais estratégicos. A interseção entre o domínio aéreo, espacial e cibernético transforma a segurança internacional em um campo de batalha multidimensional, onde a dissuasão não se limita mais a capacidades físicas, mas abrange também a proteção de sistemas virtuais. A era da dissuasão nuclear aérea é mais do que um componente da segurança internacional contemporânea; ela é uma chave para compreender os padrões emergentes de poder global no século XXI. O avanço das potências emergentes, aliado às fragilidades do Ocidente, redefine o equilíbrio estratégico e sugere que o futuro da segurança internacional será moldado pela interação entre tecnologia, geopolítica e capacidade de adaptação às novas dinâmicas do sistema-mundo. Além disso, a militarização do espaço e o avanço das capacidades aeroespaciais emergem como vetores determinantes da segurança global. A cooperação sino-russa não se restringe à defesa convencional, mas também abrange domínios como cibersegurança e guerra eletrônica. A interseção entre tecnologia aeroespacial, sistemas de defesa e estratégias de dissuasão nuclear estabelece um novo paradigma de competição estratégica, cujas implicações ainda estão em expansão.

Com base nos achados deste estudo, sugere-se que futuras pesquisas aprofundem a análise qualitativa sobre os desdobramentos dessa parceria, integrando fontes primárias e entrevistas com especialistas. Ademais, a utilização de modelagem preditiva pode contribuir para estimar cenários futuros e avaliar como a cooperação sino-russa pode evoluir dentro do contexto do sistema-mundo contemporâneo.

Em conclusão, a relevância deste estudo reside na sua capacidade de situar a cooperação sino-russa dentro de um quadro analítico mais amplo, explorando suas implicações para a dinâmica da ordem global. O sistema internacional se encontra em um momento de transição, e as relações entre potências emergentes serão determinantes para a conformação do novo equilíbrio global. Se essa parceria se consolidar ou se fragmentar, dependerá da interação de variáveis econômicas, militares e estratégicas. No entanto, uma coisa é certa: as implicações dessa relação

ultrapassam o presente e moldarão os contornos da geopolítica nas próximas décadas.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARYA, Amitav. **The End of American World Order**. Polity, 2014.

ALLISON, R. Russia resurgent? Moscow's campaign to 'coerce Georgia to peace'. **International Affairs**, 84(6), 1145-1171. 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1468-2346.2008.00762.x>

ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli (org.). **O Renascimento de uma potência? : a Rússia no século XXI**. Brasília: Ipea, 2012. 206 p. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3042/1/Livro-O renascimento de uma pot%C3%Aancia-a R%C3%BAssia no s%C3%A9culo XXI](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3042/1/Livro-O%20renascimento%20de%20uma%20pot%C3%Aancia-a%20R%C3%BAssia%20no%20s%C3%A9culo%20XXI) Acesso em: 09 set. 2023.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI**. São Paulo: Editora Boitempo, 2008. 412 p.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: Origens e Fundamentos do Século XXI**. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

ASIA SOCIETY POLICY INSTITUTE'S CENTER FOR CHINA ANALYSIS. **China 2024: What to Watch**. Nova York: Asia Society Policy Institute, janeiro de 2024. Disponível em: <https://asiasociety.org>. Acesso em: 15 abr. 2024].

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento: apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2012. 4 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2012. 3 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. 7 p.

ÅTLAND, Kristian. **War, diplomacy, and more war: why did the Minsk agreements fail?** *International Politics*, 2024. 21 p. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41311-024-00637-x>. Acesso em: 13 jan. 2025.

BACHULSKA, Alicja; LEONARD, Mark. **China and Ukraine: The Chinese debate about Russia's war and its meaning for the world**. *European Council on Foreign Relations (ECFR)*, London, n. 501, p. 2-13, 11 Jul. 2023. Local de publicação: 4th floor, Tennyson House, 159-165 Great Portland Street, London W1W 5PA, United Kingdom. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/resrep52064#:~:text=,publications%20available%20in%20open%20access>. Acesso em: 06 out. 2023.

BANCO MUNDIAL. **World Development Indicators**. 2024. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/china>. Acesso em: 20. fev de 2024.

BANCO MUNDIAL. **World Development Indicators: Europe & Central Asia**. 2024. Disponível em: <https://data.worldbank.org/region/europe-and-central-asia>. Acesso em: 20 fev. de 2024.

BANCO MUNDIAL. **World Development Indicators**. 2024. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/united-states>. Acesso em: 20 fev. de 2024.

BANCO MUNDIAL. **World Development Indicators**. 2024. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/ukraine>. Acesso em: 20 fev. de 2024.

BANCO MUNDIAL. **World Development Indicators**. 2024. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/russia>. Acesso em: 20 fev. de 2024.

BUNCHIN, M.; BELOVA, Y. Вооруженные Силы Российской Федерации: их состав и предназначение. Армейский Сборник, **Ministério da Defesa da Federação Russa**, n.º 1, 2023. Disponível em: <https://army.ric.mil.ru/Stati/item/460541/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

CEBRI. (2021). **Perspectivas para a cooperação sino-brasileira**. Disponível em: <https://cebri.org/br>.

CENTER FOR STRATEGIC AND INTERNATIONAL STUDIES (CSIS). **Russia in the World After 2022: Moscow's Foreign and Domestic Policy in a Time of Change**. Washington, D.C.: CSIS, 2022. Disponível em: <https://www.csis.org/programs/europe-russia-and-eurasia-program/projects/russia-world-after-2022-moscows-policy>. Acesso em: 25 jan. 2025.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). **The World Factbook: China**. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/china/>. Acesso em: 20 fev. de 2024

CHA, Victor. **North Korea Sends Ammunitions to Russia**. CENTER FOR STRATEGIC AND INTERNATIONAL STUDIES (CSIS). Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/north-korea-sends-ammunitions-russia>. Acesso em: 25 fev. 2024.

CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE. **Hypersonic Weapons: Background and Issues for Congress**. 2 jan. 2025. Disponível em: <https://sgp.fas.org/crs/weapons/R45811.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2025.

COOPER, Andrew F., e Farooq, Asif B. **The BRICS and the Future of Global Order**. Lexington Books, 2015.

COVINGTON, Megan. **Editing Vs. Revising Your Dissertation**. The People's Editor. 30 mar. Disponível em: <https://thepeopleseditor.com/blog/editing-vs-revising-your-dissertation>. Acesso em: 13 jan. 2024.

DIAS DA SILVA, E. M. (2022). **A Perspectiva da África do Sul, China e Índia sobre a Invasão da Ucrânia: Uma Interpretação**. GEBRICS. Disponível em:

<https://sites.usp.br/gebrics/artigo-de-opinioa-a-perspectiva-da-africa-do-sul-china-e-india-sobre-a-invasao-da-ucrania-uma-interpretacao/>. Acesso em: 6 jan. 2025.

**Большая российская энциклопедия.** Оборонно-промышленный комплекс [Complexo Industrial de Defesa]. Научно-образовательный портал Большой российской энциклопедии. (2024). Disponível em: <https://bigenc.ru/c/oboronno-promyshlennyi-kompleks-b92cd5/?v=10314802>. Acesso em: 9 jan. 2025. Publicado em: 24 apr. 2024.

EURODEFENSE PORTUGAL. **A importância geopolítica do Ártico.** Disponível em: <https://eurodefense.pt/a-importancia-geopolitica-do-artico/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

**DECLARAÇÃO CONJUNTA da Federação Russa e da República Popular da China sobre as Relações Internacionais Entrarem em uma Nova Era e o Desenvolvimento Global Sustentável.** Disponível em: <https://www.defesenet.com.br/armas/declaracao-conjunta-da-federacao-russa-e-o-republica-popular-da-china-sobre-as-relacoes-internacionais-entrarem-em-uma-nova-era-e-do-desenvolvimento-global-sustentavel/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

DOWNS, Erica S. **The Chinese-Russian Energy Partnership: The Limits of Strategic Partnership.** Energy Policy, [S.l.], v. 38, n. 5, p. 2676-2682, May 2010.

DUFFIELD, John. Alliances. In: WILLIAMS, Paul (Comp.). **Security Studies: An Introduction.** Nova Iorque: Routledge, 2008.

DUGGAN, N., HOOIJMAAIJERS, B., REWIZORSKI, M., & ARAPOVA, E. (2022). Introdução: Os BRICS, Governança Global e Desafios para a Cooperação Sul-Sul num Mundo Pós-Occidental'. **International Political Science Review**, 43(4), 469-480. <https://doi.org/10.1177/01925121211052211>

FENG, Yi. Global Power Transitions and Their Implications for the 21st Century. **Pacific Focus**, vol. XXVIII, n. 2, agosto de 2013, pp. 170-189. DOI: 10.1111/pafo.12007. Disponível em: <http://research.cgu.edu/economic-policy-studies/wp-content/uploads/sites/25/2021/02/Feng-PF-2013-Global-Power.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024

FIORI, José Luís. **Sobre a guerra.** Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

FISCHER, Sabine. **The Donbas Conflict: Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process.** Berlin: Stiftung Wissenschaft und Politik, German Institute for International and Security Affairs, Apr. 2019. 35 p. (SWP Research Paper 5). Disponível em: [https://www.swp-berlin.org/publications/products/research\\_papers/2019RP05\\_fhs.pdf](https://www.swp-berlin.org/publications/products/research_papers/2019RP05_fhs.pdf)

Fundo Monetário Internacional. China, R.P.: Mainland. **International reserves and foreign currency liquidity.** Disponível em: <https://www.imf.org/external/np/sta/ir/IRProcessWeb/data/chn/eng/curchn.htm>. Acesso em: 10 maio 2024.

G1. Por que a compra do Alasca pelos EUA foi um dos melhores negócios da história? **G1 Mundo**, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/por-que-a-compra-do-alasca-pelos-eua-foi-um-dos-melhores-negocios-da-historia.ghtml>. Acesso em: 21 jan. 2025.

GABRIEL, Satyananda J. Minqi Li, The Rise of China and the Demise of the Capitalist World Economy. **Journal of Chinese Political Science**, v. 15, n. 1, p. 121-122, mar. 2010. DOI: 10.1007/s11366-009-9087-1. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11366-009-9087-1>. Acesso em: 15 de abr. 2015

GEORGE, Alexander L.; BENNETT, Andrew. **Case studies and theory development in the social sciences**. Cambridge: MIT Press, 2007. Part I, Chapter 1, p. 1-36.

GERMANO, William. **From Dissertation to Book** 2nd ed. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

GERRING, John. **Case study research: principles and practices**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

GLENNAN, Stuart S. **Mechanisms and the nature of causation**. *Erkenntnis*, v. 44, n. 1, p. 49-71, 1996.

GORENBURG, Dmitry; SCHWARTZ, Paul; WAIDELICH, Brian; WHISNICK, Elizabeth; com contribuições de CHESNUT, Mary; LENNOX, Brooke. **Russian-Chinese Military Cooperation: An Increasingly Unequal Partnership**. Arlington: Center for Naval Analyses, março de 2023. Disponível em: <https://www.cna.org/reports/2023/05/russian-chinese-military-cooperation>. Data de acesso: 15 abr 2024.

GREITENS, Sheena Chestnut. China's Response to War in Ukraine. **Asian Survey**, [S.L.], v. 62, n. 5-6, p. 751-781, set. 2022. University of California Press. <http://dx.doi.org/10.1525/as.2022.1807273>.

HANNAS, William C.; MULVENON, James; PUGLISI, Anna B. **Chinese Industrial Espionage: Technology Acquisition and Military Modernization**. Routledge, 2013. Disponível em: <https://www.cia.gov/resources/csi/studies-in-intelligence/volume-59-no-4/chinese-industrial-espionage-technology-acquisition-and-military-modernization/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Harvard Kennedy School. (2023). **Russia-Ukraine War: Insights and Analysis**. Disponível em: <https://www.hks.harvard.edu/russia-ukraine-war-insights-analysis#:~:text=%23%20%E3%80%90%E2%80%A0Russia,it%20means%20for%20the%20world>. Acesso em: 02 nov. 2023

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004. Disponível em: <https://gpect.files.wordpress.com/2013/11/david-harvey-o-novo-imperialismo.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2025.

HUNG, Ho-fung. **The China Boom: Why China Will Not Rule the World**. New York: Columbia University Press, 2016.

KACZMARSKI, Marcin. Non-western visions of regionalism: China's New Silk Road and Russia's Eurasian Economic Union. **International Affairs**, [S.l.], v. 91, n. 6, p. 1137-1152, Nov. 2015. Disponível em: [https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/images/ia/INTA93\\_6\\_04\\_Kaczmarski.pdf](https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/images/ia/INTA93_6_04_Kaczmarski.pdf). Acesso em: 12 maio 2024.

KHRUSHCHEVA, Nina L. China y Rusia: una fraternidad frágil. Nueva Sociedad, junho de 2024. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/la-fragil-fraternidad-de-china-y-rusia/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

KIRSCHBAUM, Charles. Decisões entre pesquisas quali e quanti sob a perspectiva de mecanismos causais. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, v. 28, p. 179-193, 2013.

KOROSTIKOV, Mikhail. Is Russia Really Becoming China's Vassal? **Carnegie Politika**, 6 jul. 2023. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/russia-eurasia/politika/2023/07/is-russia-really-becoming-chinas-vassal?lang=en&center=russia-eurasia>. Acesso em: 18 jan. 2025.

KOROSTIKOV, Mikhail. Xi in Moscow: Russia Offers China a Glimpse of Its Own Future. **Carnegie Politika**, 24 mar. 2023. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/russia-eurasia/politika/2023/03/xi-in-moscow-russia-offers-china-a-glimpse-of-its-own-future?lang=en>. Acesso em: 18 jan. 2025.

KRASNER, Stephen D. Regimes and the Limits of Realism: Regimes as Autonomous Variables. **International Organization**, [S.l.], v. 36, n. 2, p. 185-205, Spring 1982. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/2706531.pdf>

KRASNER, Stephen D. Causas estruturais e consequências dos regimes internacionais: regimes como variáveis intervenientes. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 20, n. 42, p. 93-110, jun. 2012.

KROENIG, Matthew. **How to deter Russian nuclear use in Ukraine—and respond if deterrence fails. Memo to the President**. Atlantic Council, 2022. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/in-depth-research-reports/report/a-strategy-for-deterring-russian-de-escalation-strikes/>. Acesso em: 13 jan. 2025.

LEAL RÊGO, Alana Karla Monteiro; SILVA, Pedro Allemand Mancebo. Poder marítimo e segurança energética no Ártico Russo. **6º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais**, 2017. Disponível em: [https://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498435113\\_ARQUIVO\\_PO\\_DERMARITIMOESEGUANCAENERGETICANOARTICORUSSO.pdf](https://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498435113_ARQUIVO_PO_DERMARITIMOESEGUANCAENERGETICANOARTICORUSSO.pdf). Acesso em: 21 jan. 2025.

LEÃO, R. P. F.; MARTINS, A. R. A.; NOZAKI, W. V. A ascensão chinesa e a nova geopolítica e geoeconomia das relações sino-russas. In: ACIOLY, L.; LEÃO, R. P. F.;

PINTO, E. C. (Org.) **China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos**. Brasília: Ipea, 2011.

LEE, R.; WALLERSTEIN, I. Overcoming the Two Cultures: Science versus the Humanities in the Modern World-System. In: WALLERSTEIN, I. (Ed.) **The Modern World-System**. New York: Routledge, 2000. Cap. 5, p. 45-60.

LO, Bobo. **Axis of Convenience: Moscow, Beijing, and the New Geopolitics**. Washington, D.C.: Brookings Institution Press, 2008.

LO, Bobo. **The Sino-Russian Partnership and Global Order**. [Vídeo]. Inside Livermore Lab. Publicado em 12 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YMqbuXqm69w>. Acesso em: 6 jan. 2025.

LIU, Mingfu. **The China Dream: Great Power Thinking and Strategic Posture in the Post-American Era**. New York: CN Times Books, 2010.

MACKINDER, H. J. **Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction (and others essays)**. Washington, D.C.: National Defense University Press, 1996.

MAHONEY, J.; GOERTZ, G. A Tale of Two Cultures: Contrasting Quantitative and Qualitative Research. **Political Analysis**, New York, v.14, n.227, p.227-249, 2006.

MANNERS, Ian. Normative Power Europe: A Contradiction in Terms? **Journal of Common Market Studies**, v. 40, n. 2, p. 235-258, 2002. Disponível em: <https://www.princeton.edu/~amoravcs/library/mannersnormativepower.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8317651/mod\\_folder/content/0/Marconi%3B%20Laka%202003.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8317651/mod_folder/content/0/Marconi%3B%20Laka%202003.pdf). Acesso em: 17 jan. 2025.

MEARSHEIMER, John J. **"The Tragedy of Great Power Politics"**. New York: W.W. Norton & Company, 2001.

MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault: The Liberal Delusions That Provoked Putin. **Foreign Affairs**, v. 93, n. 5, p. 77-89, 2014. Disponível em: <https://www.mearsheimer.com/wp-content/uploads/2019/06/Why-the-Ukraine-Crisis-Is.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MEARSHEIMER, John J. **The Causes and Consequences of the Ukraine War**. Palestra ministrada no Instituto de Estudos Internacionais de Chicago, 15 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qciVozNtCDM>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MICHIGAN STATE UNIVERSITY. **Revising a Dissertation**. Disponível em: <https://msupress.org/author-information/prospective-authors/dissertation-revisions/>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MODELSKI, George. The study of alliances: a review. **Journal Of Conflict Resolution**, n. 7, p.261-269, 1963.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN). The North Atlantic Treaty. 04 abr. 1949. Disponível em: [https://www.nato.int/cps/en/natolive/official\\_texts\\_17120.htm](https://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_17120.htm). Acesso em: 12 dez. 2023.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN). NATO's nuclear deterrence policy and forces. 2023. Disponível em: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_50068.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_50068.htm). Acesso em: 17 nov. 2023.

PEARL, Judea. **Causality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

РОССИЙСКАЯ ФЕДЕРАЦИЯ. Федеральный закон от 31 мая 1996 г. № 61-ФЗ "Об обороне". **Официальный интернет-портал правовой информации**. Disponível em: <https://publication.pravo.gov.ru/document/0001202403230017>. Acesso em: 9 jan. 2025.

RADIN, Andrew; SCOBELL, Andrew; TREYGER, Elina; WILLIAMS, J.D.; MA, Logan; SHATZ, Howard J.; ZEIGLER, Sean M.; HAN, Eugeniu; REACH, Clint. **China-Russia Cooperation: Determining Factors, Future Trajectories, Implications for the United States**. Santa Monica, Calif.: RAND Corporation, 2021. ISBN: 978-1-9774-0440-4. Disponível em: [https://www.rand.org/pubs/research\\_reports/RR3067.html](https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR3067.html). Acesso em: 11 dez. 2023.

RAGIN, C. El uso de los métodos cualitativos para el estudio de los aspectos comunes. In: RAGIN, C. (Ed.) **La construcción de la investigación social**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. Cap. 4, p. 143-176.

\_\_\_\_\_. El uso de los métodos comparativos para estudiar la diversidad. In: RAGIN, C. (Ed.) **La construcción de la investigación social**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. Cap. 5, p. 177-199.

REUTERS. Russia doubles 2023 defense spending plan as war costs soar. 4 ago. 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/russia-doubles-2023-defence-spending-plan-war-costs-soar-document-2023-08-04>.

RMY UNIVERSITY PRESS. Hypersonic Capabilities: A Journey from Almighty Threat to Tactical Applications. Março 2024. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/March-2024/Hypersonic-Capabilities/>.

ROZMAN, Gilbert. **The Sino-Russian Challenge to the World Order: National Identities, Bilateral Relations, and East versus West in the 2010s**. Washington, D.C.: Woodrow Wilson Center Press, 2014.

**RÚSSIA. Presidência da Federação Russa.** Discurso do Presidente Vladimir Putin sobre a adesão da Crimeia à Federação Russa. Kremlin, Moscou, 18 mar. 2014. Disponível em: <https://en.kremlin.ru/events/president/news/20603>. Acesso em: 10 jan. 2025.

**RÚSSIA. Presidência da Federação Russa.** Trechos de discurso à nação de Vladimir Putin, Presidente da Federação da Rússia, de 21 de setembro de 2022. Disponível em: <https://brazil.mid.ru/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

SAICH, Anthony; BUNN, Matthew; ROSENBAACH, Eric; BORN, Dana; ALLISON, Graham; HAUSMANN, Ricardo. **Lessons from a year of wait in Ukraine.** Cambridge: Harvard Kennedy School, 21 fev. 2023. Disponível em: <https://www.hks.harvard.edu/faculty-research/policy-topics/international-relations-security/lessons-year-war-ukraine>. Acesso em: 15 ago. 2023

SANTOS, Wander Catarina dos. Sino-Russian Military Cooperation: Impact on China's Air Defense System. In: **XXVI ENPÓS – ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO**, 2024, Pelotas. *Anais...* Pelotas: Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), 2024. Disponível em: [https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2024/SA\\_03377.pdf](https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2024/SA_03377.pdf). Acesso em: 11 mar. 2025.

SCHWARTZ, Paul. **The Changing Nature and Implications of Russian Military Transfers to China.** Washington, D.C.: Center for Strategic & International Studies (CSIS), junho de 2021. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/changing-nature-and-implications-russian-military-transfers-china>. Acesso em: 15 abr. 2024

SCHWELLER, Randall L.; PU, Xiaoyu. After Unipolarity: China's Visions of International Order in an Era of U.S. Decline. **International Security**, [S.l.], v. 36, n. 1, p. 41-72, 2011. The MIT Press. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41289688>. Acesso em: 20 fev. 2024.

SILVA, Antonio Henrique Lucena. (2011). Teoria das alianças e os BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China): uma análise de sua formação e dinâmica. In: **3º ENCONTRO NACIONAL ABRI 2011**, São Paulo. Proceedings online. Associação Brasileira de Relações Internacionais Instituto de Relações Internacionais - USP. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000122011000100026&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000122011000100026&lng=en&nrm=abn). Acesso em: 19 Mar. 2024.

STANKO, J. C. (2022). The Future of Sino-Russian Relations in the Russian Far East: A Stable but Not Impervious Equilibrium. **Global Studies Quarterly**. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/isagsq/ksac050>. Acesso em: 20 fev de 2024.

STRONSKI, Paul; NG, Nicole. **Cooperation and Competition: Russia and China in Central Asia, the Russian Far East, and the Arctic.** Washington, D.C.: Carnegie Endowment for International Peace, 2018. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/2018/02/28/cooperation-and-competition-russia-and-china-in-central-asia-russian-far-east-and-arctic-pub-75673>. Acesso em: 6 jan. 2025.

**STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE (SIPRI).** World's top arms producers see revenues rise back wars and regional tensions. Solna:

SIPRI, 2024. Disponível em: <https://www.sipri.org/media/press-release/2024/worlds-top-arms-producers-see-revenues-rise-back-wars-and-regional-tensions>. Acesso em: 21 jan. 2025.

STUENKEL, Oliver. **Post-Western World: How Emerging Powers Are Remaking Global Order**. Polity, 2016.

TILLY, Charles. **Coerção, capital e Estados europeus**; (tradução Geraldo Gerson de Souza). São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1996.

TRUSH, S. M. Crisis between Russia and Ukraine: the China factor. **Herald Of The Russian Academy Of Sciences**, [S.L.], v. 92, n. 7, p. 595-600, dez. 2022. Pleiades Publishing Ltda. <http://dx.doi.org/10.1134/s1019331622130093>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1134/S1019331622130093#:~:text=,national%20states%20meaning%20Ukraine%20indirectly>. Acesso em: 25 out. 2023

UNIÃO EUROPEIA. **Regulamento (UE) 2021/697 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de abril de 2021**. Cria o Fundo Europeu de Defesa e revoga o Regulamento (UE) 2018/1092. Jornal Oficial da União Europeia, L 170, 12 maio 2021. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/eli/reg/2021/697/oj>. Acesso em: 21 jan. 2025.

UNROCA. **United Nations Register of Conventional Arms**. Disponível em: <https://www.unroca.org/>. Acesso em: 13 out. 2024.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. NEW START Treaty. 2023. Disponível em: <https://www.state.gov/new-start/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O Sistema mundial moderno: agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI**. São Paulo: Hucitec, 1974.

WALLERSTEIN, Immanuel. Geopolitical strategies of the U.S. in a post-American world. **Humboldt Journal of Social Relations**, Arcata, v. 18, n. 1, p. 217-223, 1992. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23262632>. Acesso em: 27 dez. 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. The West, Capitalism, and the Modern World-System. **Review (Fernand Braudel Center)**, v. 15, n. 4, p. 561-619, 1992. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40241239>. Acesso em: 21 jan. 2025.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Geopolítica e Geocultura: Ensaios sobre o Sistema-Mundo Moderno**. Tradução de Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Cortez Editora, 1999. Disponível em: <https://arxiujosepserradell.cat/wp-content/uploads/2023/02/Geopoli%CC%81tica-y-Geocultura-Immanuel-Wallerstein.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2025.

WALLERSTEIN, Immanuel. The World-System After the Cold War. **Journal of Peace Research**, 30(1), 1–6. 1993. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/424718>. Acesso em: 13 de jan. de 2023.

WALLERSTEIN, Immanuel. **World-Systems Analysis: An Introduction**. 5. ed. Durham and London: Duke University Press, 2004.

WALT, Stephen. **The Origins of Alliances**. Ithaca: Cornell University Press, 1987. Yearbooks. Estocolmo: Oxford University Press.

WALT, Stephen. Alliances in a Unipolar World. **World Politics**, p. 86-120. jan. 2009.

WALT, Stephen M. Why Arming Kiev Is a Really, Really Bad Idea. **Foreign Policy**, 09 fev. 2015. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2015/02/09/how-not-to-save-ukraine-arming-kiev-is-a-bad-idea/>. Acesso em: 22 de fev. 2024

WEINBAUM, C.; O'CONNELL, C.; POPPER, S. W.; BOND, M. S.; BYRNE, H. J.; CURRIDEN, C.; FAUERBACH, G.; LILLY, S.; MONDSCHHEIN, J.; SCHMID, J. **Assessing Systemic Strengths and Vulnerabilities of China's Defense Industrial Base**. RAND Corporation Research Brief, California, v.1, p.1-12, 2022. Disponível em: [https://www.rand.org/pubs/research\\_briefs/RBA930-1.html](https://www.rand.org/pubs/research_briefs/RBA930-1.html). Acesso em: 13 set. 2024.

ZHANG, Wenmu. **Maritime Strategy and China's Security**. Beijing: University of Aeronautics and Astronautics Press, 2016.

ZHAO, Huasheng. Explaining China's reaction to the Russia–Ukraine crisis. **China International Strategy Review**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 24-46, 12 maio 2023. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s42533-023-00129-2>.

\_\_\_\_\_. Understanding China's Policy in the Russia-Ukraine War and Implications for China-US Relations. **The Diplomat**. Washington, Dc, p. 1-10. 12 nov. 2023. Disponível em: <https://thediplomat.com/2023/11/understanding-chinas-policy-in-the-russia-ukraine-war-and-implications-for-china-us-relations/>. Acesso em: 21 nov. 2023.